

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO  
MESTRADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Gustavo Claudiano Martins

A FÉ QUANDO AS MONTANHAS SE MOVEM: A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DAS  
VÍTIMAS DA CATÁSTROFE NATURAL NA REGIÃO SERRANA DO RIO DE  
JANEIRO.

Juiz de Fora - MG

2016

Gustavo Claudiano Martins

A fé quando as montanhas se movem: a experiência religiosa das vítimas da catástrofe natural na região serrana do Rio de Janeiro.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Religião, Cultura e Sociedade, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Arnaldo Érico Huff Júnior

Juiz de Fora - MG  
2016

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Martins, Gustavo Claudiano.

A fé quando as montanhas se movem: a experiência religiosa das vítimas da catástrofe natural na região serrana do Rio de Janeiro. / Gustavo Claudiano Martins. -- 2016.  
153 p.

Orientador: Arnaldo Érico Huff Júnior

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2016.

1. Desastres Naturais. 2. Sentido de Vida. 3. Esperança. 4. Religião como Linguagem. 5. Otimismo trágico. I. Huff Júnior, Arnaldo Érico, orient. II. Título.

Gustavo Claudiano Martins

A fé quando as montanhas se movem: a experiência religiosa das vítimas da catástrofe natural na região serrana do Rio de Janeiro.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Religião, Cultura e Sociedade, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Arnaldo Érico Huff Júnior (Orientador)  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof. Dr. Eduardo Gross  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof. Dr. Tommy Akira Goto  
Universidade Federal de Uberlândia

Para os meus queridos amigos de Vieira,  
que andaram sobre as águas no dia 12 de  
janeiro de 2011.

## AGRADECIMENTOS

À minha amada, Nathália, porque me faz viver de forma plena.

À minha mãe, Elza, pelas lágrimas que derramou quando decidi deixar meu lar para estudar, e pelas lágrimas que ainda derrama sem que eu possa enxugar.

Ao meu pai, Nilton, por se orgulhar de minhas escolhas, mesmo que não fossem as suas expectativas.

À minha irmã, Jakeline, pela garra com que encara vida, me inspirando, e por ser mãe de Lukas e Davi.

Ao meu irmão, Renan, pelo incentivo sempre sensato e equilibrado, e principalmente por ser pai do pequeno Henry.

Um agradecimento especial aos meus sobrinhos, Lukas, Davi e Henry, que mesmo sem saber povoaram meu futuro com sonhos e esperanças (espero que um dia possam me perdoar por minha insistente ausência).

Aos meus sogros, Ezequias e Sidnilia, e minha cunhada Sallie, pelo apoio e as orações em todos os momentos.

Aos demais familiares e amigos que me acompanharam nessa jornada e que continuam a torcer por mim.

Quero agradecer, de modo especial, ao mestre e amigo Fábio Py, por me instruir ao mestrado, colaborando de muitas maneiras para minha formação acadêmica.

Agradeço ao meu orientador, professor Arnaldo Huff, pela sabedoria, paciência, compreensão e generosidade que dispensou a mim de forma atenciosa nos últimos dois anos. Através de suas orientações encantei-me ainda mais pela vida acadêmica.

Ao amigo Jimmy Sudário, pela hospitalidade e cordialidade ao me receber em Juiz de Fora durante meus estudos.

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (PPCIR) pelos ensinamentos. Principalmente àqueles de quem tive a honra de ser aluno: Emerson Sena, Rodrigo Portella, Volney Berkenbrock, Robert Daibert, Faustino Teixeira, Frederico Pieper e Elisa Rodrigues. Ao professor Eduardo Gross pelas contribuições dadas na elaboração dessa pesquisa. E ao Antônio Celestino, agradeço pelo excelente trabalho realizado na secretaria.

Aos amigos que fiz no PPCIR e no Núcleo de Estudos em Protestantismos e Teologias (NEPROTES), por compartilhar suas tristezas, alegrias e projetos. Especialmente ao Ismael e ao Thiago por suas contribuições pontuais em minha dissertação.

À Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agradeço pelo financiamento desta pesquisa de mestrado.

Gustavo Claudiano Martins  
Juiz de Fora, 22 de fevereiro de 2016.

“.. a resposta à pergunta por Deus somente é decidida na vida: se do mistério último, também em tempo de catástrofe, surgir uma esperança. Ou seja, se a esperança não morrer.” Jon Sobrino

Sabia que a religião é uma linguagem?

Um jeito de falar sobre o mundo...

Em tudo, a presença da esperança e do sentido...

Religião é tapeçaria que a esperança constrói com as palavras.

E sobre estas redes as pessoas se deitam.

É. Deitam-se sobre palavras amarradas umas nas outras.

Como é que as palavras sem amarram?

É simples.

Com o desejo.”

Rubem Alves



## RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar a experiência religiosa das vítimas da catástrofe natural ocorrida na região serrana do estado do Rio de Janeiro, em 2011. Para tanto, parte-se do convívio do pesquisador com as vítimas desde a época da tragédia e também de entrevistas realizadas com cinco delas, que perderam parentes, amigos e bens materiais. Assim, observamos as percepções sobre o fenômeno natural, mas sobretudo nos deparamos com a religiosidade que emerge no contexto do caos instaurado, das perdas e sofrimentos. Busca-se compreender a religião, como questão de sentido de vida, que conduz os indivíduos por uma outra realidade possível, apesar da fatalidade e da brutalidade da tragédia. A religião se apresenta no desejo e nostalgia por um paraíso eterno que produz esperança e força, e encoraja o ser humano a assumir a responsabilidade pela sua vida e pela dos outros. Desse modo, a pesquisa visa compreender os processos de significação religiosa de vítimas de catástrofes naturais.

Palavras-chave: Desastres Naturais, Sentido de Vida, Esperança, Religião como Linguagem, Otimismo trágico.

## ABSTRACT

This research aims to examine the religious experience of victims of the natural disaster in the Rio de Janeiro State mountainous region, in 2011. It is based on the researcher's contact with the victims since the tragedy time and also on interviews with five of them, who have lost relatives, friends and possessions. Thereby, we observed perceptions about the natural phenomenon, but above all we faced a religiosity that emerges in a context of chaos, loss and suffering. This research tries to understand religion as a matter of meaning of life, which leads individuals to another possible reality, despite the fatality and brutality of the tragedy. Religion appears in the desire and nostalgia for an eternal paradise that produces hope and strength, and encourages the human being to take responsibility for his/her life and for the life of others. Therefore, the research aims to understand the processes of religious significance of victims of natural disasters.

**Keywords:** Natural Disasters, Meaning of Life, Hope, Religion and Language, Tragic optimism.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
MOTIVAÇÕES.....	13
DESCRIÇÃO DA PESQUISA.....	17
1 AS CAUSAS DAS MORTES E O SENTIDO DA VIDA.....	21
1.1 DO FENÔMENO NATURAL AO FENÔMENO RELIGIOSO.....	22
1.1.1 Catástrofe natural ou tragédia anunciada?.....	23
1.1.2 O clamor das vítimas e as possibilidades de sua interpretação.....	26
1.1.3 Entre católicos e protestantes.....	31
1.1.4 Flores sobre escombros.....	34
1.2 O SENTIDO DA VIDA.....	36
1.2.1 A imagem noética do homem.....	37
1.2.1.1 Autotranscendência.....	39
1.2.1.2 Inconsciente espiritual e a consciência moral.....	40
1.2.1.3 Homo religiosus.....	42
1.2.2 O suprasentido.....	46
1.2.2.1 Vontade de Sentido.....	46
1.2.2.2 A decisão existencial pelo sentido.....	48
2 A RELIGIÃO COMO LINGUAGEM DA EXPERIÊNCIA EXISTENCIAL.....	51
2.1 A LINGUAGEM DOS SONHOS.....	52
2.1.1 O caminho da linguagem.....	53
2.1.2 Realidade, valores e verdades.....	56
2.1.3 Visões de mundo.....	59
2.1.3.1 Porque está escrito.....	61
2.1.3.2 Ele me colocou por trás da pedra.....	65
2.1.3.3 Nenhuma folha cai sem que Ele permita.....	68

2.1.3.4 Eu tive um sonho de uma enchente muito grande.....	69
2.1.3.5 Por incrível que pareça ele foi dormindo.....	71
2.2 A LINGUAGEM DA ESPERANÇA.....	72
2.2.1 A presença da ausência.....	73
2.2.2 A nostalgia das origens.....	77
2.2.2.1 A nostalgia do paraíso.....	78
2.2.2.2 A nostalgia da eternidade.....	80
2.2.3 Utopia e esperança.....	82
3 RELIGIÃO, SENTIDO E RESILIÊNCIA.....	87
3.1 OTIMISMO TRÁGICO.....	90
3.1.1 Homo patiens.....	93
3.1.2 O sentido da morte.....	98
3.1.2.1 A morte como finitude do homem.....	98
3.1.2.2 A morte como possibilidade de plenitude eterna.....	100
3.1.3 O “apesar de ”.....	102
3.2 O SER-RESPONSÁVEL.....	104
3.2.1 Liberdade e criatividade.....	106
3.2.2 O tempo oportuno na história.....	109
3.2.3 O “porque ”.....	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	120
ANEXOS.....	128

## LISTA DE ANEXOS

Anexo A	
Entrevista de João.....	126
Anexo B	
Entrevista de Ana.....	135
Anexo C	
Entrevista de Mariana.....	143
Anexo D	
Entrevista de Raquel.....	146
Anexo E	
Entrevista de Rosa .....	150

## INTRODUÇÃO

### MOTIVAÇÕES

Se considerarmos apenas o século XXI, perceberemos que as lágrimas derramadas por desastres naturais não foram poucas<sup>1)</sup>. No Brasil, estamos praticamente isentos de tragédias provocadas por vulcões, terremotos de grande escala, fortes furacões ou tufões, todavia, o povo brasileiro não está livre das intempéries, sofrendo com a seca, principalmente no Nordeste e com as chuvas no Sul e Sudeste. Por vezes essa situação se inverte, ocorrendo chuvas e alagamento no Nordeste e secas em outras regiões.

Recentemente ficamos estarecidos com o rompimento da barragem de rejeitos de uma mineradora que causou uma enxurrada de lama num distrito da cidade de Mariana/MG, e que provocou 17 mortes e destruiu a fauna e flora do Rio Doce, sendo talvez a maior tragédia ambiental da história do Brasil.

No caso da catástrofe provocada pelo rompimento da barragem, fica evidente a ação humana como geradora da tragédia. Nos outros casos, a participação do homem se torna menos evidente e têm gerado discussões em todo o mundo sobre os efeitos das nossas ações frente às questões climáticas, e da falta de planejamento urbano e de políticas habitacionais.

Os estudos sobre as catástrofes naturais envolvem também a relação com a religiosidade das vítimas. Geralmente, essas pesquisas relacionam o desastre com a necessidade de explicar o porquê de a mesma ter ocorrido, direcionando as análises para a teodiceia. Isso pode ser visto, por exemplo, no artigo de Oliveira, 'Catástrofe e religião: o reencantamento do mundo'<sup>2)</sup>,

---

<sup>1)</sup> Elencando alguns dos maiores desastres naturais do século XXI: sismo de Bam (2003), sismo e tsunami do oceano Índico (2004), furacão Katrina nos EUA (2005), terremoto na Caxemira (2005), sismo de Sichuan (2008), ciclone em Mianmar (2008), terremoto no Haiti (2010), temperaturas extremas na Rússia (2010), tsunami no Japão (2011), tufão nas Filipinas (2013). Essas foram catástrofes naturais que causaram grande número de mortes.

apresentado no XI Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR), ocorrido em 2009. Também em 2015, nas XVII Jornadas sobre Alternativas Religiosas em América Latina<sup>3)</sup>, onde foi elaborado um Grupo de Trabalho denominado Religião e Desastres Naturais, no qual foram apresentados três trabalhos que se propuseram a discutir a religião, todos eles em termos de teodiceia. Eu mesmo segui tal caminho em minha monografia para conclusão do curso de bacharel em Teologia. O teólogo Jon Sobrino também o fez no livro *Onde está Deus?*, apesar de, como veremos adiante, ele não se deter a esse tipo de análise.

Por si, esse seria um argumento convincente para nos desbravarmos em outras nuances que relacionem as catástrofes naturais e a religião. Todavia, essa não é minha maior motivação. A priori, a causa motriz para essa pesquisa se dá pelo envolvimento pessoal com vítimas de uma tragédia provocada por fenômenos naturais. O relato que segue abaixo descreve minha aproximação com as mesmas, bem como algumas memórias que gostaria de deixar registradas.

Dia 14 de Janeiro de 2011, motivados pelas notícias estarrecedoras presentes em praticamente todas as mídias, eu e mais alguns amigos mobilizamos recursos e nos deslocamos do centro do Rio de Janeiro à região serrana do Estado, especificamente para a cidade de Teresópolis. Os Jornais noticiavam aquele que ficou conhecido como o maior desastre natural da história do Brasil<sup>4)</sup>. Chegamos ao distrito de Vieira, último bairro do município, fazendo divisa com a cidade de Nova Friburgo, e que por isso, foi um dos últimos bairros a receber socorro.

As ruas estavam cobertas de barro, impedindo a passagem do veículo com

---

<sup>2)</sup> Disponível em: <[http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/01/art\\_OLIVEIRA\\_cat%C3%A1strofe.pdf](http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/01/art_OLIVEIRA_cat%C3%A1strofe.pdf)>. Acesso em: 07 de jan. 2015.

<sup>3)</sup> Disponível em: <<http://www.alternativasreligiosas.fcp.uncu.edu.ar/>>, acesso em: 10 de dez. 2015.

<sup>4)</sup> Apesar de jamais noticiarem ser esse o maior desastre natural da história do país (cf. <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/tragedia-ja-e-o-maior-desastre-natural-da-historia-do-brasil>>), registros demonstram que em termos de mortes oficiais, esse é o segundo maior, perdendo para os deslizamentos da Serra das Araras, também no Estado do Rio de Janeiro (cf. <<http://zonaderisco.blogspot.com.br/2011/02/os-maiores-desastres-naturais-no-brasil.html>>). Isso se considerarmos como parâmetro o número de mortos.

os donativos que trazíamos, por isso, tivemos que fazer grande parte do percurso a pé. As casas ainda estavam cheias de entulhos. Os moradores se revezavam entre procurar os corpos dos parentes e amigos perdidos e limpar a casa, num esforço de tentar recomeçar a vida o mais rápido possível.

O caos instaurado e os olhos marejados das vítimas pareciam reproduzir o drama vivido por aquelas pessoas no dia 12 de janeiro. As chuvas que abateram a localidade provocaram deslizamentos e inundações em toda a Região Serrana, afetando sete municípios, provocando mais de 900 mortes e deixando milhares de desabrigados e desaparecidos.<sup>5)</sup> Houve enorme comoção nacional e uma grande mobilização para ajudar as vítimas – toneladas de mantimentos foram enviadas.<sup>6)</sup> Ali estávamos nós, perplexos diante do cenário fúnebre e impotentes diante da dor daquela comunidade. Entre o remover dos escombros e a distribuição de donativos, surgiram narrativas do evento e tentativas de explicá-lo por parte dos moradores. O enorme templo da igreja católica da comunidade era o principal ponto de apoio, recebendo e distribuindo as doações. Mas não era de lá que surgia a efervescência religiosa daquela gente. Deus "estava na boca do povo, alguns poucos para condená-lo, muitos para agradecê-lo pelo livramento e outros para suplicar ajuda naqueles momentos de dor. Foram três dias trabalhando, comendo e dormindo em Vieira. Impressionou-me a incrível capacidade de superação por parte daqueles que encontraram na religião fundamentos para reorganizar a vida mesmo após as perdas.

Aproximadamente um ano após estes fatos, soube de uma equipe de voluntários que se mobilizaram para reconstruir casas neste mesmo bairro e prontamente me voluntariei. Foram dois anos trabalhando como voluntário. Neste período, construímos juntamente com os moradores locais, dez casas, e ajudamos parcialmente na reconstrução de outras dez, foi tempo suficiente para perceber desdobramentos significativos da religiosidade de várias pessoas no enfrentamento da dor.

---

<sup>5)</sup> CREA-RJ, Relatório: Tragédia na Região Serrana após decorridos 6 meses, pág. 2.

<sup>6)</sup> PORTAL BRASIL. Região Serrana recebe doação de 21 toneladas de alimentos da Conab. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2012/01/09/regiao-serrana-recebe-doacao-de-21-toneladas-de-alimentos-da-conab>. Acessado em: 05 ago. 2012.



A partir desse contato de mais de três anos, se tem percebido que as crenças se manifestaram de maneira intensa durante a tragédia, e continuam a revelar-se desde então. É o caso, por exemplo, do pequeno Gabriel, de cinco anos, que todas as vezes que chove, pede, chorando, ao “amém”(Deus), que faça parar de chover, ou da Mariana que sempre ao lembrar-se da tragédia e dos dias que a sucederam reafirma que “sem Deus não teria suportado aqueles dias”<sup>7)</sup>

Minha relação com aquela gente foi tão forte que em 2014, após me casar, mudei-me com minha esposa para o bairro Vieira. Moramos numa pequena casa, cercada por lavouras e algumas poucas moradias de agricultores, durante um ano. Nesse período, mesmo sem ligação a uma comunidade de fé específica, atuamos com práticas pastorais e projetos de desenvolvimento comunitário naquele bairro. Mesmo após nos mudarmos de Teresópolis, continuamos visitando constantemente o lugar.

É preciso pontuar com honestidade que há outra questão de fundo. Antes de cursar teologia, fiz uma graduação em Engenharia de Petróleo. Por motivações religiosas, desisti da carreira, deixei minha casa e meus familiares em Guarapari-ES e fui para o Rio de Janeiro-RJ com a promessa de ter meus estudos em teologia pagos pela minha igreja local. No segundo mês de estudo, recebi a notícia de que minha bolsa havia sido cortada e tive que arcar sozinho com todas as despesas. Era o início de uma grande decepção com instituições religiosas que se agravou após alguns anos de trabalho (para pagar as despesas dos estudos e hospedagem no Rio de Janeiro) numa agência missionária. Isso foi importante para que eu pudesse começar a enxergar outros aspectos da religião, que se manifestavam de forma não institucionalizada.

Assim, como não poderia deixar de ser, essa pesquisa é resultado de uma busca pessoal de compreensão e, de certa forma, minha singela homenagem às pessoas de Vieira que me acolheram como parte de sua família.

---

<sup>7)</sup> Acervo pessoal: áudio do Gabriel num momento de crise devido ao transtorno pós-catástrofe.

## DESCRIÇÃO DA PESQUISA

A catástrofe natural põe em evidência questões normativas da religião institucional, na medida em que os dogmas quase nunca dão conta de explicar o fenômeno ou o fazem de maneira fria, não captando os sentimentos das vítimas, tornando-se, portanto, sem sentido para elas. Assim, por vezes, as mesmas precisam reformular seu pensamento religioso para se adequar à nova situação ou ressignificar os fatos através da linguagem que lhe é comum.

É a partir dessa nova realidade que o indivíduo desempenha seu papel, toma decisões ou não, mediante as adversidades. O novo mundo criado é já uma atitude propositiva para enfrentamento de situações aparentemente sem sentido, uma atitude que dá subsídio para que outras decisões possam ser tomadas. Estas decisões podem ajudá-lo a superar o sofrimento ou mergulhá-lo ainda mais no caos.

A catástrofe natural não é apenas composta por água que carrega pedras e escombros, provocando destruição e morte. Mais do que isso, os homens não a veem como um fato objetivo, mas como mensagens, como valores, como anúncios ou prenúncios, como promessas ou ameaças. Ou seja, é preciso olhar a tragédia em sua relação com o homem, em suas significações e nas questões existenciais que conjuga.

Há, portanto, uma questão valorativa na forma como as vítimas experimentam o fenômeno. Isto porque, diferente dos animais, nossos mecanismos de interpretação não são puramente biológicos, mas também sociais. Não sentimos apenas dor. A catástrofe é também uma experiência de sofrimento e desespero, de revolta e aflição, de ausência de sentido. Consequentemente, a natureza, os fatos objetivos, não bastam para explicar a catástrofe natural. O evento precisa ser organizado pelo homem de forma que promova sentido. É aqui que nos deparamos com a atitude religiosa, pois de

acordo com Eliade (1989, p. 9),

A consciência de um mundo real e com um sentido está intimamente relacionada com a descoberta do sagrado. Através da experiência do sagrado, a mente humana apreendeu a diferença entre aquilo que se revela como real, poderoso, rico e significativo e aquilo que não se revela como tal – isto é, o caótico e perigoso fluxo das coisas, os seus aparecimentos e desaparecimentos fortuitos e sem sentido.

Desta forma, a manifestação do sagrado é o resultado do processo dialético de construção de um mundo com sentido. Assim como Eliade, pensam desse modo Paul Tillich, Rubem Alves e Viktor Frankl, ao relacionarem religião e sentido de vida. A partir desses pressupostos, essa pesquisa é dividida em três capítulos, construídos, sobretudo, tendo em vista os anos de convívio com as vítimas da tragédia na região serrana do Rio de Janeiro, e em entrevistas realizadas com as mesmas<sup>8)</sup>. Três dessas entrevistas foram feitas de forma estruturada ainda quando realizava minha pesquisa monográfica para o título de Bacharel em Teologia. Assim, para essa atual pesquisa, realizei mais duas entrevistas, desta vez não estruturadas, que somadas às entrevistas anteriores e aos anos de convivência com os moradores de Vieira, nos ajudarão a compreender a religiosidade face à tragédia com o temor de não reduzi-la a percepções sociológicas, geopolíticas ou psicológicas. Mais do que encontrar as causas da tragédia, entender os sentidos da mesma. Para efeitos metodológicos, ressaltamos que as três primeiras entrevistas foram feitas em abril de 2013, dois anos após a tragédia, e as duas últimas em maio de 2015, todas elas foram feitas por mim e gravadas na casa dos próprios entrevistados. Os áudios das mesmas fazem parte do meu arquivo pessoal, e encontram-se disponíveis para futuras pesquisas. Todos os entrevistados consentiram na divulgação das informações.

As pesquisas foram analisadas num esforço hermenêutico de tentar enxergar a compreensão das vítimas da tragédia a partir da visão de mundo de cada uma delas.

---

<sup>8)</sup> Os nomes utilizados no trabalho são fictícios, afim de preservar a identidade dos (as) entrevistados (as), ainda que os mesmos (as) tenham autorizado a utilização do nome verdadeiro.

No primeiro capítulo, intitulado, 'As causas da morte e o sentido da vida', explico um pouco do contexto histórico da região, sobre o desastre natural e sobre as possibilidades de interpretação das causas do fenômeno, demonstrando que independente dessas, os sentidos e significados que emergem diante da catástrofe estão intimamente ligados à existência, ao sentido da vida. As ideias de Viktor Frankl, nesse caso, são importantes para entendermos a essência da existência humana radicada na sua autotranscendência e que ser homem significa dirigir-se e ordenar-se a algo ou alguém. Frankl fala ainda sobre um sentido que está para além da nossa capacidade intelectual de compreensão, o suprasentido – analogamente a Tillich que chama de sentido último. De Rubem Alves veremos que o sentido da vida é também um sentimento, algo que se experimenta emocionalmente sem que se consiga explicar, algo que nos atinge intensificando nossa vontade de viver, é uma transformação da nossa visão de mundo. O sentido da vida não é um fato, é uma realidade pela qual se anseia.

O segundo capítulo versa sobre 'A religião como Linguagem da experiência existencial', analisando a perspectiva de Rubem Alves de que a religião é uma linguagem, um jeito de falar sobre o mundo, é a presença da esperança e do sentido. A linguagem da religião é a expressão do universo sagrado, não é um vidro transparente que ao homem permite enxergar o que está fora da sua habitação, a religião é um sonho, onde se percebe a realidade sob outro esplendor, o esplendor da essência do homem. Veremos que os homens possuem os olhos programados pela linguagem e, portanto, sua sensibilidade é limitada pela mesma. Consoante a isso, nunca olhamos a realidade física face a face. Ou seja, nossa cosmovisão está entrelaçada nas teias da nossa linguagem. Entretanto, foi preciso explicar que a verdade e a realidade para o religioso são de uma outra ordem, não podendo ser definidos pela linguagem da ciência objetiva. A partir de então, tentei descrever um pouco das visões de mundo de cinco vítimas da tragédia e correlacionar essa visão de mundo com as culturas religiosas (linguagens) em que os mesmos estão inseridos e as esperanças que emergem dessa experiência das vítimas.

Por fim, no terceiro capítulo, 'Religião, sentido e resiliência', retomamos

as temáticas do sentido da vida, da utopia e esperança presentes na religião e no poder que ela dá aos indivíduos para agir diante da dor. Viktor Frankl foi novamente útil ao nos trazer o conceito de “otimismo trágico”, que torna possível encontrar sentido no sofrimento e na morte, e também na constatação que ele faz, de que o ser humano é um ser-responsável justamente porque é religioso em sua essência. Sobretudo, pensamos na religião em seu contexto antropológico, como uma aposta do homem, seu ato de fé nas possibilidades que podem ser realizadas através da ação, fora da massa das matérias-primas a seu alcance.

## 1 AS CAUSAS DAS MORTES E O SENTIDO DA VIDA

Dia 06 de setembro de 2015, enquanto releio trechos dessa dissertação, recebo a notícia, por uma dessas mídias sociais, de que um ônibus havia tombado na cidade onde moro (Paraty/RJ). A comoção tomou as redes sociais, as informações quase sempre inexatas, por vezes aumentando em muito o número de mortos e feridos, criou-se o frenesi ao redor do espetáculo da tragédia. Parece-nos que em tempos de comunicação fácil, comunicar algo catastrófico gera algum tipo de prazer, ainda mais quando se têm algum tipo de imagem. Algumas horas e variadas notícias depois, descobrimos que era um ônibus da rede de transporte público urbano, o ônibus havia tombado numa curva depois de uma descida conhecida como “morro Deus me livre”, como dizemos comumente, seria irônico se não fosse trágico. “Deus” não livrou ao menos quinze dos passageiros, vítimas fatais. Seria essa uma boa oportunidade para algumas discussões teológicas, um prato cheio também para aqueles que se opõem a qualquer forma de religião. Porém, mesmo nessa história, a religião ganha contornos que aumenta a complexidade da compreensão, após o resgate dos feridos e a remoção dos não sobreviventes, recebi um vídeo<sup>9)</sup> onde aparece um grande número de pessoas, que acompanhou o trabalho de resgate, rezando o “Pai Nosso” com as mãos erguidas aos céus.

É inevitável pensar no cenário como um todo, o ônibus tomba num local chamado “Morro Deus me livre”, que leva ao bairro Trindade, provoca inúmeras mortes e a população estende suas mãos aos céus em oração. “Culpa da prefeitura”, “culpa do ministério público”, “culpa do motorista”, “culpa da empresa de ônibus”, “porque Deus permitiu que isso acontecesse?”, “graças a Deus que salvou algumas pessoas”. Todas essas falas surgiram nesse

---

<sup>9)</sup> JORNAL EXTRA. Fotos e vídeos mostram momentos após acidente com ônibus em Paraty. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/rio/fotos-videos-mostram-momentos-apos-acidente-com-onibus-em-paraty-17419500.html>>. Acesso em: 21/09/2015.

contexto, expondo a incompreensão sobre as causas das mortes, mas, mais do que isso, revelam a indignação pela violação da vida, revelam a manifestação do “sagrado” na vontade de viver.

Contra a antiga profecia do fim da religião em face à secularização, contra a tentativa moderna de explicar cada fenômeno de forma concreta, contra as duras críticas da ciência positivista, a religião sobrevive, e manifesta-se com potência em nossas tragédias cotidianas, seja nas lutas do dia-a-dia, seja no acidente do “Morro Deus me livre” ou nas enchentes e deslizamentos da região serrana do Rio de Janeiro, quando a vida é tocada queremos encontrar uma razão para isso, queremos encontrar um sentido que nos permita continuar a viver.

## 1.1 DO FENÔMENO NATURAL AO FENÔMENO RELIGIOSO

As chuvas que abateram a Região Serrana do Rio de Janeiro no dia 12 de janeiro de 2011 provocaram deslizamentos e inundações afetando sete cidades, causando mais de 900 mortes, deixando milhares de desabrigados e 191 desaparecidos (CREA-RJ, 2011, pg. 2). Ao menos são estes os números oficiais do governo. Dados contestados pelos moradores da região, pois segundo eles o número de mortos é muito maior. O Jornal Extra também contesta as informações oficiais num documentário<sup>10)</sup> produzido em 2012 intitulado “Tragédia na Região Serrana teve mais mortos que o divulgado”. Mesmo considerando os dados oficiais, esta foi uma das maiores catástrofes naturais da história do Brasil se considerarmos o número de vítimas, e por esse motivo, o evento é chamado de “Megadesastre 11” pelo Serviço Geológico do Estado do Rio de Janeiro.

Para entender melhor o elevado número de mortos e desabrigados, é

---

<sup>10)</sup> JORNAL EXTRA. Tragédia na Região Serrana teve mais mortos que o divulgado. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/rio/tragedia-regiao-serrana-2011/tragedia-na-regiao-serrana-teve-mais-mortos-que-divulgado-5685873.html#ixzz3ZUvp2CNx>>. Acesso em 07/04/2015.

preciso compreender um pouco da história da região e como os moradores foram expostos à situação de vulnerabilidade. Nesse sentido, o sociólogo Jean-Pierre Dupuy defende que é a vulnerabilidade social que transforma o fenômeno natural em catástrofe (DUPUY, 2006, p. 1183).

### 1.1.1 Catástrofe natural ou tragédia anunciada?

A cidade de Teresópolis foi uma destas cidades atingidas, e se considerarmos os aspectos geopolíticos da mesma, perceberemos quais fatores foram determinantes para que o fenômeno natural gerasse tantos danos na região, haja vista que os mesmos dados se repetem nas outras cidades. Teresópolis está localizada a aproximadamente 91 quilômetros da capital estadual, possui uma área de 770 km<sup>2</sup> e situa-se a uma altitude de 871 metros acima do nível do mar, sendo a cidade mais alta do Estado (TERESÓPOLIS). Segundo Gollarte (1966, p. 31, 393), antigo historiador do município, a região é fértil porque em períodos de chuvas, enxurradas descem das montanhas trazendo os sais solúveis e fertilizando os vales, tornando-os o centro do cultivo durante todo o ano. Além disso, o solo de Teresópolis é cortado por diversos rios e córregos adubando o solo, mas provocando por vezes, grandes enchentes.

Até meados do século XVI, a região de Teresópolis era habitada somente por índios de diferentes etnias e escravos foragidos das plantações de cana-de-açúcar da Baixada Fluminense (RAHAL, 1991, p. 149). A partir do século XVII os sesmeiros portugueses foram ocupando as terras, escravizando os índios e os desalojando para outras regiões (FÉO, 2010, p. 15). Em 1818 George Mach chegou a Teresópolis, súdito inglês, ele possuía grande parte do território onde hoje é o centro da cidade, aproveitando as condições climáticas e as virtualidades do solo para o plantio (GOLLARTE, 1966, p. 40).

Segundo o historiador Féo (2010, p. 78, 83, 235, 263, 348), em 1819,



duzentas e sessenta e uma famílias suíças, contabilizando 1.682 pessoas, se estabeleceram na serra fundando Nova Friburgo, no entanto, algumas destas famílias foram habitar na região onde hoje é o 3º distrito de Teresópolis. Nesse período, já era possível encontrar muitos sítios que eram explorados por outras pessoas dentro das grandes propriedades pelo sistema de meeiros<sup>11)</sup> ou arrendamentos, sistemas de produção que existem até hoje no município de Teresópolis. Mesmo após a abolição do cativo indígena em 1831 e da lei inglesa de 1836 que tornava ilegal a compra e venda de escravos por parte de súditos da Inglaterra, Teresópolis ainda abrigava muitos comerciantes de escravos ingleses. Pouco tempo depois, em 1883, houve um surto de febre amarela na Baixada Fluminense provocando a fuga dos moradores dessa região para Teresópolis. Por fim, a cidade recebeu ainda colonos italianos, libaneses, sírios e japoneses.

De acordo com os dados do IBGE a população de Teresópolis saltou de 34.396 habitantes no ano de 1950 para 163.746 habitantes em 2010, ou seja, a densidade demográfica de Teresópolis passou de 41 hab./km<sup>2</sup> em 1950 para 212 hab./km<sup>2</sup> em 2010, com média de crescimento de 21.000 habitantes por década. Essa altíssima taxa de crescimento causou graves problemas habitacionais.

Enquanto as comunidades rurais se estabeleceram à beira dos rios, aproveitando as águas para irrigação de suas plantações, geralmente famílias pouco providas que vivem da agricultura familiar e produzem somente para garantir o seu sustento, o crescimento expressivo da zona urbana provocou um desenvolvimento acelerado no setor imobiliário com o surgimento de novos loteamentos (OSCAR, 1991, p. 64). As camadas sociais desprovidas de recursos acabaram construindo desordenadamente nos bairros periféricos, compostos basicamente por morros e encostas, uma vez que a especulação imobiliária aumentou o valor das propriedades no centro da cidade. Estes fatores levaram Teresópolis a se tornar a segunda cidade com maior proporção

---

<sup>11)</sup> Diz-se do agricultor que trabalha em terras que pertencem à outra pessoa. Em geral o meeiro ocupa-se de todo o trabalho, e reparte com o dono da terra o resultado da produção. O dono da terra fornece o terreno, a casa e, às vezes, um pequeno lote para o cultivo particular do agricultor e de sua família.

de população vivendo em favelas (aproximadamente 25% da população), cerca de 30 mil moradores (PEREIRA, 2011, p. 6).

As formações geológicas do município adicionadas aos altos índices pluviométricos da localidade provocaram movimentação gravitacional de massa, ou seja, os deslizamentos de terra, e em alguns casos esses deslizamentos aconteceram nas cabeceiras dos rios, provocando alagamento e destruição ao longo do curso do mesmo (FRAIFELD & FREITAS, 2013, p. 2, 8), assim, a catástrofe natural causou danos tanto a casas construídas em encostas que deslizaram, como em construções à beira dos rios. Conforme pode ser visto na foto 1 – de um jornal local, datado de 08 de janeiro de 2011, 3 dias antes da tragédia – a possibilidade de enchentes e deslizamentos já estava prevista, mas, apesar disso, nada foi feito para evitar as mortes.

Foto 1 - Jornal local alerta que a Defesa Civil encontrou riscos de deslizamentos em teresópolis,

Fonte: Arquivo Pessoal.

As enchentes e desabamentos em Teresópolis não são novidades. Ao longo da história há vários registros destes acontecimentos. Segundo Oscar (1991, p. 42 passim), aconteceram eventos como estes em: 1929, 1952, 1956,

1957, 1966, 1977, 1981 (figura 2) e em 1991. Féo (2010, p. 462) descreve ainda uma chuva, um pouco mais recente, “2009 – Em 15 de Janeiro, após violenta tempestade na serra, acontece um acidente no início da descida do Soberbo, rolando pedras, terras e árvores sobre um automóvel causando a morte de três pessoas: pai, mãe e filho menor”.

Foto 2 - Jornal mostra catástrofe natural em Teresópolis no ano de 1981.

Fonte: arquivo pessoal.

Entretanto, nenhuma das enchentes antes registradas se compara à ocorrida na madrugada do dia 12 de janeiro de 2011. A quantidade de chuvas que caíram sobre os municípios não era possível de ser evitada, entretanto, do fenômeno natural à catástrofe percebe-se elementos para além da morfologia da região.

### 1.1.2 O clamor das vítimas e as possibilidades de sua interpretação

Sociólogos e geólogos, pesquisadores de catástrofes naturais, percebem a catástrofe natural como exposição de indivíduos à vulnerabilidade

<sup>12)</sup>, o que em parte pode ser facilmente demonstrado pelo que já foi exposto neste trabalho.

Há ainda o grupo de cientistas que tentam entender o fenômeno a partir das vítimas de tragédias, o que geralmente causa uma associação com a religiosidade das mesmas. A professora Maria Lima (2008, p, 11-12), do Instituto Universitário de Lisboa, escrevendo sobre um terremoto ocorrido em Lisboa, diz,

Os relatos do terramoto de 1755, lidos à luz da teoria da adaptação cognitiva, mostram numerosos exemplos de estratégias de “controle religioso” sobre os sismos. Diversos autores referem que a cada abalo de terra se ouvia um enorme clamor aos céus bradando por “Misericórdia” e preparando-se para o fim do mundo anunciado por muitos pregadores que percorriam as ruas. Desde o dia 1 de novembro realizaram-se procissões (espontâneas no próprio dia e cuidadosamente organizadas mais tarde) e eram comuns as penitências para aplacar a fúria divina. O patriarcado de Lisboa instituiu em todas as missas uma oração contra os tremores de terra. (...) As descrições da época mostram que, naquela situação de enorme temor, de incompreensão sobre o que se passava e de falta de domínio sobre o meio, a estratégia cognitiva mais comum consistia em procurar a proteção divina, ou, na linguagem da psicologia social, a ativação do esquema de controle religioso sobre os sismos.

De tal modo, a psicologia social, nesse caso, reduz a religiosidade das vítimas a um “esquema de controle religioso” em que buscam a proteção divina. Aliás, esse mesmo terremoto explorado pela professora Lima e suas relações religiosas provocou um interessante diálogo entre Rousseau e Voltaire a respeito da providência divina. Após o evento, Voltaire escreve no “Poema sobre o desastre de Lisboa”;

---

<sup>12)</sup> Um risco natural caracteriza-se pela combinação do acaso (ou seja, do fenômeno geológico gerador) com a vulnerabilidade (o efeito sobre os agrupamentos humanos). Muitos sismos importantes passam despercebidos quando atingem regiões inabitadas. O que caracteriza hoje um risco, no plano do seu impacto, o que faz dele uma catástrofe, é a exposição dos homens. Nesta medida, uma das conclusões do decênio internacional para a prevenção das catástrofes naturais (DIPCN), que terminou em 2000, foi considerar que já não fazia sentido falar de «catástrofe natural». Se o acaso natural existe, e não o podemos impedir, é a vulnerabilidade social que transforma o fenômeno em catástrofe (DUPUY, 2006, p. 1183).

Ao ouvir os gritos engasgados de suas vozes expirantes, / diante do espetáculo de suas cinzas fumegantes, / por acaso direis: 'É o efeito de eternas leis, / que exigem a escolha de um Deus livre e bom'? / Será que direis, ao ver essa montanha de vítimas: / 'Deus se vingou; sua morte é o preço de seus crimes'? / Que crime, que falta cometeram estas crianças / que sangram esmagadas no seio de suas mães? (VOLTAIRE apud BECKER & BECKER, 2014, p. 114).

Ao que Rousseau respondeu em sua 'Carta para Voltaire';

Creio ter demonstrado que, com a exceção da morte, que é um mal apenas devido aos preparativos de que a precedemos, a maior parte dos nossos males físicos é ainda obra nossa. Sem deixarmos o seu assunto de Lisboa, tem de admitir, por exemplo, que a natureza nunca teria aí reunido vinte mil casas de seis a sete andares e que, se os habitantes dessa grande cidade estivessem dispersos de forma mais uniforme, e mais ligeiramente alojados, o prejuízo teria sido muito menor, e talvez até nulo. Todos teriam fugido ao primeiro desmoronamento, e tê-los-íamos visto no dia seguinte a vinte léguas dali, tão contentes como se nada se tivesse passado. Mas foi preciso ficar, obstinar-se em torno das mansardas, expor-se a novos abanões, porque o que se deixava era mais valioso do que o que se podia levar. Quantos infelizes pereceram no desastre por quererem apanhar, um, os seus fatos, o outro, os seus papéis, o outro, o seu dinheiro? Não sabemos que a pessoa de cada homem se tornou parte menos importante dele mesmo; e que quase não vale a pena salvá-la quando se perdeu tudo o resto? (ROUSSEAU apud DUPUY, 2006, p. 1183)

Ora, o pensamento de Rousseau se assemelha muito à crença na participação ativa do homem nos desastres, mesmo os desencadeados por fenômenos naturais. Também não podemos deixar de considerar que alguma parcela das vítimas da tragédia deve ter dirigido seus questionamentos e clamores a alguma divindade, assim como Voltaire, e também como bem relatou a professora Maria Lima. Entretanto, parece pouco, reduzir o fenômeno religioso a um mero instrumento de proteção, ou a encontrar o elemento causador da desgraça, o que discutiremos com maior profundidade posteriormente.

Outro autor que escreve sobre catástrofes é o teólogo Jon Sobrino, no livro intitulado "Onde está Deus? Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia", tendo como ponto de partida os terremotos que atingiram El Salvador em janeiro e fevereiro de 2001 e o atentado contra os EUA em 11 de setembro do mesmo ano. Sobrino (2007, p. 30, 31, 57 – 59) retoma o conflito entre teodiceia<sup>13)</sup> e antropodiceia<sup>14)</sup>, demonstrando a partir de análises sociológicas que os pobres são os que mais sofrem diante de uma catástrofe natural, justamente por estarem em maior situação de vulnerabilidade, também deduz que a pergunta "onde está Deus no terremoto?" é equivalente à pergunta "onde estavam o humano, a democracia, a globalização no terremoto?". Sobrino não escapa de seu ofício, e como teólogo cristão nos conduz a um novo olhar sobre as vítimas, "as vítimas são mais do que vítimas. São o povo crucificado, o servo sofredor de Javé, o Cristo crucificado de nosso tempo [...] Seja nessa linguagem teológica – de fé -, seja em qualquer outra linguagem, é decisivo ver as vítimas com respeito, devoção e veneração, pois nos colocam diante do mistério último da realidade" (SOBRINO, 2007, p. 54). Enfim, Sobrino (2007, p. 56) indica como deveria ser nossa tentativa de abordar a religiosidade das vítimas da tragédia no seguinte parágrafo,

Deus está muito presente em países como El Salvador e, por isso, sem considerar as relações dos seres humanos com esse Deus não se compreende por inteiro o terremoto. Em países de intensa religiosidade é evidente que numa catástrofe as pessoas se remetam a Deus como referencial decisivo e superior a qualquer outro a partir do qual seja possível compreender de alguma maneira o que ocorreu, por algum tipo de "lógica" em meio ao absurdo e, inclusive, encontrar algum tipo de "salvação" em meio à catástrofe. Nesse tipo de religiosidade, o terremoto pode ser considerado castigo justo e por isso é preciso aplacar e pedir perdão a Deus. Por outro lado, nele podem-se encontrar clemência, proteção e esperança. O que é preciso destacar é que, no fundo dessas atitudes, mesmo em meio à tragédia, e mesmo no caso de que não se possa fazer nada para superá-la, em Deus busca-se e encontra-se "compreensão do porquê" e, principalmente, "sentido".

Em meu trabalho para conclusão de curso de Bacharel em Teologia,

---

<sup>13)</sup> Julgamento, ou justificação de Deus em relação ao mal.

<sup>14)</sup> O homem deve justificar-se aos seus próprios olhos.

pesquisei sobre os possíveis questionamentos das vítimas a respeito da catástrofe natural, motivado pela famosa frase de Epicuro,

Ou Deus quer eliminar o mal do mundo, mas não pode; ou pode, mas não quer fazê-lo; ou não pode nem quer fazê-lo; ou pode e quer eliminá-lo. Se quer e não pode, é impotente; se pode e não quer, não nos ama; se não quer nem pode, além de não ser um Deus bondoso, é impotente; se pode e quer – e esta é a única alternativa que, como Deus, lhe diz respeito –, de onde vem, então, o mal real e por que não o elimina de uma vez por todas? (EPICURO apud MARIA & SOARES, 2003, p. 13)

A hipótese em mente, pressupunha o mesmo questionamento, a partir das vítimas do Megadesastre 11. Foram ouvidas três mulheres, cristãs de diferentes denominações: católica, protestante e pentecostal, frequentadoras assíduas das atividades de sua comunidade de fé, moradores do bairro Vieira, situado no 3º distrito da cidade de Teresópolis. Toda minha análise girou em torno do conflito teodiceia x antropodiceia, a estrutura das perguntas feitas nas entrevistas do trabalho anterior já indicava esta preocupação, e de fato, o problema do mal está presente, todavia, não exprime o todo da experiência religiosa das vítimas de uma catástrofe natural.

Destarte, descreveremos nos próximos tópicos algumas características dos sobreviventes da tragédia que nos permitam uma aproximação compreensiva de suas experiências religiosas.

### 1.1.3 Entre católicos e protestantes

Desde a sua colonização, Teresópolis é marcada fortemente pela religiosidade, se por um lado os colonizadores portugueses trouxeram o catolicismo, os imigrantes de outros países trouxeram o protestantismo (FÉO, 2010, p. 104).

De acordo com Gollarte (1966, p. 297) as ações dos católicos estavam

concentradas no centro, devido ao clero ser escasso. Os protestantes por sua vez penetraram o meio rural, visitando o povo do campo, que raramente era visitado pelo sacerdote católico, distribuindo bíblias. O mesmo autor, ainda descreve,

Sob o aspecto religioso, difere Teresópolis das cidades seculares afloradas à sombra das igrejas. Sua origem já foi marcada pelo pluralismo religioso. Destituída de festas tradicionais, foi emprestar de Portugal as comemorações em honra a Nossa senhora da Saúde, conservando do peculiar a homenagem a Santa Teresa, padroeira do município. As classes tradicionais de sangue mineiro nas veias confessam ser católicas por fidelidade aos antepassados. As massas camponesas variam na sua fidelidade ao catolicismo desde as crenças até o sincretismo religioso. Por influência do setor humano, ausência de suficiente assistência religiosa do clero, vão aderindo à religião da prática mais acessível, congregam-se nas denominações protestantes. Nas novas massas populares oriundas dos movimentos de imigração da zona rural para a urbana é que o protestantismo vem conquistando maior número de prosélitos, oferecendo-lhes um meio de integração no ambiente social citadino, mediante reunião de pequenas comunidades. As classes renovadoras, dotadas de maior cultura incompatível com a cultura tradicional, constituída de membros de profissões liberais, professores, doutores e estudantes, acham-se sob o impacto das influências filosóficas da época, são respeitosamente, ou atrevidamente, às vezes, indiferentes à Igreja. Canalizam a religiosidade para o chamado espiritualismo, um vago de espiritismo com sabor filosófico e elementos do cristianismo, ou convertam-na em humanismo e filantropia (GOLLARTE, 1966, p. 489).

Para o Frei Paulo Gollarte era um ponto extremamente positivo a atmosfera de ecumenismo reinante no município (GOLLARTE, 1966, p. 490), fator que pode ser observado nos registros históricos em que cristãos protestantes eram padrinhos de vários batizados realizados por padres. Além disso, os protestantes históricos registravam nascimento, mortes e casamentos na Igreja de Santo Antônio de Paquequer (FÉO, 2010, p. 153, 243). Quando havia missa os fiéis iam, mas nos outros domingos os fiéis iam à "missa dos crentes". As reuniões periódicas dos protestantes acabam sendo um atrativo para quem pouco via o sacerdote e, além disso, afirma o frade, contribuíam para a "desintegração de práticas mágicas com escopos protetivos" e despertavam o gosto dos católicos para as Sagradas Escrituras (GOLLARTE,



1966, p. 446, 493).

Esse histórico ecumênico parece não ter reinado entre os protestantes, especialmente em Vieira, onde é muito comum ouvir membros dessas igrejas relatarem casos recentes de pessoas que foram desligadas simplesmente porque entraram em um templo católico para assistir a uma celebração de casamento, ou por participarem de alguma festividade católica mesmo fora do templo. Isso também fica perceptível no relato de um dos entrevistados ao falar sobre o filho que frequenta uma igreja católica e por isso “ainda não está salvo”. Entretanto, por parte da entrevistada católica e a partir de outros relatos de pessoas da localidade, esse confronto protestante x católico, parece não existir para os católicos.

Certamente que este embate dos protestantes contra os católicos se explica no tipo de protestantismo anticatólico apregoado pelos novos missionários. Bonino (2003, p. 31 et seq.) descreve-o como “protestantismo evangélico”, que seria marcadamente fundamentalista, “individualista, cristológico-soteriológico numa perspectiva basicamente subjetiva, com ênfase na santificação. Ele tem um interesse social genuíno, que se expressa na caridade e na ajuda mútua”, com grande ênfase no estudo da Bíblia para se defender dos erros do catolicismo, interpretando-a de forma literal combatendo o avanço do secularismo e em defesa da fé. Também é característica deste tipo, a conversão como decisão pessoal, que permite a recriação de uma identidade, a constituição de um sujeito que se sente capaz de decidir por si mesmo, com uma nova consciência de si mesmo que o anima a tomar iniciativas. Tudo isso pode produzir nesse protestante uma ideia de que a história humana é apenas um lugar de espera pela volta de Jesus. Apesar da negatividade dessa tipologia, há que se considerar que é uma reação, pois,

[...] confrontados a partir de fora pela crítica destrutiva das correntes positivistas e ateias e a partir de dentro pelas linhas teológicas que pareciam esvaziar de conteúdo a fé evangélica, muitos evangélicos viram no fundamentalismo a única barreira que podiam levantar ante esses inimigos, a única defesa de uma fé que dava sentido a sua vida. Se por causa da crítica ateia e do liberalismo teológico perdiam a Escritura, de cujas páginas haviam recebido a mensagem da salvação,

se o fervor de sua piedade se esfriava numa religião tão formal e ritualista quanto a que haviam deixado ao se converter, se o relativismo ético os submergia numa anomia, destruindo as normas que haviam pautado sua vida, e se o relativismo religioso destruía a motivação e a urgência para comunicar a mensagem a outros, o perigo era mortal e era necessário buscar uma resposta. O fundamentalismo se lhes apresentava como uma resposta segura, como um baluarte inexpugnável e como uma arma poderosa no combate pela verdadeira fé (BONINO, 2003, p. 48).

Outro movimento que alcançou as igrejas da região foi o pentecostalismo. Observado na diversidade de novas denominações e no seio das antigas igrejas evangélicas. Conforme explica Bonino (2003, p. 57), trata-se de “uma religião oral, que se expressa em símbolos - canto, dança - e emoção, pré-conceitual, da qual não se pode esperar uma teologia explícita e sistematizada”. Portanto,

[...] a comunidade pentecostante articula uma visão do mundo cunhando-a com os elementos de que dispõe no momento. Não importa se, para o caso, esses elementos já estão identificados com os modos de conhecer ou os modos de atuar de formações religiosas católicas ou protestantes, se correspondem a ideologias (...) ancestrais de seu mundo social antigo (...) ou se são estranhos à sua produção nacional. (CAMPOS apud BONINO, 2003, p. 67)

O pentecostalismo acaba por fazer uma bricolagem de outras denominações, mas ao que parece, esta característica sincrética é comum na maioria das igrejas brasileiras. Não se quer aqui definir o pentecostalismo de forma geral, mas as descrições feitas por Bonino parecem delinear bem o tipo de pentecostalismo presente em Vieira, observado no cotidiano e na vida de duas das entrevistadas.

A história da região e estas tipificações nos ajudam a entender a matriz religiosa dessa gente. Receio, entretanto, que sejam insuficientes para explicar a experiência religiosa das mesmas diante da tragédia. Ainda nesse esforço de aproximação, no tópico seguinte há uma breve narrativa dos meus quatro anos

de convívio com os sobreviventes do desastre.

#### 1.1.4 Flores sobre escombros

É preciso acrescentar detalhes ao meu primeiro relato do contato pessoal com a tragédia. O cenário visto pessoalmente era muito pior do que o demonstrando nas imagens televisivas, as ruas e casas estavam tomadas de lama e destroços, a marca da altura atingida pela enchente pintava as paredes acima das janelas, as lágrimas contornavam faces tristes e misturavam-se ao suor do árduo trabalho com pás e enxadas. O fluxo de carros era impossível, assim, o percurso íngreme até o ponto mais alto do bairro só era possível a pé, no caminho, casas destruídas, escombros, árvores reviradas sobre carros e mais lágrimas. A essa altura, já era possível ver marcas dos deslizamentos nas montanhas que avolumaram o pequeno córrego transformando-o num grande rio que levou consigo a grande maioria das casas que ficavam em suas margens. As pedras que rolaram das montanhas cobriam as lavouras, algumas com mais de dois metros de altura.

Desde então, passei os últimos anos ajudando em trabalhos voluntários em apoio às vítimas da catástrofe, do remover de escombros à reconstrução de casas, da distribuição de donativos ao plantio de novas lavouras, do entretenimento ao desenvolvimento de projetos socioeducativos para as crianças. Tempo este em que as marcas da tragédia atingiram também a minha memória. E são estas lembranças, que permeiam este trabalho, que pretendo compartilhar.

Durante os meses posteriores à tragédia, diversos psicólogos, voluntários ou funcionários públicos, estiveram em Vieira, entretanto, poucos foram os que desenvolveram algum tipo de tratamento prolongado com as vítimas. Em razão disso, era comum ouvir algumas pessoas dizerem que “psicólogo fazia mal”, pois vinham, pediam para ouvir a história do evento e sobre as perdas, mas

depois desapareciam, obrigando os moradores a recontar os mesmos fatos e relembrar as mesmas dores. Todavia, os traumas provocados pelas chuvas ainda estão presentes, bastam algumas nuvens espessas e a atitude das pessoas muda, algumas de maneira extrema, demonstrando que ainda precisam ser tratadas. Homens e mulheres em noites de muito vento se ajuntam em casas mais seguras e velam a noite esperando o nascer do sol.

Para as vítimas, o acontecimento foi mais que uma tragédia, grande parte delas se refere ao evento dizendo “ho dia das tragédias”, no plural. A catástrofe provocou inúmeras tragédias na vida de cada um deles, tragédias que duram até hoje. Entre as casas abandonadas e as casas interditadas, que ainda se encontram ocupadas, um vazio preenche o coração daqueles que perderam um ente querido. A dor encontra contornos profundos fazendo necessário diferenciar entre aqueles que morreram e os que “não foram encontrados”, não porque tenham alguma esperança de encontrá-los, mas porque não tiveram a oportunidade de sepultá-los.

Sobre estas duras verdades nasce a flor esperança. Agricultores, acostumados a perder a lavoura por motivos diversos, aprendem com a vida a re-preparar a terra e recomeçar o plantio após perderem todo seu investimento. Agricultores que plantam flores sobre os escombros das casas derrubadas, relembrando que a vida continua e que apesar de tudo, ainda há razão para colher os tomates e contemplar as flores, mesmo que o solo seja regado com lágrimas. Agricultores que possuem a fé de que as montanhas não se moveram em vão.

## 1.2 O SENTIDO DA VIDA

Uma vez que, não nos basta encontrar as causas das mortes – ainda que isso nos ajude a alcançar nossos objetivos –, debruçar-nos-emos sobre o seu sentido, porquanto “o sentido que damos à morte é também o sentido que

damos à vida e vice-versa ” (BOFF apud ALMEIDA; REZENDE, 2002, p. 9). Assim sendo, optaremos pelo inverso, a saber, perscrutar o sentido da vida para encontrar o sentido da morte e da experiência religiosa das vítimas da tragédia natural. Albert Einstein (1981, p. 13) indagado sobre o sentido da vida, fez a seguinte afirmação,

Tem um sentido a minha vida? A vida de um homem tem sentido? Posso responder a tais perguntas se tenho espírito religioso. Mas, “ fazer tais perguntas tem sentido? ” Respondo: “Aquele que considera sua vida e a dos outros sem qualquer sentido é fundamentalmente infeliz, pois não tem motivo algum para viver ”.

O sentido da vida parece sempre estar entrelaçado a alguma ordem religiosa. Para Clodovis Boff (2014, p. 13 et seq.), falar do “sentido da vida ” é sobretudo falar sobre o fim da vida – nesses termos, fim toma a ideia de finalidade –, e retoma desde Aristóteles a teoria sobre a causa final (télos), para a qual todas as outras causas se movimentam, por conseguinte, tudo na natureza tem um sentido (teleologia), a própria realização. Em Aristóteles, Deus é entendido como o télos, como o sentido supremo e único do mundo, conduzindo a teleologia à teologia.

Sobre esta aproximação entre teleologia e teologia, talvez tenha sido Viktor Frankl o autor que desenvolveu trabalho mais profícuo. Frankl (1905-1997) foi um psiquiatra e psicólogo austríaco que elaborou um método de tratamento psicológico denominado logoterapia, considerada a terceira escola de Viena – sendo as outras duas a psicanálise de Freud e a psicologia individual de Adler –, uma psicoterapia centrada no sentido da existência humana, bem como na busca dos indivíduos por esse sentido, “o homem procura sempre um significado para a sua vida e está sempre se movendo em busca de um sentido de seu viver ” (FRANKL, 2005, p. 23). Frankl, foi prisioneiro em quatro campos de concentração, inclusive o de Auschwitz, onde analisou e experimentou o comportamento humano em meio à tragédia.

Partirmos, portanto, do homem para entender quem é este ser que

caminha para realizar sentidos.

### 1.2.1 A imagem noética do homem

Qualquer fenômeno humano pode ser observado a partir de diversos pontos de vista, que representam de algum modo alguma realidade deste fenômeno. O homem é um ser delimitado biológica, sociológica e psicologicamente. Pensando nisso, aproveitaremos da ideia de Frankl (2015, p. 43) de utilizar figuras geométricas para explicar como podemos cair num erro ao analisar qualquer fenômeno humano. Pensemos num cilindro. Ao projetarmos uma luz sobre alguma das faces do objeto, perceberemos uma forma representativa daquela face. Se mudarmos o ponto de incidência desta luz, poderemos obter outras formas. Assim, de um mesmo cilindro podemos observar uma sombra com formato de círculo ou de retângulo. As múltiplas possibilidades de olhar o homem podem induzir-nos às abordagens reducionistas que nos detêm sob sombras. Estudar a totalidade da experiência religiosa têm se tornado desafiador na Ciência da Religião, uma vez que,

Um dos problemas da modernidade não foi a associação da religião a instâncias e fenômenos fora da religião, mas sua redução a esses elementos. Talvez passada esta fase mais crítica da modernidade, possamos chegar à conclusão de que a religião não deveria ser mais estudada como fenômeno explicado a partir de outro, mas como algo *sui generis*, que precisa ser estudado a partir de seus sistemas internos de referência ”(MAGALHÃES & PORTELLA, 2008, p. 25).

Em níveis práticos, seria assumir que a experiência religiosa da vítima da tragédia não pode ser reduzida a fatores psicológicos de controle e proteção, também não pode ser reduzida a uma ideia preconcebida de que o comportamento do indivíduo é totalmente apreendido do comportamento social da comunidade na qual está inserido. Seria isso o que Paden (2012, p. 16-18)

chama “perspectivismo metodológico” ou ainda “enquadramento”, uma delimitação de algum objeto que apesar de auxiliar na compreensão do mesmo, acaba por omitir outras características do mesmo, ao passo que supervaloriza a abordagem daquele que enquadra. Numa época marcada pelo pluralismo da ciência, em que cada disciplina científica representa a realidade de maneira tão diferente das demais, contradizendo-as em muitos casos, o mesmo se dá no estudo da realidade humana e de sua experiência religiosa. Por isso, Frankl (2015, p. 44), faz o apelo a um olhar por sobre a diversidade humana, em sua perspectiva mais elevada, na dimensão do especificamente humano.

Mas onde estaria esta especificidade do ser humano? Na concepção psicanalítica o ser humano age sempre por impulsos, retirando-lhe o caráter existencial de “ser-responsável” ou um “ser que decide”. Entretanto, para Frankl (2013a, p. 21), “o ser humano propriamente dito começa onde deixa de ser impelido e cessa quando cessa de ser responsável”. A existência humana representa uma existência essencialmente espiritual, inconsciente assim como é o instintivo, mas que decide. Assim, de acordo com Frankl (2013a, p. 22, 23), para descrever a totalidade humana não bastaria falar sobre corpo-mente ou sobre a unidade psicofísica, é preciso colocar no centro do indivíduo uma pessoa espiritual, capaz de promover a unidade e totalidade do ente humano, uma totalidade biopsicoespiritual. A este núcleo do ser do homem pertencem as capacidades de amar, de decidir, de aceitar, de descobrir e realizar os valores e significados.

Uma outra característica dos reducionismos, é representar o homem no plano biológico como um sistema fechado de reflexos fisiológicos, ou no plano psicológico como um sistema fechado de reações psicológicas, porém, um “ser que decide” é um ser aberto, “aberto ao mundo”, para Frankl (2015, p. 45), “A essência da existência humana [...] radica na sua autotranscendência. Ser homem significa, de per si e sempre, dirigir-se e ordenar-se a algo ou alguém”.

Autotranscendência.

Para Frankl (2005, p. 41, 47), ser homem significa estar em relação com alguma coisa ou com alguém diferente de si, o que chama de autotranscendência, que caso não vivida pode fazer ruir a existência. Ora, o ser humano é definido como um ser no mundo, isto é, na realidade, e a realidade compreende também razões e significados. Explicando melhor,

A qualidade da autotranscendência da presença humana é refletida, por sua vez, na qualidade “intencional” dos fenômenos humanos [...] Os fenômenos humanos indicam e se referem a objetos intencionais. As razões e os significados representam tais objetos. [...] Quando a autotranscendência da existência é negada, a própria existência é desfigurada. Ela é materializada. O ser fica reduzido a mera coisa. O ser humano é despersonalizado. E, o que é mais importante, o sujeito é transformado em objeto. Isto é devido ao fato que é característica de um sujeito relacionar-se com objetos intencionais em termos de valores e de significados que têm a função de motivos e de razões. (FRANKL, 2005, p. 47).

Destes argumentos, subtrai-se que o comportamento humano não é causado simplesmente por processos de condicionamento, na verdade, não possuem uma causa, mas, antes, uma razão. Isto vale para as vítimas da tragédia e suas experiências religiosas. Não estamos neste trabalho à procura das causas de suas experiências, mas da (s) razão (ões).

Segundo esta concepção de Frankl, seria errada a ideia de Freud de que o ser humano é um ser em busca do prazer, ou do princípio da homeostase, isto é, que procura reduzir as tensões internas para manter ou restaurar o equilíbrio interior. O que acontece é que “o interesse preponderante do ser humano não é por quaisquer condições internas dele próprio, sejam elas prazer ou equilíbrio interior” (FRANKL, 2013a, p. 99). Em suma, pode-se dizer que a existência humana é sempre direcionada e relacionada para algo diferente do próprio ser, quanto mais ele se esquece a si mesmo e se dá, mais humano ele é. (FRANKL, 2005, p. 86, 112). Esse dar-se do homem apesar de acontecer de forma consciente não parte de impulsos instintivos, mas do inconsciente do



próprio eu.

## Inconsciente espiritual e a consciência moral

Enquanto a psicanálise atribui ao inconsciente um caráter impulsivo, Frankl (2013a, p. 19) parte da premissa de que o inconsciente se compõe também de elementos espirituais, diferenciando-se, portanto, instintividade inconsciente e espiritualidade inconsciente, deste modo

O espiritual-existencial em sua dimensão profunda, é sempre inconsciente. Isto significa que a “pessoa profunda” não é apenas facultativa, mas obrigatoriamente inconsciente. Isso decorre do fato de a execução espiritual dos atos e, conseqüentemente, a entidade pessoal como centro espiritual de tais atos constituírem uma pura “realidade de execução”. A pessoa fica tão absorvida ao executar seus atos espirituais, que ela não é passível de reflexão na sua verdadeira essência, ou seja, de maneira alguma poderia aparecer na reflexão. Neste sentido, a existência espiritual, ou seja, o próprio eu, o eu “em si mesmo”, é irreflexível e, assim, somente executável, “existente” somente em suas execuções, somente como “realidade de execução”. [...] A existência propriamente dita continua sendo um fenômeno primário, não analisável e irreduzível. Também cada um de seus aspectos elementares, como, por exemplo, quando nos referimos à consciência e à responsabilidade, constitui um estado fenomenológico primário do mesmo tipo. (FRANKL, 2013a, p. 25, 26)

Estas constatações serão muito importantes quando de fato nos colocarmos à tarefa de compreender as expressões religiosas das vítimas da tragédia, pois é somente através destes atos espirituais – dirigidos a algo ou a alguém – que poderemos perceber a entidade pessoal destes indivíduos, a pessoa profunda espiritual, em sua autotranscendência. Essa definição de um inconsciente espiritual de Frankl se aproxima do que Tillich (1992, p. 154, 155) chama centro espiritual ou alma, “à base vital e emocional de onde emana o centro autoconsciente da personalidade”. Veremos num outro capítulo sobre a capacidade humana de decidir diante de qualquer fato, mas, de antemão,

podemos perceber que as grandes e autênticas decisões na existência humana ocorrem de maneira inconsciente, apesar de serem processadas conscientemente, posto que na sua origem, a consciência está imersa no inconsciente.

Tomemos como exemplo a consciência moral, ela é irracional; é alógica ou pré-lógica, porque na sua realidade de execução imediata, nunca é completamente racionalizável. Enquanto à consciência torna-se acessível um ser que é, à consciência moral revela-se algo que ainda deve se tornar real, que terá que ser realizado, e de acordo com Frankl (2013a, p. 30), só pode ser realizado porque é antecipado espiritualmente através da intuição, num ato de ‘visão’. Ou como diria Lukas (1989, p. 44), ‘a consciência é uma inteligência pré-moral do valor,’ que nasce do espiritual, e que todo homem traz em si intuitivamente, o seu senso ético e que não pode ser inculcado, nem necessita, porque pertence à base existencial do homem’. Tillich (1992, p. 167, 168) descreve essa consciência como ‘consciência transmoral’, uma vez que, ela não julga em obediência à lei moral, mas a partir de algo que transcende essa lei, ‘o ser humano, situado no centro do ser, é levado a transformar a vida numa vida mais alta’.

Outra dedução que pode ser feita, e que aparece de forma clara nas ideias de Frankl, é que, essa atuação da consciência está ligada a um ser absolutamente individual. Suas decisões não se originam de valores sociais instituídos e introjetados, mas de valores ligados a uma situação específica e a uma pessoa específica, em que qualquer regra universal fracassaria. Algo único, que precisa ser realizado por aquela pessoa. Não obedece, portanto, a uma ‘lei moral’, antes a uma ‘lei individual’ que não pode ser conhecida racionalmente, compreendida apenas intuitivamente através da consciência moral.

Poderíamos perguntar de onde nos vem essa consciência à qual obedecemos, é aí que Frankl (2013a, p. 49) faz uma afirmação que à primeira vista parece arriscada: é ‘um fenômeno que transcende minha mera condição humana’. Isto é, a consciência é porta-voz de algo distinto de nós, uma

instância extra-humana. Essa relação com o transcendente revela dentro da espiritualidade inconsciente humana, algo como uma religiosidade inconsciente, um relacionamento inconsciente com “Deus”, imanente no ser humano.

### Homo religiosus

Eliade talvez tenha sido quem melhor definiu o conceito homo religiosus. Para ele o “sagrado” é um elemento da estrutura da consciência, viver como um ser humano é, em si, um ato religioso, pois a alimentação, vida sexual e trabalho possuem um valor sacramental, ser um homem significa ser religioso (ELIADE, 1989, p. 10). Esta percepção de Eliade se aproxima muito das ideias do Frankl até aqui apresentadas, e que por vezes sofre críticas<sup>15)</sup>.

Uma vez que citamos “Deus” no tópico anterior, podemos tentar definir esse termo a partir da ideia de Rubem Alves (1975, p. 54 e 1981, p. 128), quer dizer, Deus é a “presença da ausência”, é a “saudade de um bem-amado que nos deixou ou que ainda não veio”, ou a partir de Tillich, chamando-o de “Incondicional”, “preocupação suprema”, ainda mais, Deus é um símbolo para aquilo que nos toca incondicionalmente, “Deus é símbolo para Deus” (TILLICH, 1985, p. 33). Se preferirmos podemos também tomar de Frankl (2005, p. 56) a definição que ele diz ser operacional, “Deus é o parceiro dos teus solilóquios mais íntimos”;

Nesses casos, o termo “Deus” alcança uma amplitude diferente da ideia convencional de uma entidade sobrenatural. De igual modo, ser religioso toma novo sentido, justamente por que a religião toma outra definição.

---

<sup>15)</sup> Pensamentos como estes têm sofrido grandes críticas de parte dos estudiosos da(s) Ciência(s) da(s) Religião(ões), tendo como um dos principais expoentes no Brasil o professor Frank Usarski (em especial no capítulo “Os enganos do Sagrado”, do livro “Constituintes da ciência da religião. Cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma”), que não aceita a suposição de uma essência religiosa no ser humano, delimitando o estudo da religião somente à sua face concreta. Ou seja, não seria possível alcançar a profundidade da experiência religiosa. Poderíamos escrever uma enorme quantidade de palavras sobre esta problemática, todavia, não seria oportuno, por ora, este debate. Assumimos como pressuposto epistemológico a concepção de Eliade, aliada à compreensão de Frankl, Tillich e Rubem Alves.

Todavia, se lembrarmos agora das vítimas da tragédia, de suas falas e possivelmente suas percepções, “Deus” se estabelece como entidade, um ser sobrenatural, à imagem e semelhança humana. Esse é o símbolo, ou a forma, da qual o indivíduo se apoderou de maneira existencial para canalizar sua religiosidade – nas orações dos pais, nos ritos das igrejas e nos demais exemplos de seu cotidiano –, são imagens recebidas por tradição no seu ambiente religioso-cultural (FRANKL, 2013a, p. 63).

Por isso, Tillich insiste em que é preciso distinguir dois elementos em nossa concepção de Deus,

Uma vez o elemento incondicional, que se manifesta na experiência imediata e em si não é simbólico, e por outro lado o elemento concreto, que é obtido de nossa experiência normal e é simbolicamente relacionado com Deus. A pessoa, cuja preocupação incondicional se exprime numa árvore santa, está tanto tomada por uma preocupação incondicional como pela concreticidade da árvore, que simboliza a sua dedicação ao incondicional. A pessoa que adora a Apolo, está possuída pelo incondicional, e isso de modo concreto, pois para ela o incondicional está representado na imagem divina de Apolo. A pessoa que venera a Javé, o Deus do Antigo Testamento, não tem apenas uma preocupação incondicional, mas também uma imagem concreta daquilo que o toca incondicionalmente. Esse é o sentido da constatação aparentemente tão paradoxal de que “Deus” é símbolo para Deus. Nesse sentido Deus é o conteúdo próprio e universalmente válido da fé. (TILLICH, 1985, p. 34).

Isso parece ser importante quando se trata de estudar o fenômeno religioso, pois que, poderíamos perder muito tempo analisando os elementos concretos da religião sem, contudo, compreender que são imagens do Incondicional. É por isso que estudiosos da religião, como Berger (1985), enxergam como apenas um elemento da cultura, atribuindo-lhe caráter funcional e criticando qualquer afirmação essencial da mesma. O que nos parece muito clara é a validade da afirmação, que contrapõe essa visão parcial, proposta por Tillich (1992, p. 85), “religião é a substância da cultura; cultura é a forma da religião.” De modo que a forma e a substância não podem ser postuladas uma sem a outra.

Por uma possibilidade de pensar a religião para além das formas, queremos insistir nas definições aqui propostas. O termo "incondicional" não se refere a um ser, mas a uma qualidade, que caracteriza nossa preocupação suprema, não importando se chamamos de "Deus", de "Ser", do "bem", da "verdade", ou de qualquer outro nome. "Trata-se da qualidade experimentada no encontro com a realidade, por exemplo, no caráter incondicional da voz da consciência, tanto lógica quanto moral" (TILLICH, 1992, p. 63). Pieper (2015, p. 399, 400) esclarece que o incondicional é o fundamento do sentido, que torna possível sair do círculo vicioso da pergunta pelo sentido, uma vez que questionaríamos o sentido do sentido indefinidamente, esse fundamento não pode ser mais um sentido, mas aquilo que articula os sentidos, é a fonte última de sentido. Todavia, o incondicional é também abismo, pois está além de toda forma condicionada de sentido, isto é, ele transcende à cultura (formas condicionadas).

Com isso, alcançamos a possibilidade de pensar a religião como algo para além das formas religiosas convencionais, posto que ela é mais do que um mero sistema de símbolos, ritos e emoções dirigidos ao ser supremo, é a preocupação suprema, é o estado em que o ser humano passa a ter fé, isto é, ser tomado por algo incondicional, dando sentido, seriedade e profundidade à cultura e criando uma cultura religiosa própria a partir do material cultural já existente, seja uma cultura religiosa ou uma cultura secular, por exemplo, os movimentos revolucionários, que possuem em seu interior preocupações do mais alto grau (TILLICH, 1992, p. 87). O ser humano irreligioso, portanto, é aquele que ignora essa transcendência da consciência, esta preocupação além, ele considera a consciência como algo último, a última instância perante a qual tem que se sentir responsável (FRANKL, 2013a, p. 52). Em contrapartida, "Ser religioso significa estar incondicionalmente preocupado, não importando se a preocupação vai se expressar em formas seculares ou (num sentido restrito) religiosas" (TILLICH, 1992, p. 16). Obviamente que a aproximação entre Tillich e Frankl carece de um aprofundamento, não havendo aqui o espaço necessário para fazer as distinções necessárias.<sup>16)</sup>

Assim, homo religiosus é aquele que, mediante uma preocupação

suprema, toma consciência de sua responsabilidade e assume uma missão que lhe é incumbida de modo transcendente; “aquele homem em cujo ser-consciente e ser-responsável se dão conjuntamente a missão vital e o mandante que lhe confere”(FRANKL, 2015, p. 95), ele possui “seu Deus” como o interlocutor que o acompanha na voz da sua consciência. Isso será de grande importância quando, nos próximos capítulos, observamos o modo de agir dos religiosos, vítimas da tragédia.

1.

1.1.

1.2.

### 1.2.2 O suprasentido

Um esforço necessário para uma abordagem compreensiva da experiência religiosa das vítimas da tragédia, ainda que os mesmos não tenham sido apresentados de forma direta. Ainda será preciso percorrer outro caminho antes que nossos personagens principais contracenem conosco. Mas é preciso ter em mente, a cada passo dado, nossa intenção de chegar ao topo da região serrana do Rio de Janeiro, para nos encontrarmos com experiências individuais que podem ser universais.

Voltamos, portanto, a pensar na questão do sentido tendo em mente que somente o homem é capaz de pensar no próprio ser. Enquanto escrevo penso numa senhora em especial – mas que representa inúmeros casos – que perdera sua casa e alguns parentes próximos. Depois do evento perdeu a vontade de viver, conseqüentemente, perdeu os movimentos das pernas e também a capacidade de falar, três anos após a tragédia continuava acamada, embora tenha recuperado a fala. Parece-nos que foi tomada por aquilo que

---

<sup>16)</sup> Assumimos que há um enorme risco teórico ao se comparar ideias de autores como Frankl, Tillich, Alves e Eliade. Infelizmente, por ora, essas ideias ficarão fragmentadas e de certa forma serão expostas apressadamente. Entretanto, pontuamos a existência de distinções consideráveis entre os autores.

Frankl (2015, p. 26-28; 2005, p. 17-21) chama de “vácuo (ou vazio) existencial”; esse sentimento de que a vida não tem mais significado. Poderíamos aqui lembrar do dilema proposto por Camus (2007, p. 17) “Só existe um problema filosófico realmente sério [...] julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida”. É por isso que antes mesmo de questionarmos se a vida tem ou não algum sentido, precisamos concordar que há na maioria de nós um desejo por uma resposta afirmativa, do contrário ficaríamos imóveis e mudos, como a vítima da tragédia, indiferentes ao mundo.

### Vontade de Sentido

Se não nos encontramos num estado de vazio existencial, ansiamos por algo a realizar, somos orientados para o sentido, pois que,

A busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua vida, e não uma “racionalização secundária” de impulsos instintivos. Esse sentido é exclusivo e específico, uma vez que precisa e pode ser cumprido somente por aquela determinada pessoa. Somente então esse sentido assume uma importância que satisfará sua própria vontade de sentido. Alguns autores sustentam que sentidos e valores são “hábitos mais que mecanismos de defesa, formações reativas e sublimações”. Mas, pelo que toca a mim, eu não estaria disposto a viver em função dos meus “mecanismos de defesa”. Tampouco estaria pronto a morrer simplesmente por amor às minhas “formações reativas”. O que acontece, porém, é que o ser humano é capaz de viver e até de morrer por seus ideais e valores! (FRANKL, 2013b, p. 124, 125).

Vale lembrar que estas não são apenas palavras de um reconhecido professor universitário, mas de um prisioneiro que passou por quatro campos de concentração. Não é à toa que repetiu inúmeras vezes em seus livros a frase que atribui a Nietzsche, “quem tem porque viver suporta qualquer coisa”. É a partir de sua experiência nos campos de concentração que Frankl (2013a, p. 76; 2005, p. 28-29) pode afirmar que “o que importa à existência humana

não é prazer ou poder, nem autorrealização, mas antes o cumprimento de sentido ”; a vontade de sentido é um “valor de sobrevivência ”; a sobrevivência depende da capacidade de orientar a própria vida em direção a um “para que coisa ” ou um “para quem ”; ou seja, depende de uma característica essencialmente humana, sua autotranscendência.

A fé do ser humano num sentido é uma categoria transcendental, assim “quer queira, quer não, se o admite ou não – o ser humano crê num sentido enquanto respira. Mesmo um suicida crê num sentido, se não da vida, do continuar vivendo, então ao menos ele crê no sentido de morrer. Se ele realmente não cresse mais em sentido algum, a rigor não mais conseguiria mexer sequer um dedo, nem mesmo cometer suicídio ”(FRANKL, 2013a, p. 76, 77). Crer, nesse caso, é uma atitude religiosa.

#### A decisão existencial pelo sentido

Já foi dito que foi Aristóteles quem “descobriu ”a causa final e a teorizou. Desde então essa ideia vem sendo construída por vários filósofos, assim

Na ética estoica, a ideia de “fim ” era fundamental. Vários filósofos dessa escola escreveram tratados com o título “sobre os fins ”, tais como Zenão, Crisipo, Possidônio e Hecató. Para eles, fim era o bem conforme à natureza. O fim supremo do homem seria a virtude e a felicidade a ela conexa. A virtude, para os estoicos, consiste em viver em harmonia com a própria natureza racional. Sêneca esclarece que, para viver bem, não basta dispor dos preceitos morais, é preciso ainda ter um objetivo que guie e anime aqueles preceitos:

“Tenhamos diante dos olhos o fim que é o bem soberano, de modo que a ele tendam nossos esforços e se orientem todos os nossos atos e todas as nossas palavras, assim como ao marinheiro é necessária uma estrela que lhe dirija a navegação. Sem um propósito, a vida fica sem rumo (vita sine proposito vaga est) ”.

Igualmente, Cícero expressa a preocupação pelo “bem supremo ” que é também o “bem último ”, por conferir simplesmente sentido à vida:

“Estabelecido qual é o sumo bem, tudo em filosofia fica bem cimentado. Porque, caso se descuide ou desconheça algo nas demais coisas, o dano é proporcional a elas. Porém, se não se sabe onde estão o sumo bem, então se obscurece toda a razão e sentido da vida. Daí



provém tal quantidade de erros que os homens andam à deriva de suas opiniões, sem saber a que porto se acolherem. Ao contrário, quando se determina e se conhece a finalidade das coisas e onde estão os bens os males, encontrou-se o caminho da vida e a ordenação dos deveres ”. (BOFF, 2014, p. 15,16).

A vontade de sentido não é algo difícil de aceitar, mas haveria um sentido a ser atribuído à vida? Poderíamos concluir a partir de Frankl que os instintos são transmitidos por genes e os valores através das tradições, mas os significados, por serem únicos, são objetos de descoberta pessoal, ou seja, ainda que os valores desapareçam, os sentidos continuarão a existir. Mas qual seria esse sentido? E como descobri-lo? Para Frankl (2013a, p. 107, 108),

É impossível descobrir apenas pelo intelecto se, em última análise, tudo é desprovido de sentido ou se existe um sentido encoberto por trás de tudo. Embora não haja uma resposta intelectual a essa pergunta, é possível assumir diante dela uma decisão existencial. Diante do fato de que é igualmente concebível que tudo tenha um sentido, e que tudo seja desprovido de sentido, ou seja, que os argumentos pró ou contra um último sentido se mantenham equilibrados nos pratos da balança podemos jogar o peso de nosso próprio ser no prato a favor do sentido, decidindo-nos por uma das duas possibilidades de pensamento.

A esse sentido que está para além da nossa capacidade intelectual de compreensão, Frankl dá o nome de suprasentido ou, analogamente a Tillich, sentido último. Se voltarmos à ideia da sombra projetada da incidência de uma luz sobre o cilindro, diríamos que as ciências naturais são limitadas pelo ângulo sobre o qual podem observar. A descrição da sombra não permite uma pergunta teleológica, tornando impossível a afirmação ou negação de qualquer realidade que ultrapasse sua empiria.

Como já foi dito, a crença de que a vida tem um sentido é um ato de fé, mas “a fé não é uma maneira de pensar da qual se subtraiu a realidade, mas uma maneira de pensar à qual se acrescentou a existencialidade do pensador ” (FRANKL, 2013a, p. 108). O conhecimento não pode nos dar uma resposta afirmativa sobre a existência de um sentido para tudo, mas é plenamente

possível que a fé decida crer que haja. Segundo Frankl (2013b, p. 142): "O que se requer da pessoa não é aquilo que alguns filósofos existenciais ensinam, ou seja, suportar a falta de sentido da vida; o que se propõe é, antes, suportar a incapacidade de compreender, em termos racionais, o fato de que a vida tem um sentido incondicional. O logos é mais profundo do que a lógica."

Muller (2006, p. 23, 24) explica que para Tillich na consciência do sentido estão presentes três elementos: o primeiro a consciência do universo de sentidos, isto é, os sentidos particulares só têm sentido por estarem inseridos num universo de sentido maior que eles próprios; o segundo nos permite sair do círculo vicioso da busca pelo sentido e do sentido, entendendo que há um sentido incondicional, que não é um sentido, mas "fundamento do sentido" ou "substância do sentido", que confere realidade, significado e substancialidade aos sentidos particulares e ao universo de sentidos, que são apenas "formas de sentido"; e por fim, a consciência da exigência de cada sentido particular em revelar ou realizar plenamente este sentido incondicional, "É a exigência, inerente a todo ato cultural por sua própria essência, da busca da forma incondicional, nunca alcançada pelo fato de o incondicional não somente se dar no sentido, como seu fundamento, mas também transcendê-lo como seu abismo".

Temos, portanto, no incondicional um fim que também é um fundamento. O sentido último é destino, mas também origem de toda ação humana. Ou se preferirmos, voltemos à ideia de Rubem Alves, já citada, para afirmar que Deus e o sentido da vida são ausências, realidades por que se anseia, dádivas da esperança.

## 2 A RELIGIÃO COMO LINGUAGEM DA EXPERIÊNCIA EXISTENCIAL

Neste capítulo, interpelados principalmente por algumas ideias de Rubem Alves, num diálogo com Mircea Eliade, Tillich e outros autores, interpretaremos as entrevistas feitas com as vítimas da tragédia. Nesse caminho, encontraremos a linguagem como um dos pilares para a construção da realidade dessas pessoas. É a partir dela que as visões de mundo se manifestam e se transformam, é na linguagem que se apresenta o sentido da vida. Veremos que a linguagem possui formas que são específicas a algumas comunidades religiosas, o que não impede que percebamos os elementos constitutivos dessas manifestações. Iremos, portanto, da palavra à esperança, da saudade do paraíso à nostalgia pelo futuro ainda não realizado.

Foi assim, no início da narrativa judaico-cristã que a realidade veio existir, através do poder do verbo. “E disse Deus: haja luz. E houve luz.” E o poder mágico criador das palavras, prenuncia nos primeiros versos do texto sagrado a importância das expressões que desvelam mundos. Página após página palavras são pronunciadas com o poder de transformar caos em jardim, ou de trazer à realidade concreta aquilo que outrora se encontrava sensorialmente inacessível. Eis o poder das palavras, da linguagem, milagre, magia, mito, metáfora da força dos verbos encarnados. “A Palavra se converte numa espécie de arquipotência, onde radica todo o ser e todo acontecer. Em todas as cosmogonias míticas, por mais longe que remontemos em sua história, sempre volvemos a deparar com esta posição suprema da Palavra” (CASSIRER, 1992, p. 66).

Na religião e em especial no cristianismo, as palavras são teias que tecem o cotidiano e conduzem o religioso. É assim que nos provoca Rubem Alves (1984, p. 5),

Sabia que a religião é uma linguagem?  
Um jeito de falar sobre o mundo...  
Em tudo, a presença da esperança e do sentido...  
Religião é tapeçaria que a esperança constrói com as palavras.

E sobre estas redes as pessoas se deitam.  
 É. Deitam-se sobre palavras amarradas umas nas outras.  
 Como é que as palavras sem amarram?  
 É simples.  
 Com o desejo.  
 Só que, às vezes, as redes de amor viram mortalhas de medo.  
 Redes que podem falar de vida e podem falar de morte.  
 E tudo se faz com as palavras e o desejo.  
 Por isto, para se entender a religião, é necessário entender o caminho da linguagem.

Antes de pensar no caminho da linguagem proposto por Rubem Alves e utilizando as metáforas que lhes são tão caras, lembro-me de um filme italiano chamado "Rosso come il cielo" (Vermelho como o céu), sobre a história do pequeno Mirco, vítima de um acidente doméstico que lhe provocou cegueira e por conta disso foi estudar num colégio para deficientes visuais. Numa das cenas, um outro garoto que nascera cego pergunta a Mirco sobre as cores: "Como é o azul?" Mirco responde, "azul é como andar de bicicleta, e o vento batendo no rosto, ou como o mar"; "é a cor marrom?" encostando a mão do garoto que pergunta numa árvore, Mirco diz "é áspero como essa árvore"; "é o vermelho?" "o vermelho é como o fogo, como o céu no pôr-do-sol." Linguagem e visão de mundo estão entrelaçadas, através das palavras é possível perceber a realidade para além do que olhos podem ver.

Por ora, ficamos com a definição de Alves (1979, p. 55), "a linguagem, na sua forma mais fundamental, é a luz das emoções, revelação de sentido, ou seja, de minha maneira de ser em relação ao mundo."

- 1.
- 2.

## 2.1 A LINGUAGEM DOS SONHOS

A linguagem é, segundo Alves (1975, p. 118), como um instrumento, serve para dar cabo à solução dos nossos problemas existenciais. E a religião,

como uma linguagem, é uma rede de símbolos com os quais os homens discriminam objetos, tempos e espaços, construindo, com o seu auxílio, uma abóboda sagrada com que recobrem o mundo. Ainda de acordo com Alves (1981, p. 24, 25), quando o homem toca nesses símbolos em que se dependura, o corpo inteiro estremece, e esta é a marca emocional/existencial da experiência do sagrado.

Podemos pensar a partir de Eliade (2008, p. 20), em sua afirmação de que, “o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história”, ou seja, o ser humano possui duas experiências distintas no modo como concebem sua experiência. Alves (1981, p. 59, 98, 100) acrescenta que, as religiões estabelecem uma divisão bipartida do universo inteiro. Sagrado e profano não são propriedades das coisas. Eles se estabelecem pelas atitudes dos homens perante coisas, espaços, tempos, pessoas, ações. A linguagem da religião é a expressão do universo sagrado, não é um vidro transparente que ao homem permite enxergar o que está fora da sua habitação. A religião é um sonho, onde se percebe a realidade sob outro esplendor, o esplendor da essência do homem. Ideias que Rubem Alves desenvolve com base em Feuerbach (apud ALVES, 1984, p. 41),

...a religião é um sonho da mente humana. Mas mesmo nos sonhos não nos encontramos no vazio /empirismo/ ou nos céus /teologia/, mas na terra, no reino da realidade. O que ocorre é que nos sonhos vemos as coisas reais no esplendor mágico da imaginação e do capricho, ao invés de simples luz diurna da realidade e da necessidade.

Muito embora, Alves questione essa noção de realidade proposta por Feuerbach, como veremos mais adiante. Por ora, cabe seguir outras orientações.

### 2.1.1 O caminho da linguagem

Normalmente, pensa-se na linguagem como um elemento da racionalidade cartesiana que se encerra na matriz dos discursos científicos, pois é nela que todas as hipóteses se desenvolvem e se comprovam assumindo um sentido de verdade comprovada. De fato, a linguagem no mundo ocidental serve para: argumentação, demonstração, comprovação, verificação, a partir de um raciocínio aceito e praticado entre dois comunicadores. Todavia, a linguagem é ela própria um campo da racionalidade, um jogo autônomo com suas próprias regras (PINTO, 2002. p. 81-82).

Dito isto, vale salientar que sobre os ombros de todos os seres vivos pesa a árdua tarefa da sobrevivência, da recomposição das energias limitadas do corpo apoderando-se da natureza. No caso dos animais, essa sobrevivência se dá através de seu comportamento instintivo, que nada mais é do que o passado de sua espécie preservado em sua estrutura biológica, ou seja, todos os seus atos estarão condicionados pelas limitações do seu organismo. O homem por sua vez, não possui uma programação fechada, enquanto os animais se adaptam ao meio ambiente, o homem o transforma através de técnicas para lhe satisfazer as necessidades. Isto envolve o ato de organizar simbolicamente a natureza e de se organizar como sociedade, é a linguagem que torna possível a sociedade (ALVES 1984, p. 7-12; BERGER, 1985, p. 17, 18). Sobrevivência tem a ver com ordem. Ora, de acordo com Pinto (2002, p. 97), "central na formulação do pensamento, das categorias mentais, a linguagem é indissociável na formulação da identidade coletiva; estejamos a falar da identidade religiosa, cultural, social, ou até linguística." Significa pensar que,

A linguagem é a memória coletiva da sociedade. É ela que provê as categorias fundamentais para que certo grupo social interprete o mundo, ou seja, para que ele diga como ele é. Mas exatamente por causa disso, por determinar a interpretação, a linguagem determinará também a maneira pela qual a referida comunidade irá organizar a sua ação. É lógico. Um sujeito (homem ou comunidade) age em resposta a determinados estímulos. Mas se o mundo, donde vem os estímulos, é mediado pela linguagem, esta irá, de uma forma ou de outra, condicionar a resposta.

A linguagem e com ela a consciência, nasceu assim, de uma exigência prática: da luta pela sobrevivência, da necessidade

de preservar e de socializar as experiências bem-sucedidas. Mesmo as formulações mais abstratas e aparentemente divorciadas de qualquer motivo prático foram, de uma forma ou de outra, motivadas e provocadas por necessidades concretas. Porque não é a vida que é determinada pela consciência, mas a consciência que é determinada pela vida (ALVES, 1984, p. 15, 16).

Desta forma, a linguagem reflete uma relação entre o homem e o mundo. Para Alves (1975, p. 36, 64), o mundo só é acessível ao homem sob a ótica desta relação. Assim, se os animais possuem uma programação biológica que lhes impulsionam a agir, os homens possuem os olhos programados pela linguagem e, portanto, sua sensibilidade é limitada pela linguagem, como resultado disso, nunca olhamos a realidade física face a face.

Falamos no primeiro capítulo que o homem é autotranscendente, ou seja, direcionado para algo além de si, de igual modo, de acordo com Frankl (2005, p. 60, 61, 82) a linguagem é mais do que mera autoexpressão, ela aponta para algo além dela, é também autotranscendente, se refere a objetos que possuem significação e que precisam ser compreendidos por ao menos duas pessoas – “sem os outros o mundo seria não apenas morto e vazio para mim, mas completamente sem sentido” (FEUERBACH apud ALVES, 1984, p. 23) –, esses objetos formam um conjunto estruturado, um mundo do significado, um “cosmo” dos significados, que Frankl chama de logos (sentido), portanto, nenhum diálogo será possível, se a dimensão do logos não estiver presente. É por isso que Rubem Alves diz que as palavras formam redes, onde as pessoas se deitam, porque é nesse modo de conceber o mundo que se fundamenta a possibilidade de existência humana, é na linguagem que se apresenta o sentido da vida.

Isso implica na aceitação de que nossa cosmovisão<sup>17)</sup> está entrelaçada nas teias da nossa linguagem. Utilizando a definição de Sire (apud OLIVEIRA, 2008, p. 35), cosmovisão

---

<sup>17)</sup> O conceito de cosmovisão vem da palavra alemã “Weltanschauung”, que é um substantivo feminino composto de duas palavras alemãs: Welt – mundo, e Anschauung – concepção, percepção, intuição. Weltanschauungen é sua forma plural. As diversas traduções do conceito, além do já mencionado, são: biocosmovisão, concepção de mundo, mundividência, visão de mundo e percepção de mundo, dentre outras possíveis em português, e as já bem conhecidas worldview e life-worldview, em inglês.

...é um compromisso, uma orientação fundamental do coração, que pode ser expresso como uma narrativa ou como um conjunto de pressuposições (suposições que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou inteiramente falsas) que nós sustentamos (consciente ou subconscientemente, consistente ou inconsistentemente) sobre a constituição básica da realidade, e que fornece o fundamento sobre o qual nós vivemos, nos movemos e existimos.

Para enriquecer ainda mais este conceito, Oliveira (2008, p. 36) aprofunda-o, postulando que ele indica que essa orientação fundamental se manifesta na integralidade da experiência humana através da apreensão da realidade, configurando um campo hermenêutico de significado por meio do qual a vida-no-mundo é interpretada, podendo ser articulada discursivamente através de conceitos e sistemas teóricos de pensamento. Antes, todavia, de tentar penetrar e compreender a cosmovisão das vítimas da tragédia, é preciso suspender alguns julgamentos sobre verdade e realidade.

### 2.1.2 Realidade, valores e verdades

Na concepção de Alves (1999, p. 101), em geral, cientistas acreditam que o mundo possa ser observado de forma objetiva, desconfiando dos sentidos. Fazem isso através de teorias, hipóteses e jogos de palavras, ou seja, através de uma linguagem, e é por isso que nos acostumamos a pensar na linguagem como elemento da racionalidade cartesiana. Porém, segundo Alves (2000, p. 39), a ciência também não teria utilidade se não estivesse relacionada à sobrevivência, sendo assim, persegue a todo custo a ordem, porquanto é impossível viver num mundo desordenado. Logo, podemos concluir a partir de Alves (2003, p.115), que “a ciência é uma forma ocular de experimentar o mundo. Ela nasceu a partir do desejo de ver o mundo com olhos capazes de ver o invisível”. Entretanto, parece ter se perdido em sua tarefa e assumiu uma concepção totalitária que exclui outros tipos de discursos, para ficar mais evidente, basta comparar a diferença entre a linguagem científica e a



linguagem religiosa:

A linguagem científica pretende descrever o mundo. A linguagem religiosa exprime como o homem vive, em relação ao mundo. Temos aqui a chave para interpretar a significação da linguagem religiosa. A religião não é uma hipótese acerca da questão filosófica da existência de deuses. O ego não se propõe tal questão, no início de suas operações. O que importa é a "paixão infinita" (Kierkegaard), o "ultimate concern"<sup>18)</sup> (Paul Tillich), que estão instaladas no interior da consciência, e em torno das quais a personalidade se unifica. (ALVES, 1975, p. 25-26).

Alves (1984, p. 28) explica ainda que quanto mais próxima do ultimate-concern, mais a linguagem trará emoções e, portanto, terá mais significação, e quanto mais afastada maior insignificância terá. Desse modo, percebe-se que a atitude valorativa é irracional, irracional porque é anterior à razão, pois são os valores que criam a necessidade e a possibilidade da razão. Essa ideia de irracional se aproxima à definição de Otto (2014, p. 98) quando diz que “ao redor desse âmbito de clareza conceitual existe uma esfera misteriosa e obscura que foge não ao nosso sentir, mas ao nosso pensar conceitual, e que por isso chamamos de ó irracional”.

É por isso que realidade e verdade se tornam conceitos fluídos, diria até mesmo gasosos, quando pensamos na religião como uma linguagem, pois, como discorre Pinto (2002, p. 84, 97, 98), a realidade construída pelo religioso não é a realidade concreta que a racionalidade científica identifica como a verdade, uma vez que, nem mesmo a verdade obedece ao sistema cartesiano de pensar, no qual a verdade são os fatos inquestionáveis pela observação. A linguagem da religião tem uma racionalidade própria, é ela quem conduz e dá forças às crenças, possibilitando a transmissão e a vivência das mesmas, em síntese, um conjunto de regras que permitem ao indivíduo pensar o mundo.

Segundo Alves (1984, p. 17, 18) para o homem, a palavra “verdade” é o nome que damos a alguma ideia que é vital para nós mesmos e o “feal” é o

---

<sup>18)</sup> Preocupação última ou suprema. (GROSS, 2013, p.8)

modo como organizamos essas verdades. Concordamos com Alves (1991, p. 121), quando assevera que

Foi assim que aconteceu: a ciência empalhou a religião, tirando dela verdades muito diferentes daquelas que a própria religião viva cantava. Acontece que as pessoas religiosas, ao dizer os nomes sagrados, realmente creem num "lá fora" e é deste mundo invisível que suas esperanças se alimentam. Tudo tão distante, tão diferente da sabedoria científica...

Se vamos ouvir as pessoas religiosas é necessário "fazer-de-conta" que acreditamos.

[...] A religião fala sobre o sentido da vida. Ela declara que vale a pena viver. Que é possível ser feliz e sorrir. E o que todas elas propõem é nada mais que uma série de receitas para a felicidade. Aqui se encontra a razão por que as pessoas continuam a ser fascinadas pela religião, a despeito de toda a crítica que lhe faz a ciência. A ciência nos coloca num mundo glacial e mecânico, matematicamente preciso e tecnicamente manipulável, mas vazio de significações humanas e indiferente ao nosso amor.

A "ciência" está à procura da verdade, que só pode ser encontrada por meio do método científico, isto é, de maneira objetiva, submetendo o pensamento ao dado, subordinando a imaginação à observação. Ou seja, como afirma Alves (1981, p. 48), para a ciência somente as presenças importam, falam somente sobre o que veem, e isto é a verdade. O próprio Alves (1984, p. 160, 161) corrige essa ideia ao declarar que a verdade não deve ser encontrada na contemplação daquilo que existe, mas é algo com o qual as pessoas comprometem a própria vida, sendo assim, a realidade não é encarada em termos de suas propriedades matemáticas objetivas, mas em termos de sua importância e compromissos vitais. Em outros termos, Maduro (1994, p. 27) vai dizer que, "hossa experiência tem decisivo impacto sobre nosso conhecimento da realidade".

A partir disso podemos concordar com Tillich (2009, p. 83, 84) ao dizer que a religião

é a substância que dá sentido à cultura, e a cultura, por sua vez, é a totalidade das formas que expressam as preocupações básicas da religião, Em resumo: religião é a substância da

cultura e a cultura é a forma da religião. Com isso evita-se o dualismo entre religião e cultura. Cada ato religioso, não apenas da religião organizada, mas também dos mais íntimos movimentos da alma, é formado culturalmente.

Esta afirmação é provada pelo fato de que todas os atos da vida espiritual humana realizam-se por meio de linguagem falada ou silenciosa. A linguagem é a criação cultural básica. Por outro lado, não existe criação cultural que não expresse a preocupação suprema. É o que se vê nas funções teóricas da vida espiritual como, por exemplo, na intuição artística e na recepção cognitiva da realidade; também nas funções práticas como, por exemplo, na transformação pessoal e social da realidade.

Doravante, tentaremos desenvolver as implicações da linguagem religiosa na vida das vítimas da catástrofe natural, numa tentativa de, a partir de suas visões de mundo, identificar a forma e substância que compõem a realidade e a experiência de cada uma delas. Não está, portanto, em questão se as visões de mundo e a linguagem utilizada por cada um dos indivíduos representa a verdade ou a realidade em termos científicos.

### 2.1.3 Visões de mundo

Segundo Humboldt (apud ALVES, 1984, p. 20), “a diferença real entre linguagens não é uma diferença de sons ou sinais, mas antes de cosmovisões.” O que queremos dizer quando pensamos na afinidade entre cosmovisão e linguagem? É bem provável que Rubem Alves tenha chegado à resposta sobre essa questão a partir de suas leituras de Wittgenstein (1968, p. 111), sintetizada na frase, “Os limites de minha linguagem denotam os limites de meu mundo.”

Para Alves (1984, p. 18) “O homem é um construtor de mundos”, e na árdua tarefa de sobreviver eficientemente ele utiliza a linguagem como uma ferramenta que organiza o mundo de forma que faça sentido. A linguagem é, portanto, um jeito de falar sobre o mundo. No caso das vítimas da tragédia,

toda a complexidade do fenômeno natural está intimamente ligada ao seu universo religioso e à força divina, o mundo religioso ordena o evento a partir de suas percepções, e não poderia ser de outra forma, visto que, essa é a realidade que lhes fundamenta. Isso fica ainda mais claro nas palavras de Dewey,

...empiricamente as coisas são comoventes, trágicas, belas, cômicas, estabelecidas, perturbadas, confortáveis, desagradáveis, cruas, rudes, consoladoras, esplêndidas, aterrorizantes. O homem não as vê como fatos objetivos, mas como mensagens, como valores, como anúncios ou prenúncios, como promessas ou ameaças. O homem vê o mundo através de uma atitude valorativa, isto é, atitude que pergunta à realidade acerca de sua significação para o seu problema fundamental. Em outras palavras: a atitude valorativa pergunta primariamente não acerca das coisas (atitude objetiva), mas acerca da relação da coisa com o homem (DEWEY apud ALVES, 1984, p. 27).

Assim, para a vítima da tragédia, a percepção do desastre natural passa por vias que lhe permita a sobrevivência diante de um fato aparentemente sem sentido, uma linguagem religiosa, uma linguagem de esperança, conforme Alves (1975, p. 124), “é a esperança, a aposta na possibilidade da realização dos nossos valores, que nos dá as energias emocionais para viver através da frustração e da impotência”.

Alves (1981, p. 80) toca no cerne da questão, ao dizer que quando o indivíduo das profundezas do seu sofrimento, atribui algum evento como “vontade de Deus, cessam todas as razões, todos os argumentos, as injustiças se transformam em mistérios de desígnios insondáveis e a sua própria miséria, uma provação a ser suportada com paciência, na espera da salvação eterna da sua alma”. Assim, não importa para as vítimas se as causas da tragédia natural são geopolíticas, o importante, como eles mesmos disseram, é que seus amigos e familiares agora “estão na presença do Senhor”, que “Ele nos deixou, para vivermos o que Ele permitir”, ou que a casa não foi levada porque foi “à mão de Deus que segurou”, ou ainda que “Deus permitiu que isso acontecesse”.

As cinco histórias que seguem, são expressões dessas possíveis visões de mundo. As entrevistas completas estão transcritas nos anexos desse trabalho. Entre elas, o cristianismo é elemento comum, que emoldura essas experiências. É desse contexto que a linguagem de cada uma delas expressa uma realidade constitutiva da essência de cada um dos indivíduos que as compõem. Embora, o que se apresentará seja a forma e não a substância religiosa, pretende-se a partir dessa linguagem de cada um deles alcançar alguma interpretação que nos aponte uma preocupação suprema. Nos deteremos mais nas duas primeiras histórias por se tratar de entrevistas menos estruturadas, portanto, mais espontâneas, também por se tratar de um protestante histórico e uma pentecostal, dois universos significativos diferentes e representativos na comunidade em questão. Nos próximos subtópicos, tentarei demonstrar como algumas formas religiosas de determinadas denominações influenciam nos discursos dos indivíduos, já no subcapítulo 2.2 a intenção é formular uma interpretação acurada do sentido existencial presente nesses discursos.

### Porque está escrito

Era tarde de sábado ensolarada no interior de Teresópolis, dois de junho de 2015, os camponeses trabalham as terras montanhosas do bairro Vieira. As marcas dos deslizamentos da maior tragédia natural da história do país agora são quase imperceptíveis. Às margens da rodovia estadual, diversas casas novas construídas após o fatídico evento, dentre elas a casa do Sr. João e da dona Zulmira. Da varanda conversam com a vizinha enquanto me esperavam para entrevista previamente marcada. A Bíblia posta sobre a mesa ao lado de um livro devocional demarca a importância dada por ele ao texto sagrado, os oitenta anos de idade não o impedem de ler sem auxílio dos óculos as letras pequenas do livro, olhos tão preservados quanto sua lucidez e capacidade oratória. Não se pode dizer o mesmo sobre seu vigor físico, o caminhar lento e as dores nas costas revelam os muitos anos de trabalho.

Dentro da casa, fotos dos filhos e netos espalhados pelas paredes da pequena, mas confortável casa construída a partir de doações e ajuda de voluntários. Sentado confortavelmente no sofá, João começa a contar sua história, “80 anos que Deus já me permitiu na face da Terra de vida, tenho 68 e 6 meses de batizado”, assim, ao narrar sua trajetória, sua fala vem sempre acompanhada de trechos da Bíblia, os eventos marcantes de sua vida são associados às igrejas pelas quais passou e pelos pastores que fizeram parte de sua formação. Vez ou outra uma interrupção na história para explicar e exemplificar alguma perícopes da “palavra de Deus”. Professor da “escola bíblia dominical”, tesoureiro, pregador, “para entregar a mensagem, não com profundezas, mas de acordo com o que Deus nos permite” e diácono, João sempre esteve envolvido com as atividades de sua comunidade de fé e em todo momento deixa claro, “mas tudo isso nós deixamos nas mãos de Deus, para que ele nos ajude a vencer, e realizar a sua obra como deve ser feito aqui na face da Terra”.

Na fala do Sr. João aparecem valores característicos, típicos de sua comunidade de fé, da denominação Batista, que chegou ao Brasil através de missionários provenientes do Sul do Estados Unidos detentores de uma abordagem teológica com hermenêutica fundamentalista, influenciando as doutrinas batistas brasileira (ESPERANDIO, 2005, p. 23). A Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira (DDCBB) possui em sua origem ideias fundamentalistas, acompanhando grande parte do protestantismo evangélico como descrevemos no primeiro capítulo. Veremos, a seguir, que o discurso de João possui forte ligação com a DDCBB. Evidência de que sua religiosidade e visão de mundo estão estritamente relacionados à instituição religiosa a que pertence, e que lhe é tão cara. É o que afirma Gonçalves (2010, p. 46) ao dizer que entre os batistas “há uma preocupação muito grande com a Declaração Doutrinária”.

Como não podia deixar de ser, a questão do batismo e toda discussão envolvida na mesma se faz importante para os membros da denominação, especialmente para aqueles que possuem vínculos fortes com a instituição. É o caso do João, que faz questão de demarcar seu batismo desde cedo, mas não

tão cedo, somente aos onze anos, afinal, segundo a DDCBB essa é uma das marcas fundantes da denominação<sup>19)</sup>.

De igual modo, o relacionamento duradouro de 56 anos de casado precisa ser evidenciado. A DDCBB diz que ‘A família, criada por Deus para o bem do homem, é a primeira instituição da sociedade. Sua base é o casamento monogâmico e duradouro, por toda a vida, só podendo ser desfeito pela morte ou pela infidelidade conjugal.’ As apropriações do modo batista de ser não param por aí, se por um lado Tillich (2009, p. 89) afirma que, ‘Não existe linguagem sagrada caída de um céu sobrenatural para ser encerrada nas páginas de um livro’, a DDCBB diz que ‘A Bíblia é a Palavra de Deus em linguagem humana. É o registro da revelação que Deus fez de si mesmo aos homens. Sendo Deus seu verdadeiro autor.’ Destarte, ao narrar sua história, seu mundo, a Bíblia é o que orienta João, é também por isso que ele faz questão de resguardá-la afirmando, ‘nem tudo que aconteceu está escrito na Bíblia, e ela se defende muito bem.’

Por diversas vezes João cita a igreja (templo) e o culto, chegando mesmo a dizer que talvez Deus tenha livrado a ele e a esposa pois haviam acabado de chegar de um culto. Quando narra o dia em que sua esposa foi atropelada ele comenta,

ela sofreu o acidente, o carro atropelou, quebrou uma das pernas em dois lugares, talvez que alguém dissesse, ‘mas vindo de um culto?’; nós demos graças a Deus, porque vindo de um culto ela sofreu um acidente, mas está com vida aqui, não morreu, talvez se não estivéssemos voltando de um culto poderia ser um caso fatal.

---

<sup>19)</sup> Conforme descrito no Portal Batista. Os discípulos de Jesus Cristo que vieram a ser designados pelo nome batista se caracterizavam pela sua fidelidade às Escrituras e por isso só recebiam em suas comunidades, como membros atuantes, pessoas convertidas pelo Espírito Santo de Deus. Somente essas pessoas eram por eles batizadas e não reconheciam como válido o batismo administrado na infância por qualquer grupo cristão, pois, para eles, crianças recém-nascidas não podiam ter consciência de pecado, regeneração, fé e salvação. Para adotarem essas posições eles estavam bem fundamentados nos Evangelhos e nos demais livros do Novo Testamento. A mesma fundamentação tinham todas as outras doutrinas que professavam. Mas sua exigência de batismo só de convertidos é que mais chamou a atenção do povo e das autoridades, daí derivando a designação ‘batista’ que muitos supõem ser uma forma simplificada de ‘anabatista’, ‘aquele que batiza de novo’. Disponível em: <[http://www.batistas.com/index.php?option=com\\_content&view=article&id=15](http://www.batistas.com/index.php?option=com_content&view=article&id=15)>. Acesso em: 05 de nov. 15.

Segundo a DDCBB, Deus habita no templo e é o local onde pessoas da mesma fé se reúnem para prestarem culto a Deus, mais do que isso, é na igreja que os fiéis se preparam para o encontro com Deus<sup>20</sup>). É interessante notar que enquanto falava sobre prestar cultos na igreja, citou um trecho bíblico que diz, “Deus é espírito e importa que os que o adoram, o adorem em espírito e em verdade” (Evangelho de João 4, 24), entretanto, o trecho bíblico em questão acontece num contexto de discussão sobre o lugar onde se poderia adorar a Deus. Segundo o texto, Jesus Cristo diz a uma mulher que o local não é fator determinante para a verdadeira adoração, mas sim o espírito. Temos que concordar com Berger (1985, p. 33, 34) quando diz que a maior parte do conhecimento objetivamente socializado é pré-teórico, fruto da sabedoria popular e não de um saber teórico. Por isso Sr. João afirma que seu uso da palavra de Deus se dá “não com profundezas”.

Após a tragédia, uma igreja se prontificou a construir uma nova casa para João, num terreno cedido por um amigo. Para ele, mais uma confirmação de que a Bíblia não mente. Recebeu tudo porque segundo ele,

fui fiel no dízimo a igreja, e a palavra de Deus diz “trazei todos os dízimos à casa do tesouro”; está lá em Malaquias capítulo três, “trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento em minha casa” e diz, “faizei prova de mim, se eu não vou derramar chuvas de bênçãos” e Deus tem derramado, eu tenho reconhecido isto, chuvas de bênçãos nas nossas vidas, hoje estou nesta casa, aqui concedida pelo poder de Deus, tenho meu carrinho novamente, e porquê? Porque Deus permitiu.

O que parece se evidenciar no discurso do João, é que há um desejo de ser como o apóstolo Paulo, não obstante a vocação para evangelização<sup>21</sup>) marcante na vida do apóstolo e também na vida do João – ao ponto de ele se considerar um “pai na fé” de um vizinho que se converteu por intermédio dele, assim como Paulo considerava-se em relação a Filipe na narrativa bíblica –, utiliza as escrituras para justificar suas práticas, possui rigor, certeza e a

---

<sup>20</sup>) Ibidem.

<sup>21</sup>) Ideia aqui apresentada no sentido de levar a mensagem de salvação através de Jesus Cristo.



coragem ao expor sua fé, e dá testemunho do milagre realizado por Deus na vida dele. Enfim, João assume o rosto do protestantismo evangélico citado no capítulo anterior, conforme descrito por Bonino, inclusive na clássica acusação contra a idolatria católica, assume também o credo batista institucionalizado como vimos em várias nuances de sua fala.

Ele me colocou por trás da pedra

Domingo de manhã, 03 de junho de 2015, as colinas verdes de Vieira ainda estavam molhadas pelo orvalho, o cheiro dos canteiros de temperos espalhava-se pelo ar, Ana, piedosa senhora de quarenta e cinco anos de idade, deixou de ir à igreja para poder “testemunhar aquilo que Deus havia feito na vida dela.” Uma história carregada de acontecimentos trágicos, casada aos 17 anos, viúva aos 25 com dois filhos pequenos, pouco tempo depois, num novo casamento teve mais uma filha e foi abandonada pelo seu novo marido depois de treze anos de casada. Mesmo com sua filha pequena e uma imensa tristeza no coração, permanecia firme em sua fé. Nas palavras dela, “nunca deixei de ir para a casa do Senhor, nunca deixei de buscar o meu Deus, porque eu sabia que eu estava passando por aquilo, mas ele estava comigo.” A vida solitária na lavoura era dura, mesmo assim Ana entoava canções e rendia graças em suas orações a Deus todos os dias, numa pedra que ficava perto de sua lavoura. Então, cinco meses após ser abandonada pelo marido lhe sobreveio a tragédia, sua casa foi levada, juntamente com ela e sua filha. Carregada pela água e os escombros, ela narra,

“..veio tudo e me carregou sem minha filha e eu indo embora e batendo em coisas e eu tentava segurar em alguma coisa para ver se eu parava e não conseguia, na mente eu ficava pedindo “misericórdia” para salvar minha filha, “Senhor, salva a minha filha”; assim na minha mente... e eu indo embora. E de repente a uma distância boa da minha casa, o Senhor me colocou por trás da pedra e quando o Senhor me colocou ali atrás daquela pedra, muitos relâmpagos, vento, aquela tempestade, no meio da água e minha filha chegou encostou em mim e falou “mãe”.

Após a tragédia, Ana passou a morar com seus pais, e em suas orações sempre repetia, que queria uma nova casa. Entretanto, sua maior dificuldade era conseguir ir à igreja, a distância era grande e não havia condução. Mas, “ó Senhor conhece a nossa necessidade e ele sabe o que é melhor para gente”; por isso, assim que possível ela comprou um carro: “Eu entendi assim, que Deus achou melhor ele me dar o carro primeiro porque eu estava morando com a minha mãe e estava tendo dificuldades para vir a igreja. E o senhor providenciou o carro.”

Ana, faz um longo relato de sua experiência de conversão,

Ao longo da minha vida aconteceram muitas coisas que eu tenho certeza que em todo instante da minha vida é o Senhor que estava me guiando, segurando nas minhas mãos, e eu sei que quando a gente é escolhida do Senhor a gente passa por muitas coisas e a vezes a gente não entende, e o senhor permite as vezes que a gente passe por alguma situação para a gente tomar uma posição diante de Deus. E neste momento de dor, depois com os meus filhos pequenos quando fiquei viúva foi que eu me converti, que os meus pais já eram evangélicos, meu pai esteve até desviado um período, mas aí no dia que eu aceitei, que eu me rendi nos pés do Senhor, meu pai que estava desviado voltou, minha irmã também, e hoje eu louvo a Deus porque meu pai é diácono, minha mãe é diaconisa na casa do Senhor.

Bonino (2002, p. 60) explica que a experiência de conversão é um tema importante para o pentecostalismo, e geralmente a mesma se dá de maneira dramática e facilmente identificável na biografia do indivíduo, conferindo realidade pessoal à salvação do mesmo. Para Alves (1979, p. 58) a conversão é “um processo psicossocial que se caracteriza pela desestruturação de esquemas de significação, seguido da adoção de um outro, estruturalmente distinto do primeiro.” Não é apenas uma questão de organizar o mundo, mas a relação do homem com o mundo e com o seu destino, o sentido da sua vida. É um processo onde os sentimentos de confusão, culpa e ansiedade são substituídos por sentimentos de paz, alegria e poder. No texto bíblico esse processo recebe o nome de novo nascimento, quando “às necessidades

emocionais se articulam com a lógica da linguagem a que o homem se converte. Na realidade, ele se converte porque a cosmovisão que lhe é apresentada pela religião a que ele irá se converter responde, de alguma forma, à sua experiência de falta de sentido.” Mais tarde as formas institucionalizadas da linguagem sobrepõem-se a essa experiência emocional e se cristalizam nos discursos do convertido. É o que pode ser visto nas falas das vítimas.

Uma das chaves para entender o discurso de Ana está em sua compreensão escatológica. Ferreira (2014, p. 22) afirma que um forte agente motivador para as expressões pentecostais está em suas doutrinas sobre as “últimas coisas”, tendo na parusia<sup>22)</sup> o ápice desse preceito. Isso fica evidente na fala de Ana ao repetir as orações que fazia após ter perdido sua casa: “Senhor eu sei que o Senhor é o dono do ouro e da prata e pode até enviar alguém para me dar uma casa, mas se eu não tiver a oportunidade de ter minha casa novamente aqui, eu sei que lá na glória eu tenho uma preparada.” Destarte, podemos concordar que,

O mito da parusia tende a produzir naqueles que o seguem mais interesse no que está por vir do que por aquilo que já é, ou seja, anseia-se pelo tempo futuro em detrimento do que se vive no presente. Isto porque o tempo que é vivido pelos fiéis pentecostais deve ser o “tempo do fim” e tudo o que corresponde a fatos que transcendem a regularidade do mundo seria “o fim dos tempos” (FERREIRA, 2014, p. 42).

Outra importante marca do pentecostalismo é a valorização da presença do sofrimento. Segundo Ferreira (2014, p. 61, 62), regozijar-se diante das aflições é simbolicamente o mesmo que unir-se ao sofrimento de Cristo na cruz, portanto, marca daqueles que são seus seguidores. Desse modo, é possível para Ana afirmar que Deus estava com ela em seus sofrimentos, como relembra em sua fala,

... eu estava passando por um momento muito difícil de tristeza na minha vida, e Deus do meu lado, e eu seguindo, trabalhava na lavoura, tinha as minhas plantações. Fui eu com minha

---

<sup>22)</sup> O termo refere-se à segunda vinda de Jesus Cristo à terra, que segundo a narrativa bíblica, virá para buscar seus seguidores levando-os ao céu.

filha... os meus dois filhos, o John Lenon já era casado... fiquei cuidando da lavoura, de tudo e muito angustiada, muito triste, mas nunca deixei de ir para a casa do Senhor, nunca deixei de buscar o meu Deus, porque eu sabia que eu estava passando por aquilo, mas ele estava comigo.

Nenhuma folha cai sem que Ele permita

Mariana, assim como a maioria das mulheres moradoras de Vieira é agricultora, trabalha nas lavouras desde a sua infância, hoje, com pouco mais de quarenta anos, é casada e possui duas filhas. Seu dia começa às quatro da madrugada, melhor horário para colher a couve, antes que o sol murche as folhas. Foi entrevistada dois anos após a tragédia, em abril de 2013. Perdeu sua casa, sua lavoura, os equipamentos para o plantio e o pior, seis parentes, sogro, cunhada e sobrinhos. Por alguns meses depois da tragédia seu marido viveu um desencantamento pela vida, até reencontrar novamente na comunidade religiosa a vontade de viver. Mariana permaneceu firme, mesmo nos momentos mais difíceis, segundo ela Deus foi um... Como se diz, o principal, porque o que nós passamos se nós não tivéssemos Jesus, nós não tínhamos como vencer, nós tínhamos entrado em depressão, acho que a gente tinha ficado até louco ”

Nessa sua força, ajudou à prima, Bebel a encontrar o corpo do irmão. Mesmo nos momentos de transtorno da prima, Mariana percorria o rio revirando tudo que encontrava, até que receberam um sinal “dos céus ”, ela narra,

Ai um dia eu falei pra Bebel, Bebel a gente tem que pedir primeiro a direção de Deus ”; ai ela veio pra debaixo da árvore perto da casa dela, depois de muitos dias procurar o irmão dela, ai ela falou Senhor sei que não cai uma folha dessa árvore se o Senhor não permitir, mas Senhor, me ajuda que eu consiga encontrar meu irmão, achar, saber onde ele tá ” eu acredito nisso, ela falou que a folha da árvore caiu, ela falou que naquele momento ali ela já começou a pensar diferente, quando foi no outro dia eles ligaram para ela, que tinha um corpo lá fora que parecia ser o irmão dela, ela correu lá atrás,

enfrentou uma fila, atrás de documento, era o irmão dela.

O marido da Mariana, que era recém convertido na época da tragédia, contou certa vez que nos meses que sucederam o acontecimento ficou algum tempo sem ir à igreja. Segundo ele, não sentia vontade de ir, pois não queria nem pensar em Deus, somente retornou à igreja quando começaram a surgir várias pessoas de diferentes igrejas para ajudar a comunidade. Para ele, aquelas pessoas eram o próprio Deus presente no meio deles e por isso ele se sentia amado por Deus.

Eu tive um sonho de uma enchente muito grande

Dona Raquel nasceu numa família de agricultores, tradição que mantém ainda hoje, mesmo tendo mais de 60 anos de idade. Dia após dia levanta cedo para cuidar dos legumes plantados no pequeno pedaço de terra emprestado por um amigo para este fim. São dias melhores. Até então, era meeira, ganhando pouco e trabalhando muito para sustentar os filhos, netos, e por vezes o marido, que por ser alcoólatra quase nunca ia trabalhar. Nesses tempos em que dividia parte dos seus lucros com o dono da terra, era inquilina da Mariana e do Sérgio, morava numa casinha simples às margens do pequeno córrego que usava para regar seu plantio. Desde sua mudança para a casa, no alto da serra de Vieira, ficava olhando para as montanhas e as chuvas escuras que se avolumavam sobre elas em dias de tempestades. Num desses dias chuvosos compartilhou com sua locatária, “sabe que tenho mesmo um pouquinho de medo daquele lugar, eu tive um sonho de um negócio assim diferente, eu vou falar mas... mas você não vai nem acreditar. Eu tive o sonho de uma enchente muito grande, carregando muita gente, muita casa, sabe que eu estou com medo disso”. Pouco tempo depois, o dito sonho se realizou, para assombro da Dona Raquel. O pequeno córrego utilizado na irrigação se tornou um impetuoso rio, carregando escombros que atingiram sua residência. Seus familiares escaparam pela janela, mas ela ficou presa com a porta praticamente soterrada, até que com ajuda dos

familiares conseguiu abri-la parcialmente e escapar, pouco tempo antes da casa desmoronar por completo. Perdeu o pouco que tinha em casa, seus vizinhos não tiveram tanta sorte, oito deles foram levados pelas águas e não conseguiram sobreviver.

Frequentadora da Igreja Universal do Reino de Deus, mas desejosa de mudar de igreja, segundo ela, “meu sonho é a Assembléia... do reino de Deus. Eu vou ficar lá um tempo, porque não é bom ficar troca dali troca daqui, não ”

Sobre as causas da tragédia, diz ela, “Na verdade pode ser até Deus mesmo, para mostrar que ele existe mesmo, uma prova dele, pode ser isso também. A gente nunca fala certo, que nem eu estou falando, por que eu creio que não foi Ele, mas se a chuva vem do céu, vem de Deus, e essa água veio do céu, veio d Ele, de Deus, pode não ser e pode ser d Ele ” Se há dúvidas sobre isso, restam as certezas de que foi Deus quem poupou-lhe a vida. Ela mesmo relata: “foi Deus, por que ele poupa, Deus é forte, é milagroso, Ele livra as pessoas de todas as coisas, a gente tem que ter fé, por que gente sem fé ele não vai fazer nada pela pessoa, e foi Deus sim ”

O argumento permanece válido para ela ainda que Deus não tenha poupado a outros tantos, afinal, como ela diz: “podia ter sido a hora deles, por que quando não é a hora mesmo Deus não tira a vida, por que Ele não tira a vida de ninguém mesmo, então, quem Ele não poupou é por que foi a hora deles mesmo ” Todos esses acontecimentos são para ela sinais da volta de Jesus.

Por incrível que pareça ele foi dormindo

Rosa é católica, hoje diarista, mas por muito tempo dedicada às lavouras, aprendeu a respeitar a natureza e respeitar a sua força. Na madrugada da fatídica tragédia dormia até ser acordada pelo forte barulho dos relâmpagos, sua casa já estava inundada, e apesar da falta de energia elétrica, o clarão originado dos raios permitiu-lhe ver que parte de sua casa havia sido levada

pelo “mundaréu de água” que seguia pelo trajeto do rio. Seu filho se fora, levado com os escombros de seu quarto. A vida não faria sentido sem sua presença, assim como não faz sentido um Deus mau, é por isso que no meio de seu relato sobre o evento exclama,

...eu acho que Deus não vai fazer o mal para os filhos d'Ele, eu não acredito que Deus, tipo assim, é maldoso nesse ponto. Eu acho que tinha que ter sido mesmo de acontecer. Portanto que eu penso mesmo, eu acho que eu tive uma grande vitória, se não fosse Deus ter me segurado, me ajudado, ajudado meu filho, eu acho que a gente não sobreviveria, porque na hora ali eu pedi muito a Ele, falei “Deus me socorre! E vê meu filho também, olha meu filho por mim porque eu não sei onde ele está”, porque eu não sabia onde ele estava, porque para mim também eu achava que meu filho ia estar morto. [emoção] Mas graças a Deus... quando eu escutei o grito dele, nossa senhora, aquilo me deu uma esperança. Eu estava parada, falei “pronto, não tenho mais ninguém mesmo, meu filho se foi”, eu imaginei mesmo, falei, “ô que que eu faço?”, eu consegui me salvar, o que que eu faço? Eu solto e acabo de morrer? Eu imaginei. Ou fico aqui? Mas parece que... aí conversei com Deus, falei “Deus, e agora o que que eu faço? Não vou ter meu filho?” Aí nisso que acabei de imaginar isso ele gritou do outro lado. Veja se não foi uma grande vitória?!

Entretanto, ter sua vida e a de seu filho salvas não impediu que ela tivesse uma aparente depressão, devido às perdas materiais, e uma enorme tristeza em relação a Deus. Problemas que foram sanados após “Deus enviar anjos” para construir uma casa nova para ela, melhor do que a primeira.

## 2.2 A LINGUAGEM DA ESPERANÇA

Nas cinco histórias que antecedem esse tópico buscou-se exprimir as formas nas quais se expressam a religiosidade de algumas vítimas da tragédia, em especial, nas duas primeiras, há uma análise um pouco mais detalhada dos fundamentos da linguagem dos fiéis em relação à tradição religiosa da qual são pertencentes. Poderíamos nos deter a esse tipo de análise e aprofundar a explicação de cada discurso como produto de seu contexto, desde suas

origens às suas transformações ao longo da história, poderíamos ainda descrever as consequências, implícitas em cada discurso, no comportamento dos fiéis. Teríamos para isso todo aparato metodológico das ciências sociais – sociologia, antropologia, psicologia e história. Todavia, é possível, a partir de um diálogo com Tillich, lembrar que estaríamos, desse modo, fazendo uma análise das culturas religiosas em suas diversas formas, sem, contudo, perceber aquilo que dá sentido à cultura, a sua substância. Por esse motivo, foi importante ressaltar que verdade e realidade são estruturas que estão intimamente ligadas à vontade de viver, ao sentido da vida e à preocupação suprema de cada um dos indivíduos.

Se quiséssemos pensar a religião somente a partir de suas formas, estaríamos sujeitos aos mesmos reducionismos produzidos pelas ciências sociais. Poderíamos tomar Berger (1985, p. 45) como exemplo e dizer que a religião é um instrumento de legitimação que serve para manter a realidade socialmente construída. Entretanto, mais do que isso, segundo Alves (1984, p. 49) a religião é uma expressão de desejo (a essência humana que rebela-se contra a repressão) e uma expressão de esperança da realização do desejo.” É pensando nisso que Alves (1984, p. 100, 157) afirma não ser possível compreender os sentidos da religião se aplicarmos a ela as regras e pressupostos do conhecimento científico que busca verdades objetivas, uma vez que, a religião pertence ao contexto da ação, das atividades criadoras de estruturas que ainda não existem, ela é uma esperança e protesto que informa ao homem da sua incompletude, é, portanto, uma crítica ao “real” do qual a ciência, a grosso modo, se faz prisioneira.

### 2.2.1 A presença da ausência

Quando adentramos no mundo do sagrado, percebemos que a linguagem não se refere às coisas visíveis – a folha que cai não é apenas uma folha, a pedra que protege não é apenas pedra, as lâmpadas que não



queimam são mais do que lâmpadas, não importam as propriedades físicas que fazem um colchão boiar sobre a água –, falamos agora de coisas invisíveis, contempladas pelos olhos da fé, por aquele ‘estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente’ (TILLICH, 1985, p. 5). É sobre essas coisas que trata o discurso da religião, e Alves (1981, p. 30, 31, 32) explica-nos isso de forma clara,

Bem que teríamos de nos perguntar acerca do poder mágico que permite que os homens falem acerca daquilo que nunca viram... E a resposta é que, para a religião, não importam os fatos e as presenças que os sentidos podem agarrar. Importam os objetos que a fantasia e a imaginação podem construir. Fatos não são valores: presenças que não valem o amor. O amor se dirige para coisas que ainda não nasceram, ausentes. Vive do desejo e da espera. E é justamente aí que surgem a imaginação e a fantasia, "encantações destinadas a produzir... a coisa que se deseja..." (Sartre). Concluimos, assim, com honestidade, que as entidades religiosas são entidades imaginárias.

Sei que tal afirmação parece sacrílega. Especialmente para as pessoas que já se encontraram com o sagrado. De fato, aprendemos desde muito cedo a identificar a imaginação com aquilo que é falso. Afirmar que o testemunho de alguém é produto da imaginação e da fantasia, é acusá-la de perturbação mental ou suspeitar de sua integridade moral. Parece que a imaginação é um engano que tem de ser erradicado. De maneira especial àqueles que devem sobreviver nos labirintos institucionais, sutilezas linguísticas e ocasiões rituais do mundo acadêmico, é de importância básica que o seu discurso seja assepticamente desinfetado de quaisquer resíduos da imaginação e da observação! Que os fatos sejam valores! Que o objeto triunfe sobre o desejo! Todos sabem, neste mundo da ciência, que a imaginação conspira contra a objetividade e a verdade. Como poderia alguém, comprometido com o saber, entregar-se à embriaguez do desejo e suas produções?

Não, não estou dizendo que a religião é apenas imaginação, apenas fantasia. Ao contrário, estou sugerindo que ela tem o poder, o amor e a dignidade do imaginário. Mas, para elucidar declaração tão estapafúrdia, teríamos de dar um passo atrás, até lá onde a cultura nasceu e continua a nascer. Por que razões os homens fizeram flautas, inventaram danças, escreveram poemas, puseram flores nos seus cabelos e colares nos seus pescoços, construíram casas, pintaram-nas de cores alegres puseram quadros nas paredes? Imaginemos que estes homens tivessem sido totalmente objetivos, totalmente dominados pelos fatos, totalmente verdadeiros — sim, verdadeiros! — poderiam eles ter inventado coisas? Onde estava a flauta antes de ser inventada? E o jardim? E as danças? E os quadros? Ausentes. Inexistentes. Nenhum conhecimento poderia jamais arrancá-los da natureza. Foi

necessário que a imaginação ficasse grávida para que o mundo da cultura nascesse. Portanto, ao afirmar que as entidades da religião pertencem ao imaginário, não as estou colocando ao lado do engodo e da perturbação mental. Estou apenas estabelecendo sua filiação e reconhecendo a fraternidade que nos une.

Seria impossível falar do ausente sem interpretar as formas como ele se faz presente. Ainda que essas formas, na maioria das vezes, não sejam criadas pelo indivíduo, elas são apreendidas por ele, pois suprem os desejos, sintomas da ausência. A linguagem da religião, tal qual pensa Alves (1984, p. 161), com seus símbolos da saudade, expressa a verdade na qual a pessoa compromete a própria vida, negando aquilo que é dado objetivamente, superando as estruturas existentes e criando outros mundos possíveis.

Temos que consentir com Berger (1985, p. 41) quando se refere à religião como “à ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo”, isso inclui a capacidade de explicar fatos aparentemente inexplicáveis, e não somente explicá-los, mas vivenciá-los como presença de Deus. Novamente Eliade (2008a, p. 30, 31) ilumina a compreensão desses fenômenos ao dizer que,

O sinal portador de significação religiosa introduz um elemento absoluto e põe fim à relatividade e à confusão. Qualquer coisa que não pertence a este mundo manifestou-se de maneira apodítica, traçando desse modo uma orientação ou decidindo uma conduta. [...] Pedese um sinal para pôr fim à tensão provocada pela relatividade e à ansiedade alimentada pela desorientação, em suma, para encontrar um ponto de apoio absoluto.

Por esse motivo, para a Mariana, o cair da folha torna-se sinal da presença e atuação de Deus mediante ao clamor de sua prima. No meio evangélico em geral, acredita-se que a expressão “Não cai uma folha da árvore, sem a permissão de Deus” faça parte dos cânones sagrados. Entretanto, não passa de um dito popular, assim como “Deus tarda, mas não falha”. A expressão usada por Mariana muito provavelmente tem suas origens na

concepção de que Deus é onipotente e, portanto, controla todas as coisas. É uma linguagem comum no meio cristão. Segundo Mariana, para a prima dela, esse sinal representava “Deus falando que, ainda tem tempo, não é?! D Ele provar o amor d Ele, não é?! ” Surge então um elemento importante dessa fala, qual seja, Deus estava em dívida. Contudo, se analisarmos a entrevista da Mariana, perceberemos que, no caso dela, não se trata de culpar a Deus pelo acontecido, trata-se mais de um desentendimento sobre o aparente abandono de Deus sem uma devida explicação: “eu não consigo explicar por que Ele permitiu ”. Sobretudo, o que importa para ela é que Deus se manifestou, não somente através do sinal portador de sentido, como também na realização do desejo de encontrar o corpo perdido.

Por outro lado, temos a Ana, que cita “a pedra ” em seu discurso dezessete vezes. Há nesse objeto importância sagrada, explicada no relato,

...e poucos dias antes de acontecer a tragédia eu estava ali atrás daquela pedra, arrancando coentro, seis e pouca da manhã, porque eu levantava cedo para ir para a roça, e ali eu começava a falar com o senhor, chorava, minhas lágrimas caíam por ali, e eu começava a falar um versículo, assim na mente e de repente eu estava falando alto e ali eu orava... falava com Deus naquele momento de tristeza por trás daquela pedra e no dia que aconteceu essa tragédia o senhor me colocou ali atrás daquela pedra eu pude ver que a minha oração não foi em vão.

Fica evidente nesse caso que houve uma manifestação do sagrado, o que Eliade (2008a, p. 17) chama de hierofania, o surgimento de uma realidade de “outra ordem ”, que não pertence ao nosso mundo natural, numa pedra, um objeto que faz parte integrante do nosso mundo natural. Apesar da grande importância dada à pedra, essa importância não advém do fato de ser uma pedra, mas por ser uma hierofania, uma revelação da presença de Deus.

Há também no relato da Ana uma certa desconfiança, de nossa parte, de que um evento ganha a moldura da passagem bíblica que narra a história da abertura do Mar Vermelho para os Hebreus passarem. Essa suspeita surge

da explicação dela de como o filho conseguiu escapar de sua casa enquanto a mesma era tomada pela água e destroços. Segundo ela, seu filho estava na varanda, ilhado, orando, quando de repente “veio como se fosse aquela onda na maior altura e abriu para eles passarem e eles conseguiram ir para a casa do vizinho”. É inegável a semelhança entre o texto bíblico e a forma como ela reconstrói a salvação de seu filho.

No caso do João, os sinais da onipotência de Deus se revelam quando diz, “foi muito difícil a gente ver as casas que eu já falei, ali destruídas, a nossa, a gente olhando ali, não queimou nenhuma lâmpada, então fica vendo, é a mão de Deus, que segurou”. O mesmo se percebe também no fato de o filho da Elena ter sido levado dormindo sobre o colchão, flutuando, sem ter nenhum arranhão. Estes elementos funcionam como ponto de apoio e segurança, como evidência de que Deus estava presente em todo instante, nas palavras das próprias vítimas: “porque o que nós passamos, se nós não tivéssemos Jesus, nós não tínhamos como vencer, nós tínhamos entrado em depressão, acho que a gente tinha ficado até louco”; “se não fosse Deus ter me segurado, me ajudado, ajudado meu filho, eu acho que a gente não sobreviveria”.

Isso nos faz pensar nas palavras de Sobrino citadas no capítulo anterior; Deus carrega a tragédia em forma de mistério, e expressa nele sua realidade, não em forma de poder, mas na forma de solidariedade, amor e esperança.

Diria que o parágrafo anterior talvez seja o ponto central desse trabalho, nele se manifesta a síntese de tudo que já foi dito e do que ainda será descrito. Aqui ressurgem o caráter inicialmente “irracional” (anterior à razão) da religião – embora deva-se admitir que a busca por sentido, elemento central nessa pesquisa, não é irracional. Nesses casos, toda a culpa que poderia ser imputada a Deus desaparece – isso fica bem claro nas entrevistas. Conforme citado anteriormente, em Deus busca-se e encontra-se compreensão do porquê e, principalmente, sentido em meio a tragédia, e os sinais vivenciados durante o evento tornam-se símbolos, revelam a realidade ímpar, entendida somente a partir da cosmovisão religiosa, de que a ausência se fez presente e para as vítimas, essa é a verdade, verdade que lhes fundamenta e move. E os

move para onde?

### 2.2.2 A nostalgia das origens

Em seu livro *O mito do eterno retorno*, Eliade (1992, p. 6) expressa uma característica particular de algumas sociedades, "trata-se de sua revolta contra o tempo concreto e histórico, sua nostalgia por uma volta periódica aos tempos míticos do começo das coisas." Não se trata simplesmente de retornar (ou ir) a algum lugar, mas também de habitar num outro tempo histórico. Essa nostalgia se dá no desejo de viver, ainda neste mundo e tempo, a certeza da eternidade.

Como podemos perceber, essa nostalgia se instaura no binômio espaço-tempo, paraíso-eternidade. Se quisermos pensar a partir do cristianismo, esse desejo aponta para o mito do céu e está intimamente ligado com a parusia e o jardim da eterna habitação com Deus.

A nostalgia é representada, de certo modo, através da linguagem e expressa uma saudade. Essa é a ideia que carrega Rubem Alves. Minha suspeita é de que tenha intuído suas teorias religiosas também a partir da leitura do poeta Fernando Pessoa, que tanto cita em seus textos. As semelhanças ficam evidentes quando observamos o que diz Simiscuka (2007, p. 98, 99):

Mais do que a base em fatos concretos, com as ações e obras dos homens frente à realidade, os poemas de Pessoa abarcam o vínculo com o sobrenatural e o desconhecido, por meio do sonho. Sonhar será, portanto, uma forma de acesso à realidade que poderia ter sido e não aquela que é. Esse encadeamento de sonho e realidade forma, porém, um abismo indistinto entre o mundo onírico e o tempo que há de vir. [...] O passado, frequentemente retomado, intensifica o desalento do momento presente, potencializando a saudade de um tempo que, por ação e influência do eu-lírico, parece mais distante do que realmente está, a exemplo do soar do sino da aldeia de infância, da "éterna primavera" e do "florir das árvores

feitas ” [...] Sonhar não é apenas cumprir num outro plano tudo o que se deseja na intimidade e nem sempre é praticável, mas também vivenciar aquilo que é oferecido pelo mundo externo de forma experimental. Assim, em alguns poemas pessoais haverá sonhos capazes de causar mais comoção nos ânimos das pessoas do que a própria vida; sonhos transformados em instrumentos eficazes na apreensão do absoluto, tal qual o “ puro gesto da tocadora de harpa ”. Se as coisas são ilusórias, sonhar é justamente reconhecer essa falsa aparência das coisas e o seu conseqüente engano de sentidos. Sob essa condição, o sonho pode afirmar, definir e estabelecer os limites para a vida.

Dissemos que a religião é a linguagem dos sonhos, os sonhos são o lugar onde tudo é possível. Alguns desses sonhos falam das nossas nostalgias e conseqüentemente alimentam o caminhar.

### A nostalgia do paraíso

Os mitos são uma das formas pelas quais nos deparamos com a presença da ausência, lembrando que estamos pensando no mito conforme Eliade (1972, p. 6, 9), nos casos em que ele é vivo, fornecendo os modelos para a conduta humana, conferindo significação e valor à existência, expressando uma história sagrada e, portanto, uma "história verdadeira", porque sempre se refere a realidades. No entanto, para que esses mitos permaneçam vivos, eles precisam ser repetidos, na maioria das vezes, essas repetições, os ritos, acontecem em espaços sagrados. Segundo Eliade (2008b, p. 296), a noção de espaço implica uma ideia de repetição da hierofania<sup>23)</sup> primordial, que torna possível a comunhão na sacralidade. Em todos os casos, Eliade (1972, p. 26) afirma que, “o retorno à origem oferece a esperança de um renascimento ”. O espaço sagrado se torna o centro do mundo e expressa também uma ausência, uma “nostalgia do Paraíso ”, que Eliade (2008b, p. 308) entende como “o desejo experimentado pelo homem de se achar sempre e

---

<sup>23)</sup> O ato de manifestação do sagrado (Cf. ELIADE, 2008a, p. 17)

sem esforço no coração do mundo, da realidade e da sacralidade e, em suma, de superar de maneira natural a condição humana e recobrar a condição divina ou, como diria um cristão, a condição anterior à queda ”

Voltemos às entrevistas com as vítimas da tragédia para perceber como se manifesta esse desejo. Novamente nos debruçaremos sobre as entrevistas não estruturadas, onde a espontaneidade das falas exprime a intensidade como os indivíduos são tocados pelo assunto em questão.

No caso da Ana, por exemplo, ela cita em sua fala vinte vezes a palavra igreja (em todas elas está se referindo ao espaço sagrado). Todavia, a importância dada ao templo se torna mais evidente quando ela narra que ao invés de receber uma casa nova para morar, uma vez que havia perdido a casa e estava morando com os pais, ela recebeu de Deus um carro, que permitiria a locomoção dela até o templo, e ela mesmo reconheceu que, de fato, devido a isso, o carro era mais importante que a casa. Ela narra ainda que seu terceiro casamento foi mais abençoado do que os primeiros, uma vez que esse último foi realizado na igreja e não somente no cartório, como haviam sido os primeiros.

No caso do Sr. João, a palavra igreja aparece vinte e nove vezes. É marcante em sua fala que ao narrar sua história desde criança, a cronologia acompanha as igrejas que ele frequentou. Os acontecimentos trágicos que relata sucedem sempre a ida a alguma igreja, conseqüentemente, isso lhe proporcionou alguma força protetiva que impediu que acontecesse algo pior. Fica evidente também, que as pessoas boas são sempre membros de alguma igreja: “muito bom o rapaz, membro da igreja aqui ”, “porque o vizinho aqui, um senhor que é da igreja Casa de Oração, franqueou a sua casa para que nós ficássemos ali até a certar a nossa situação ”, “Pastor Silas Celestino Damázio que é o pastor da Primeira Igreja Batista aqui em Vieira disse que um grupo lá de Vila Valqueira queria construir uma casa assim para alguém que tivesse perdido e ele deu o meu nome ”

Eliade (2008a, p. 31, 32) nos permite entender toda essa importância dada ao templo, uma vez que,

O sagrado é o real por excelência, ao mesmo tempo poder, eficiência, fonte de vida e fecundidade. O desejo do homem religioso de viver no sagrado equivale, de fato, ao seu desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver num mundo real e eficiente – e não numa ilusão. Esse comportamento verifica-se em todos os planos da sua existência, mas é evidente no desejo do homem religioso de mover-se unicamente num mundo santificado, quer dizer, num espaço sagrado.

De acordo com Eliade (2008a, p. 59, 60), o templo é o centro da ordem possível num mundo dominado pelo caos, é uma abertura ao transcendente onde o que é real para o fiel se revela, e onde ele pode participar do ser, onde ele pode de fato existir. Como afirma Eliade (1992, p. 15), para o fiel, o templo é um protótipo celestial, é uma cópia de um modelo situado numa região ideal (celestial) da eternidade. A igreja (templo) é um elemento presente em todas as entrevistas, símbolo da ausência de um paraíso perdido pelo qual se espera o retorno.

#### A nostalgia da eternidade

Segundo Alves (1975, p. 115) “a religião é a memória de uma unidade perdida e a nostalgia por um futuro de reconciliação. Por isto a religião pressupõe sempre, sob as camadas superficiais de felicidade e paz que ela proclama, um eu irreconciliado com o seu destino”. Eliade (2008b, p. 331) concorda, ao dizer que, do mesmo modo que há no homem o desejo de habitar um espaço sagrado, há também o desejo de abolir o tempo profano e de viver no tempo sagrado, um desejo e esperança de regenerar o tempo na sua totalidade, de poder “viver humanamente”, ou “historicamente”, na eternidade. Esta nostalgia da eternidade é similar à nostalgia do paraíso.

Na prática, isso se manifesta na fala, por exemplo, da Ana, ao dizer, “se



eu não tiver a oportunidade de ter minha casa novamente aqui, eu sei que lá na glória eu tenho uma preparada.” Também na narrativa do João, “porque quem andar (estar) com Cristo aqui, tem a certeza de estar com ele na eternidade”; ou quando ele diz, “nós, os cristãos, sabemos que o céu é muito melhor do que estarmos aqui. Aqui nós estamos preparando para poder viver com Cristo, na eternidade”. O destino é a “glória”, a “eternidade”, onde poderão viver com Cristo. É importante frisar que mesmo ainda não presente, essa nova habitação é vivenciada pelo indivíduo. É o que supõe Eliade (2008b, p. 331) ao dizer que,

Ao desejo de se encontrar perpétua e espontaneamente num espaço sagrado corresponde o desejo de viver perpetuamente, graças à repetição dos gestos arquetípicos<sup>24)</sup>, na eternidade. A repetição dos arquétipos denuncia o desejo paradoxal de realizar uma forma ideal, o arquétipo, na própria condição da existência humana, de se achar na duração sem lhe suportar o peso, quer dizer, sem sofrer a sua irreversibilidade. Tal desejo, notemo-lo pode ser interpretado como uma atitude “espiritualista”, para a qual a existência terrestre, com tudo o que implica, se desvalorizaria em proveito de uma “espiritualidade” de desapego ao mundo. Pelo contrário, aquilo a que o homem aspira a um paraíso concreto e crê que a conquista desse paraíso pode se realizar neste mundo, na Terra, e agora, no instante atual. Nesse sentido, os mitos e os ritos arcaicos ligados ao espaço e ao tempo sagrados podem-se reduzir, ao que parece, a outras tantas recordações nostálgicas de um “paraíso terrestre” e de uma espécie de eternidade “experimental” a qual o homem julga ter ainda pretensões de alcançar.

Antes de terminar de contar sua história, João fez algo inusitado, chamou sua esposa para cantar, juntamente com ele, um hino. A letra do hino entoado pelos dois dizia num certo trecho: “Eu tenho certeza, que no céu vou morar / Com meu mestre querido, que vem me buscar / Eu estou preparado,

---

<sup>24)</sup> Ao usar o termo arquétipos, Eliade (1992, p. 10) esclarece que não o faz como Jung, mas sim para explorar a ideia de que para o homem das sociedades arcaicas e tradicionais, os modelos para suas instituições e as normas para suas várias categorias de comportamento teriam sido “revelados” no começo dos tempos, e de que, conseqüentemente, eles seriam vistos como tendo origem sobre-humana e “transcendental”.

para quando subir / De todo pecado, já me arrependi.” Ao cantar aquele hino, acompanhado da esposa, João mostrou-se visivelmente emocionado, a voz ganhava confiança. Certamente uma experiência existencial que lhe provocava sentimentos. Repetir suas certezas em forma de canção parecia, desde já, vivenciar sua verdade, expressa na letra do hino. Havia ali a “presença de uma ausência” que João podia tocar. Eliade (1972, p. 17) descreve que nesses casos, “ao viver ‘os mitos, sai-se do tempo profano, cronológico, ingressando num tempo qualitativamente diferente, um tempo “sagrado”, ao mesmo tempo primordial e indefinidamente recuperável.”

### 2.2.3 Utopia e esperança

Temos que concordar com autores que defendem que a religião tem potencial para alienar o indivíduo e conseqüentemente manter uma realidade estabelecida, principalmente quando se refere às formas institucionalizadas da religião. Entretanto, não se pode dizer o mesmo quando pensamos a religião nos termos apresentados nesse trabalho. Concordamos com Alves (1984, p. 47) quando explica que “compreender a verdade da religião é compreender duas coisas. Primeiro, que não estamos condenados ao presente. A consciência o rejeita. A prática política pode transformá-lo. Segundo, que as verdades da religião, escondidas em seu manto simbólico, poderão tornar-se nas verdades de amanhã.”

Religião, é portanto a proclamação de que há uma esperança na realidade “presente” para além dos fatos concreto, é uma recusa em aceitar um mundo destituído de sentido. Para os cristãos ela ganha significado especialmente simbólico na cruz. Sobrino (2007, p. 202 - 204) toma o lugar das vítimas da tragédia ao dizer,

A pergunta mais decisiva não é, definitivamente, onde está Deus em meio à tragédia, mas como está presente. A resposta pode ser filosófica ou poética, resignada ou de protesto. A partir

da fé cristã, nas tragédias, Deus está na cruz gerando esperança. Isso, evidentemente, é fé, mas não se pode ignorar que essa fé tem gerado, ao longo da história muita esperança ativa, muito compromisso, muita justiça e muito amor, [...] vejo na cruz, acima de tudo, um grande amor; e o amor sempre gera esperança. [...] As inúmeras vítimas deste mundo entendem isso muito bem. Apesar de todos os sinais contrários, vêem que a vida – a sua vida – é possível. Nem terremotos nem barbáries privam-nos do amor à vida e da esperança de que a vida é possível. E enquanto isso acontecer, mesmo que o mundo de abundância não saiba o que fazer com ela, os pobres deste mundo continuarão tendo uma utopia.

Voltando a Alves (1975, p. 54), temos então de afirmar que onde quer que exista a esperança, ali existe a religião, porque aí se revela a nossa nostalgia pelo Reino de Deus, o grande projeto utópico que a humanidade não cessa de sonhar mesmo quando, de olhos abertos, ela não tenha condições para ver.” Deus não é apenas uma possibilidade futura, é uma possibilidade para o agora, é o que crê Raquel ao dizer,

Por que a volta d'Ele, a volta de Jesus está se aproximando, o que vem acontecendo, isso aí, já é a volta d'Ele, por que Ele está se aproximando de nós já, então nós temos que se apegar mais a Ele, porque se nós não se apegarmos nós estamos perdidos nesse mundo. Tem que ser mais... ficar firme e forte, ficar atento, em Deus, em Deus não é?! Ficar atento às coisas que não deve, aí não! Ficar bem firme com Ele, porque sei que Ele que salva, que é o salvador das pessoas, então se a gente for atrás de coisas a não ser Deus, a gente não tem como nem tocar a vida pra frente mais, para tocar a vida para frente numa boa, tem que se apegar a Deus e com aquela fé, firme e forte, com aquela fé que Ele existe, que Ele é bom, nosso salvador e de todo mundo, livra de tudo e de todas as coisas, e cura também, a gente tem que ter toda a fé. Eu creio que Ele cura, eu creio porque Ele já fez alguns milagres e eu vi, então a gente tem que ter essa fé, que o poder d'Ele é forte.

Segundo Alves (1975, p. 83) a esperança é uma teoria da realidade, uma suspeita de que os valores são mais reais que os fatos imediatamente dados, rechaçando o positivismo. Por isso o homem é capaz de enfrentar a dor e o sofrimento, enfrentando-os como acidentes provisórios. O colapso da esperança é o mesmo que reconhecer os valores como ilusões e a brutalidade dos fatos sem sentido como realidade. Por isso, Alves (1984, p. 33) concorda

que a religião é sempre uma expressão de alienação, o “suspiro da criatura oprimida”, como disse Marx, pois é um “protesto contra o sofrimento real”. A consciência que suspira em decorrência da opressão e que protesta contra o sofrimento, se projeta idealmente para a superação de tais condições. Não importa se os símbolos de que a consciência religiosa lança mão não sejam “cópias verdadeiras” do real.

Vimos até aqui, que a fé cristã está intensamente ligada a uma concepção escatológica. De igual modo, afirmamos que a esperança faz parte desse arcabouço de ideias. É o que também defende Moltmann (2005, p. 30) ao afirmar que,

Na realidade, a escatologia é idêntica à doutrina da esperança cristã, que abrange tanto aquilo que se espera como o ato de esperar, suscitado por esse objeto. O cristianismo é total e visceralmente escatologia, e não só como apêndice; ele é perspectiva, e tendência para frente, e, por isso mesmo, renovação, e transformação do presente. O escatológico não é algo que se adiciona ao cristianismo, mas é simplesmente o meio em que se move a fé cristã, aquilo que dá o tom a tudo que há nele, as cores da aurora de um novo dia esperado que tingem tudo o que existe. De fato, a fé cristã vive da ressurreição do Cristo crucificado e se estende em direção às promessas do retorno universal e glorioso de Cristo. Escatologia é “paixão” em dois, o de sofrimento e o de tendência apaixonada, que têm sua fonte no Messias. Por isso mesmo, a escatologia não pode ser simplesmente parte da doutrina cristã. Ao contrário, toda pregação e mensagem cristãs têm uma orientação escatológica, a qual é também essencial à existência cristã e à totalidade da igreja.

Em vista disso, Almeida (2006, p. 51) afirma que “a autêntica esperança cristã não se refere apenas a um outro mundo, uma outra vida. É a esperança para esta vida, para este mundo. Nesse sentido, seu efeito é revelar a realidade, seu ainda não e seu vir a ser”. É por isso que ao relatar sobre a necessidade de reconstrução após os terremotos em El Salvador, Sobrino (2007, p. 53), relembra que não é suficiente reestabelecer as coisas como eram antes, é preciso criar um novo mundo, um mundo que represente melhor o paraíso perdido, o que nos parece bastante utópico, mas não tanto se considerarmos o texto sagrado da tradição cristã, a Bíblia Sagrada. Em suas

páginas, essa utopia (o que não tem lugar) ganha forças em trechos como esse, que diz, “Eis que eu crio novos céus e nova terra, e não serão famosos os primeiros nem virão à memória [...] construirão casas e as habitarão, plantarão vinhedos e comerão seus frutos” (Isaias 65.17, 21). Certamente esses versos representam bem a realidade dos agricultores de Vieira, que com fé e solidariedade reconstruíram suas casas e plantações, sem deixar escapar os olhos o texto que diz, “vi uma nova terra e um novo céu” (Apocalipse 21.1).

Terminamos esse capítulo com os pensamentos do autor que permeou o que se construiu até aqui:

O que se busca, como esperança e utopia, como projeto inconsciente do ego, é um mundo que traga as marcas do desejo e que corresponda às aspirações do amor. Mas o fato é que tal realidade não existe, como algo presente. E a religião aparece como a grande hipótese e aposta de que o universo inteiro possui uma face humana. Que ciência poderia construir tal horizonte? São necessárias as asas da imaginação para articular os símbolos da ausência. E o homem diz a religião, este universo simbólico "que proclama que toda a realidade é portadora de um sentido humano e invoca o cosmos inteiro para significar a validade da existência humana" (Berger & Luckmann).

Com isto os homens não poderão arar o solo, gerar filhos ou mover máquinas. Os símbolos não possuem tal tipo de eficácia. Mas eles respondem a 'um outro tipo de necessidade, tão poderosa quanto o sexo e a fome: a necessidade de viver num mundo que faça sentido. Quando os esquemas de sentido entram em colapso, ingressamos no mundo da loucura. Bem dizia Camus que o único problema filosófico realmente sério é o problema do suicídio, pois que ele tem a ver com a questão de se a vida é digna ou não de ser vivida. E o problema não é material, mas simbólico. Não é a dor que desintegra a personalidade, mas a dissolução dos esquemas de sentido. (ALVES, 1981, p. 34, 35).

### 3 RELIGIÃO, SENTIDO E RESILIÊNCIA

De princípio, os objetivos desse trabalho centravam-se em questões sociológicas, reduzindo o fenômeno a seus efeitos sociais. Nas palavras escritas no projeto proposto para o processo seletivo de ingresso no mestrado definimos assim nossa meta: estudar as funções da religiosidade em vítimas de tragédias naturais; estudar a alienação provocada pela religiosidade em relação às causas da tragédia; estudar a função da religiosidade no momento da tragédia, ou seja, como a religiosidade foi aporte para superação do caos; estudar as funções da religiosidade na reconstrução da comunidade atingida. Como se pode ver, a compreensão inicial era sobremaneira funcionalista, sustentada pelo uso reducionista do conceito psicológico denominado coping, explicado nas palavras de Pargament (Apud SANTOS, 2009, p. 11):

Quando as pessoas se voltam para a religião para lidar com o stress de vida, surge aquilo que se designa de coping religioso-espiritual. Os objetivos deste recurso são procurar um significado, controle, conforto espiritual, intimidade com Deus” e com outros membros da sociedade e a transformação da vida, bem como, a procura de bem-estar físico, psicológico e emocional.

Essa tese, que pensa a religião como estratégia de coping, é corroborada pela professora Maria Lima, citada no segundo capítulo desse trabalho, que descreve a religiosidade das vítimas de tragédias como um “esquema de controle religioso” em que as mesmas buscam a proteção divina, uma estratégia cognitiva de superação. O que nos parece, é que esse tipo de análise tem suas origens em Freud (2006, p. 40), donde se percebe a religião como uma projeção do homem, o que pode ser visto em sua afirmação, “podemos, portanto, chamar uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação”. Segundo ele, nesses casos a crença despreza a realidade, assim como as ilusões. Ao comentar

sobre essa afirmação, Pieper (2014, p. 156) faz a seguinte declaração:

Ele (Freud) chama a atenção para a presença do desejo. Ele é o que distingue a ilusão de um erro, tendo em vista seu lugar fundamental a ponto de não considerar aquilo que é real. O desejo sobrepõe-se à realidade, fazendo que se dê crédito àquilo que não apresenta provas plausíveis ou bem fundamentadas. Assim, o desejo de proteção por parte do ser humano o faz acreditar que há uma providência divina que governa o mundo, concedendo-lhe sentido, de modo que nem a natureza e nem o destino são aleatórios. A religião nada mais é do que a dinâmica da vida que deseja, produzindo, deste modo, estes espectros. O termo ilusão ressalta a decepção deste homem desejante, uma vez que ela se constitui como projeção dos conteúdos do desejo de matriz psíquica.

Ou seja, Freud assume o compromisso em busca da objetividade e da verdade proposto pela ciência, tipo de abordagem que questionamos no subcapítulo "Realidade, valores e verdades". A realidade objetiva não poderá satisfazer as necessidades do homem, de modo que seria impossível levar a cabo o projeto de Freud de ajustamento total, isto é, o fim desse conflito entre desejo e realidade, que ele chama de neurose. A rigor, Alves (1975, p. 21, 22) prefere falar em imaginação, ao invés de ilusão, pois é a imaginação que supera a facticidade, transfigurando os dados pela emoção. São as fantasias que estruturam as nossas experiências, transformando-as, povoando nosso passado, definindo nosso presente, e criando o futuro, determinando, portanto, nosso ser e agir. A imaginação revela as intenções que habitam os níveis mais profundos da personalidade. É por isso que concordamos com Pieper (2014, p. 159) quando diz, "o desafio está em apreender o fenômeno religioso como significativo, significante e constituinte de sentido a partir de si mesmo", pois só assim seria possível alcançar esses níveis mais profundos. Essa afirmação de Pieper aproxima-se muito do que diz Kristensen (apud RODRIGUES, 2014, p. 189) sobre os estudos da religião: o "desafio da fenomenologia da religião é captar o Sagrado a partir da experiência religiosa do crente e, então, formular descrições acuradas dela".

Com isso, nossos objetivos iniciais tomam nova forma. Constatamos que o homem não constrói através da religião mecanismos para superar o

sofrimento e a dor, mas em sua essência e constituição a religião expressa a existência humana numa eterna luta contra a objetividade dos fatos. Encontramos na Física um conceito que explica essa potência da religião, denominado resiliência, que seria a “propriedade que alguns corpos apresentam de retornar à forma original após serem submetidos a uma deformação elástica” (Houaiss & Villar, 2001, p.2437). Esse termo, antes restrito à Engenharia, ganhou novo significado nas ciências humanas e sociais, se referindo agora à capacidade dos indivíduos e de certos grupos de ressignificar situações adversas, a partir da criação de possibilidades para sair das mesmas, superando-as. Outras tentativas de designar esse conceito podem ser vistas na tese de Larrosa (2011, p. 17), segundo a qual,

resiliir é recuperar-se e continuar indo para a frente depois de um trauma, uma doença ou uma situação de estresse. Implica resistir às situações críticas, sobrepor-se e reconstituir-se da melhor maneira possível. Em francês, etimologicamente a palavra *résiliation* é um ato de desengajamento porque põe fim a um contrato, a uma promessa ou a uma palavra dada, e pode ser entendido como um romper o contrato com a adversidade. Para Assis, implica tentar transformar intempéries, momentos traumáticos e situações difíceis e inevitáveis, em novas perspectivas.

Se extrapolarmos esse termo, poderíamos dizer que a religião é resiliente porque busca recuperar um estado perdido, ou ainda não alcançado, é resiliente porque responde à nostalgia do homem e supera o imperativo de ajustamento. Face à catástrofe, a realidade diz que a morte venceu, mas a religião, resiliente em sua constituição, tem o poder de construir uma nova realidade. Desse modo, ao invés de ferramenta de manutenção da realidade, de conformismo, a religião que aqui inserimos no contexto da ação, é superação.

Antes de tudo, a religião não se confronta somente com o sofrimento e a morte, se opõe ao tempo e ao espaço. Assim, como afirma Alves (1975, p. 30), enquanto o homem viver estará envolvido na busca incessante por um mundo de amor, de paixão infinita, mas “como viver a paixão infinita num mundo onde esta paixão nada mais é que um amor e um palpite, uma saudade do ausente



e uma visão do que não se pode ver? Desta contradição surge a religião. Ou mais precisamente: esta contradição é a religião ”

Qual seria então o segredo da força que vigora na religião? O que se passa com a fé quando as montanhas se movem na catástrofe natural? Segundo Eliade (2008a, p, 39), a montanha figura como a imagem que expressa a ligação entre o Céu e a Terra, expressa o Axis mundi. Não somente isso, para Brito (p. 8) “a montanha ultrapassaria sua dimensão de imagem, assumindo o papel de um caminho e um meio físico de estímulo espiritual, perfeitamente adequado à busca de Deus ”. A partir dessa constatação demonstrada claramente por Eliade, e manifesta diversas vezes nos mitos cristãos<sup>25)</sup>, podemos antecipar a resposta ao afirmar que quando as montanhas se movem, as vítimas da tragédia se encontram sobre “a montanha”, no Centro de Mundo, de onde podem enxergar, não os escombros, mas o paraíso, o futuro ainda não realizado, onde a saudade motiva o caminhar. Em meio ao caos da tragédia é possível enxergar um novo horizonte com a certeza, otimismo, de que dias melhores virão.

1

2

3

4

### 3.1 OTIMISMO TRÁGICO

Um ano após a tragédia, enquanto eu e alguns voluntários cavávamos os

---

<sup>25)</sup> Para citar alguns exemplos: O patriarca Abraão sobe numa montanha para sacrificar seu filho Isaac (Gênesis 22.1-19); Moisés encontra-se com Deus numa montanha do Horeb (Êxodo 3.5); depois da saída do Egito, o povo de Israel encontrou-se com Deus na montanha do Sinai (Êxodo 19.3); na montanha com os amalequitas, Moisés ora no alto do monte (Ex. 17,19); Elias ora no alto do monte Carmelo (1 Reis 18.42); no Monte das Oliveiras Jesus ora com seus discípulos no dia anterior a sua crucificação (Evangelho de São Marcos 4.32); a montanha entra plenamente na linguagem apocalíptica: “quando as montanhas caírem e se precipitarem no fundo do mar, chegou o fim deste mundo, para renascer um mundo novo ”(Isaías 40.4; Salmos 11.4; Amós 9.13).

alicerces de uma casa que estávamos construindo para uma família que perdera seu lar, as chuvas castigavam novamente a cidade de Teresópolis. Era feriado de semana santa, mês de abril, último mês das chuvas de verão, chovia há uma semana e os moradores pareciam estar apreensivos. Na tarde de sexta-feira (06 de abril), uma enchente assolou novamente a cidade, deixando 5 mortes e centenas de desabrigados. Um fato novo aconteceu – mais tarde descobrimos ser fruto da tragédia anterior, os moradores do bairro Vieira se mobilizaram para ajudar os moradores de Vargem Grande, bairro próximo, fortemente atingido. Em pouco tempo reuniram mantimentos e colchões para as vítimas. Somente de noite soubemos do ocorrido e nos mobilizamos também para ajudar. No dia seguinte, um grupo grande de residentes de Vieira se dirigiu ao bairro vizinho para ajudar a limpar as casas e socorrer as vítimas.

Dias depois, conversava com alguns desses que foram ajudar. Eles relataram que após o fatídico 11 de janeiro de 2011 a comunidade se tornou mais solidária, habituaram-se a receber em suas casas, durante meses, pessoas que haviam perdido tudo, ajudavam na construção de novas residências, vendiam os lotes mais baratos para que as mesmas fossem feitas em locais seguros, enfim, nas palavras deles: “nos tornamos pessoas melhores”. Tomaram atitudes que mudaram substancialmente quem eles eram.

Antes de falarmos sobre o “otimismo trágico”, em partes demonstrado nos parágrafos anteriores, lembremos que conforme descrevemos no segundo capítulo, o homem é um ser que busca realizar valores, e segundo Frankl (2015, p. 81, 149) existem três categorias de valores: os valores criadores, que são realizados quando a pessoa cria algo, incluindo produções intelectuais e artísticas; os valores vivenciais, que significam experimentar algo ou encontrar alguém, se manifestam na contemplação da natureza, na apreciação da arte e da cultura em geral, nas experiências místicas e na vivência do amor humano; e por fim, os valores de atitude, que surgem quando o homem se depara com situações em que nada pode fazer a não ser aceitá-las, suportá-las, trata-se do modo como o faz, como “carrega a sua cruz”, atitudes como a valentia no sofrimento e a dignidade na ruína.

Assim seguimos para a tese do "otimismo trágico", que responde à pergunta, como é possível dizer sim à vida apesar de tudo? Segundo Frankl (2013a, p. 161), seria a capacidade de a pessoa permanecer otimista apesar da "tríade trágica": dor, culpa e morte. Ele pressupõe que a vida tem um sentido em qualquer circunstância, conseqüentemente, o indivíduo é capaz de transformar criativamente os aspectos negativos da vida em algo positivo e construtivo, tirando o melhor (optimum) de cada situação, ou seja, um otimismo diante da tragédia, tendo em vista o potencial humano que em dadas condições sempre permite: transformar o sofrimento numa conquista e numa realização humana; extrair da culpa a oportunidade de mudar a si mesmo para melhor; fazer da transitoriedade da vida um incentivo para realizar ações responsáveis. Desse modo, o ser humano consegue responder a cada um dos elementos da tríade trágica. Essa resposta, evidentemente estará ligada ao sentido último do indivíduo, é o que observamos quando João diz,

Nós não olhamos os altos e baixos que passamos na nossa vida, que às vezes não está a nosso gosto. Nós olhamos, é que nós diante de tudo isso vencemos, e vencemos porquê? Porque Deus veio com seu poder, a sua misericórdia, nos guardando, nos amparando, para que vencêssemos tudo isso e estarmos aqui para testemunhar da pessoa do senhor Jesus Cristo.

Está implícito nessas palavras a oportunidade/possibilidade de ajudar outras pessoas, como uma tarefa, missão, que o torna encarregado não somente sobre si, mas para com o outro – respondendo à essência de sua existência, sua autotranscendência, sendo direcionado para algo além de si. Em um vídeo<sup>26)</sup> gravado poucos dias depois da tragédia, João questiona: "ó que Jesus passou nesse mundo por nós? Nós não podemos então aguentar e sofrer um pouco confiados nele?" ou seja, ele demonstra sua conquista pessoal, sua realização, comparando-a com o sofrimento de Jesus Cristo na cruz. "Testemunhar" parece ser um tipo de responsabilidade comum de uma pessoa religiosa que passa por grandes adversidades, se repete por exemplo

---

<sup>26)</sup> Trans Solidariedade. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0sPfM51p4ug>>. Acesso em: 20 de ago. de 2014.

no relato da Ana, "porque Deus restituiu, mudou a minha história e aonde eu vou, já dei esse testemunho em vários lugares, várias igrejas e eu sei que se eu estou aqui foi por que Deus quis."

Se concordamos até aqui, que a religião tem algo que a ver com o sentido da vida, numa bricolagem entre Rubem Alves e Viktor Frankl, diríamos que a religião, discurso expressivo do contexto da ação, é também percepção do sentido, que de acordo com Frankl (2013a, p. 167) seria o "tomar consciência de uma possibilidade contra o pano de fundo da realidade, ou, para expressá-lo de modo mais simples, perceber o que pode ser feito em determinada situação." Isso significa que mesmo que uma pessoa não possa mudar os fatos, ele pode escolher sua atitude diante deles, é o que exige as situações que se enquadram no terceiro aspecto da tríade trágica, pois que,

O terceiro aspecto da tríade trágica diz respeito à morte. Porém ele diz respeito à vida também, porque sempre cada um dos instantes de que a vida é feita está morrendo, e aquele instante nunca mais volta. Mas, porventura não é esta transitoriedade algo que nos estimula e desafia a fazer o melhor uso possível de cada momento de nossas vidas? Certamente que sim, e daí surge meu imperativo: "Viva como se você estivesse vivendo pela segunda vez e como se tivesse agido todo erradamente, na primeira vez como está por agir agora" (FRANKL, 2013a, p. 172).

A irreversibilidade e transitoriedade da nossa vida afetam as potencialidades para realização de sentidos, mas Frankl (2013a, p. 172) acrescenta que todas as potencialidades são afetadas também pelas atitudes já realizadas, pelos sofrimentos enfrentados com coragem e dignidade. Em síntese, Frankl (2005, p. 33) descreve que,

O que realmente importa e conta mais é dar testemunho do potencial, unicamente humano, que, em sua forma mais alta, deve transformar uma tragédia em um triunfo pessoal, deve mudar a situação difícil em que o indivíduo está em um sucesso humano. Quando não temos mais condição de mudar uma situação – pensemos numa doença incurável, um câncer que não pode ser operado – então somos estimulados a mudar nós mesmos.

Cabe, portanto, aprofundar-nos na compreensão do sentido da morte e do sofrimento, e do otimismo que se defronta com as tragédias.

### 3.1.1 Homo patiens

Anteriormente foi posto que o homem enfrenta a dor e o sofrimento como acidentes provisórios, agora há, portanto, que se fazer uma distinção entre os dois termos. Almeida e Rezende (2002, p. 64) explicam que a palavra dor indica algum tipo de sensação física, concreta, pontual, presente. Em contrapartida, o sofrimento é a possibilidade de expressão da dor, mediada por alguma linguagem. O sofrimento é a dor transformada em palavra, em música, em poesia, em lamento, nas orações das vítimas da tragédia, nas lágrimas derramadas pela Ana enquanto dobrava seus joelhos, no hino entoado por João e sua esposa. Dores, transformadas em desabafo, dor tornada humana, portadora de um sentido. Dor se torna sofrimento quando pode ser integrada e vivida dentro de um horizonte simbólico que oferece alguma possibilidade de significação. A diferença entre as palavras pode ser abreviada no que escrevem Almeida e Rezende (2002, p. 65):

Gosto das palavras do psicanalista J.D. Nasio: Todas as vezes que uma dor nos aflige, venha ela do corpo ou do espírito, ela se mistura inextricavelmente à mais antiga dor que vive em nós. Por isso, uma simples dor de dente está destinada a fazer-me reviver tantas dores, tantas lembranças, tanta história, tantas estórias! Está destinada a fazer-se sofrimento. Dói o dente, sofre a alma.

A distinção entre as palavras se torna importante à medida que a medicina e as indústrias farmacêuticas descobrem, com o passar do tempo, como eliminar a dor, mas de modo algum serão capazes de dar fim ao sofrimento da alma. De acordo com Almeida e Rezende (2002, p. 68), os “ais nossos de cada dia são expressões” criativas de nossas buscas mais profundas e primordiais. Ele nos relembra, ainda, as palavras de Miguel de

Unamuno, ao dizer que não basta curar nossas dores, é preciso saber chorá-las ou cantá-las, afinal, como diz o ditado popular, “quem canta seus males espanta”. A propósito disso, Sölle (apud ALMEIDA, 2006, p. 126) diz,

Cada aceitação do sofrimento é a aceitação daquilo que é... A recusa de qualquer forma de sofrimento poderá ter como consequência uma irrealização, na qual o contato com a realidade se torna gradativamente mais tênue e fragmentário. É impraticável subtrair-se por completo o sofrimento. Seria o mesmo que negar a própria vida, recusar todo e qualquer relacionamento, transformar-se num ser imutável. Dores, perdas, amputações acontecem na vida mais normal que se possa imaginar, embora não correspondente ao desejável... Quanto mais vigorosamente afirmamos a realidade, quanto mais mergulhados nela, tanto mais profundamente afetados seremos por tais processos de direcionamento para a morte que nos cercam e penetram nosso viver.

Em síntese, declara a própria Sölle (apud ALMEIDA; REZENDE, 2002, p. 69), “desejar a vida sem dor é desejar a morte”. Ou, como posto por Francisco Otaviano em sua poesia intitulada “ilusões da Vida”;

Quem passou pela vida em branca nuvem  
E em palácio recanto adormeceu,  
Quem não sentiu o frio da desgraça,  
Quem passou pela vida e não sofreu  
Foi espectro de homem, não foi homem,  
Só passou pela vida, não viveu<sup>27)</sup>.

Para Almeida (2006, p. 127), aquilo que chamamos de apatia é a incapacidade para o sofrimento ou a indiferença e impassibilidade diante dele, ou seja, represar as experiências de sofrimento da vida (as pathai) é ver desaparecer o pathos de viver. Desse modo, desejar uma vida sem dor significa desejar para si a morte. É por isso que Frankl (2005, p. 35, 36) afirma que:

O homem é geralmente considerado como homo sapiens, o homem inteligente que possui os conhecimentos necessários,

---

<sup>27)</sup> Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/francisco-otaviano/textos-escolhidos>>. Acesso em: 15 de dez. 2015.

que sabe como obter sucesso. Ele sabe como ficar rico e chegar a se um homem de negócios, ou um feliz play-boy, isto é, como ter sucesso no ganhar dinheiro ou no prazer. O homo sapiens move-se entre o extremo positivo do sucesso e seu contrário negativo do fracasso. É bem diferente aquele que chamo de homo patiens, o homem que sofre, que sabe como sofrer, como transformar seus sofrimentos em uma conquista humana. O homo patiens move-se ao longo de um eixo perpendicular àquele do sucesso-fracasso do homo sapiens. Ele se move sobre um eixo que se estende entre os dois polos da realização e do desespero. Entendemos como realização a realização de si através de um sentido e como desespero, o desespero devido à falta aparente de sentido para a própria vida.

É sobretudo virtude do homo patiens agir na eliminação do sofrimento dos outros, porque se torna capaz de participar desse sofrimento. Como explica Sobrino (2007, p. 50), “a solidariedade implica deixar-se afetar pelo sofrimento de outros seres humanos, partilhar sua dor e tragédia ”

No cristianismo – vivenciado pelas vítimas de Vieira – essa proposição se encontra no drama pascal vivido por Jesus, e na responsabilidade que assume para com os outros, pois, entendendo que sua morte traria vida a eles, exclama: “seja feita a tua vontade e não a minha ”(Evangelho de São Lucas 22,42).

Segundo Frankl (2005, p.33), é importante salientar que o sofrimento vivido por alguém não muda o outro, muda a si próprio. Ele usa as palavras de um escultor israelense que foi prisioneiro em Auschwitz e escreveu após a guerra, “eu pensava ingenuamente: Direi a eles o que vi, com a esperança de que as pessoas mudem para melhor.’ Mas as pessoas não mudaram e nem mesmo quiseram saber. Foi só muito mais tarde que eu compreendi verdadeiramente o sentido do sofrimento. Ele só tem sentido quando quem sofre muda para melhor.” O sentido do sofrimento só pode, portanto, ser pessoal e intransferível, na medida em que, somente quem o experimentou foi transformado por ele.

Ao narrar os fatos ocorridos no campo de concentração quando era prisioneiro, meditando sobre o sentido do sofrimento, Frankl (2013a, p. 102, 103) conclui,

Quando um homem descobre que seu destino é sofrer, tem que ver neste sofrimento uma tarefa sua e única. Mesmo diante do sofrimento, a pessoa precisa conquistar a consciência de que ela é única e exclusiva em todo o cosmo-centro deste destino sofrido. Ninguém pode assumir dela isso, e ninguém pode substituir a pessoa no sofrimento. Mas na maneira como ela própria suporta este sofrimento está também a possibilidade de uma vitória única e singular. Para nós, no campo de concentração, nada disso era especulação inútil sobre a vida. Essas reflexões eram a única coisa que ainda podia ajudar-nos, pois esses pensamentos não nos deixavam desesperar quando não enxergávamos chance alguma de escapar com vida. O que nos importava já não era mais a pergunta pelo sentido da vida como ela é tantas vezes colocada, ingenuamente, referindo-se a nada mais do que a realização de um alvo qualquer através de nossa produção criativa. O que nos importava era o objetivo da vida naquela totalidade que incluiu a morte e assim não somente atribui sentido à "vida", mas também ao sofrimento e à morte. Este era o sentido pelo qual estávamos lutando!

Fica, doravante, mais fácil entender a religião a partir daquele que sofre, pois segundo Frankl (2015, p. 151-153) 'se sofremos por causa de alguma coisa. É precisamente porque a não podemos sofrer,' isto é, porque não queremos permitir-lhe que vigore'. O sofrimento cria no homem uma tensão, lhe dizendo o que não dever ser, salvando-o da apatia e da rigidez mortal da alma, tornando-o mais rico e poderoso. Desse modo, do ponto de vista utilitarista, o choro e o luto devido à perda de um ente querido, não possui qualquer sentido uma vez que o objeto do nosso amor perdeu-se objetivamente no tempo empírico. Entretanto, nas lágrimas, ele ficou subjetivamente salvo, no tempo interior, mantendo-o presente. De certo modo, muito próximo do que Rubem Alves diz ser a religião: a presença da ausência, a não aceitação do que é dado.

Nesse sentido, Frankl (2015, p. 153) afirma ainda que o homem que para esquecer uma infelicidade tenta se anestésiar através das drogas, não resolve nenhum problema, apenas foge da realidade sem coragem para encará-la. O sofrimento por sua vez, é a possibilidade existencial de enfrentar a dor. Não seria essa também a pretensão da religião? Não seria esse o equívoco da expressão de Marx ao dizer que a religião é ópio? A meu ver, e a partir do que já foi dito, a religião é a possibilidade de enfrentar aquilo que não deveria ser.



Frankl (2015, p. 155), sintetiza o que descrevemos ao afirmar que “o sentido do destino que um homem sofre reside portanto, em primeiro lugar, em ser pelo homem configurado – se possível; e, em segundo lugar, em ser suportado – se necessário.” Não há nenhuma situação que não nos ofereça a oportunidade de realizar valores, sejam eles valores criadores, sejam valores de atitude, ou, como disse Goethe (apud FRANKL, 2015, p. 155), “não há nenhuma situação que se não possa enobrecer, o que quer seja realizando ou suportando.”

### 3.1.2 O sentido da morte

O que aconteceria se de repente ninguém morresse? É a trama que se desenvolve no livro “As Intermittências da Morte” do escritor José Saramago. Ainda na epígrafe ele responde à nossa pergunta: “saberemos cada vez menos o que é um ser humano.” Inúmeras hipóteses são levantadas ao longo do livro, sobretudo de uma sociedade tomada pela dor e caos incessantes. Noutro sentido, Alves (1984, p.172) nos lembra que o corpo quer viver, não apenas sobreviver, quer viver em prazer. E não é essa a aspiração escatológica do cristianismo, uma vida eterna onde não haja dor nem ranger de dentes, uma vida de gozo pleno? O sentido da morte se apresenta em dois aspectos: um finito, terreno, outro eterno, em termo cristão, celestial.

1

2

3

4

4.1

#### 4.1.1

#### 4.1.2

### A morte como finitude do homem

Segundo Frankl (2015, p. 109), se tivéssemos um corpo imortal, adiaríamos nossas ações até o infinito, nada seria realizado agora. Em compensação, quando temos em vista a morte como futuro inescapável e limite das nossas possibilidades, vemo-nos obrigados a aproveitar o tempo que dispomos e as ocasiões irrepetíveis que se nos oferecem. Desse modo,

A finitude, a temporalidade, não é apenas, por conseguinte, uma nota essencial da vida humana, é também constitutiva de seu sentido. O sentido da existência humana funda-se no seu caráter irreversível. Dai que só se possa entender a responsabilidade que o homem tem pela vida... quando a compreendemos como responsabilidade por uma vida que só se vive uma vez (Frankl, 2015, p.109).

Ao considerar a transitoriedade essencial da existência humana, Frankl (2013a, p. 144) observa que numa perspectiva otimista, os únicos aspectos realmente transitórios da vida são as potencialidades, que uma vez realizadas se tornam realidades, experiências vividas, trabalhos concretizados e sofrimentos suportados com bravura, isto é, a plenitude de uma existência realizada. Em contrapartida, uma perspectiva pessimista olha o futuro com temor e tristeza pela extinção de sua vida, sem olhar o monumento que se ergue sob os atos de seu passado. Sua conclusão é que "ter sido é a mais segura forma de ser."

Quando relata sua experiência no campo de concentração, Frankl (2013a, p. 68) dá-nos um precioso exemplo da possibilidade de atribuir algum sentido à morte a partir da responsabilidade assumida diante da vida:

Ao passar o quarto dia "em repouso", constava que eu seria destacado para o turno da noite - o que para mim significava

morte certa. Inesperadamente o médico-chefe precipitou-se para dentro do barracão e instou comigo para que me apresentasse voluntariamente para o serviço médico em outro setor, o de tifo exantemático. Contrariando os insistentes conselhos dos meus amigos e à diferença do comportamento calculista de quase todos os outros colegas de profissão não engajados, imediatamente resolvi apresentar-me. Eu sabia que num comando de trabalho eu me acabaria dentro de pouquíssimo tempo. Já que iria morrer, então eu queria que minha morte tivesse sentido. Alguma espécie de ajuda a meus companheiros enfermos, na qualidade de médico, sem dúvida me parecia ter mais sentido que bater as botas como trabalhador braçal ineficiente que eu era então.

Diante da morte eminente o homem assume sua responsabilidade de ser, o que nos leva à pergunta: e se acontecesse como na segunda etapa do livro de Saramago? Se recebêssemos uma carta com uma semana de antecedência indicando o dia que seríamos levados pela morte? Não é, de fato, isso que ocorre cotidianamente com muitas pessoas que são desenganadas pela medicina, quando essa lhe indica um certo tempo de vida? Nas reflexões de Alves (1981, p. 127, 128), nessas condições, nossas ações diárias, a leitura dos jornais, os canhotos dos talões de cheque, os ressentimentos conjugais, os rancores profissionais, a pós-graduação, as perspectivas de carreira, tudo desaparece e o presente ganha uma presença antes inexistente. Os momentos ganham um novo sabor, justamente porque são últimos: o quadro, esquecido na parede; o cheiro de jasmim; o canto de um pássaro, em algum lugar; o barulho dos grilos, enquanto o sono não vem; a gritaria das crianças; os salpicos da água fria, perto da fonte. A sociedade oculta a morte, pois a consciência da finitude tem o poder de libertar e desajustar a ordem social estabelecida, e é isso que faz a religião quando dá aos homens a liberdade para morrer entregando seus sepulcros nas mãos dos deuses, fivres para morrer os homens estariam livres para viver ”

Essa é a mensagem final do livro do Saramago. Uma das cartas que anunciava a morte à vítima, um violoncelista, retorna depois de várias tentativas de envio, a morte se disfarça de mulher e decide ir vê-lo atuar ao vivo, no concerto, o violoncelista toca como se fosse o último dia de sua vida, como se tivesse nascido para aquele momento, mesmo sem saber que a morte, essa mulher linda que ele avistara no camarote, lhe desejava entregar a carta.

O homem e a morte se desnudam e se amam, por fim, a morte vai embora sem deixar a carta, sem deixar o pavor, e o livro se encerra com a constatação, “no dia seguinte ninguém morreu” (SARAMAGO, 2005, p. 207).

#### A morte como possibilidade de plenitude eterna

A morte será sempre um enigma, nas palavras de Alves (1994, p. 6) “ não é silêncio. É um mistério que está no ar, misturado com este perfume de sândalo que sai da madeira que se contorce e chia nas chamas. É o cheiro de incenso que diz que o momento é sagrado. A morte foi sempre misteriosa, e é por isso que os homens se aproximam dela com o nome de Deus nas suas bocas.” Esse mistério que nos enche de pavor e espanto nos toma cotidianamente ao vivenciarmos a finitude, seja de um parente próximo ou de alguém desconhecido. O que nos parece sempre é que o viver deve ser eterno. Esse não é um problema contemporâneo, é o que explica Kübler-Ross (1996, p. 14) ao dizer,

Quando retrocedemos no tempo e estudamos culturas e povos antigos, temos a impressão de que o homem sempre abominou a morte e, provavelmente, sempre repelirá. Do ponto de vista psiquiátrico, isto é bastante compreensível e talvez se explique melhor pela noção básica de que, em nosso inconsciente, a morte nunca é possível quando se trata de nós mesmos. É inconcebível para o inconsciente imaginar um fim real para nossa vida na terra e, se a vida tiver um fim, este será sempre atribuído a uma intervenção maligna fora de nosso alcance. Explicando melhor, em nosso inconsciente só podemos ser mortos; é inconcebível morrer de causa natural ou de idade avançada. Portanto, a morte em si está ligada a uma ação má, a um acontecimento medonho, a algo que em si clama por recompensa ou castigo.

Destarte, Almeida (2006, p. 109) afirma que as representações da morte de determinada sociedade criam formas de experiência religiosa, quais sejam, as possibilidades de conferir sentido à presença de Deus no momento final da vida. Assim, Almeida e Rezende (2002, p. 105), explicam que o pavor da morte,

a dúvida de que talvez possamos desaparecer após findados nossos dias em terra, é contraposta pela fé cristã que enxerga a morte como páscoa, a passagem para a plenitude da vida. A morte não possui poder absoluto no cristianismo porque esse funda-se na ressurreição de Jesus, legando a seus seguidores a certeza do renascimento proclamado pelo Cristo.

Complementam ainda Almeida e Rezende (2002, p. 133) que a vida terrena é um grande eclipse com dois pontos contraditórios e complementares, por um lado, a curva biológica, da sobrevivência, por outro, a curva pessoal, da interioridade que nos leva ao encontro do outro. Da curva biológica finita à curva pessoal infinita, do modo de ser temporal para o modo de ser eterno.

Diante da finitude e brevidade da vida Alves (1982, p. 20) nos provoca, ‘canções fúnebres exorcizarão a morte? Parece que não. Mas elas exorcizam o terror e lançam pelos espaços afora o gemido de protesto e a reticência de esperança’. Quando a morte é transformada em amiga, não é mais necessário lutar contra ela.

### 3.1.3 O ‘apesar de’

De acordo com Tillich (1992, p. 204), há duas linhas que são capazes de simbolizar o significado da existência humana: a vertical e a horizontal. A primeira indica o significado eterno; a segunda, a realização temporal desse significado. A primeira linha significa a atitude de ‘apesar de’ e indica o que poderíamos chamar de ‘reserva religiosa’. Tillich trata especificamente das tragédias históricas humanas, das guerras e das políticas globais, por isso é preciso lembrar o que dissemos, apesar do fenômeno natural, a tragédia é também humana. Inclusive a percepção oficial do Estado brasileiro atesta essa perspectiva, ou seja

desastres são produtos e processos decorrentes da transformação e crescimento da sociedade, do modelo global

de desenvolvimento adotado, dos fatores socioambientais relacionados a modos de vida que produzem vulnerabilidades sociais e, portanto, vulnerabilidade aos desastres. Incluem aspectos como pobreza, ocupação inadequada do solo, ocupação de áreas de risco, inexistência de equipamentos urbanos e insuficiência de políticas que atendam às necessidades da população. (BRASIL, 2010, p. 25)

Fazendo as devidas distinções entres os tipos de tragédia é possível pensar a partir da dimensão ontológica, no que Tillich (1992, p. 205) diz:

As pessoas hoje devem aprender a dizer “apesar de”, e a encontrar por si mesmas a reserva religiosa incapaz de ser anulada pela tragédia da história. Trata-se de busca difícil, mas não se deve desanimar para que o cinismo e o desespero não predominem e levem as massas ao serviço dos agitadores, onde os mais fortes glorificam a autodestruição heroica e os mais fracos perdem o sentido da vida [...]. Se não pudermos entender as palavras do salmista de que a perda do corpo e da vida e da terra e do céu não anula o sentido último da vida – se não formos capazes de sentir o que o poeta quer dizer quando afirma que toda a nossa corrida, a nossa luta, é, afinal, a busca do eterno descanso em Deus, o Senhor – se tudo isto se tornar estranho e irreal para nós, então já perdemos o poder de enfrentar a realidade sem cinismo e sem desespero.

Alves (1982, p. 59, 60), por sua vez, evoca Bonhoeffer para lembrar que o Deus cristão se apresenta fraco e indefeso no mundo, na imagem do Cristo crucificado. Entretanto, é essa imagem que transforma sofrimento e morte em ressurreição e vida, é ela que reconcilia a alma religiosa ao universo, justamente por ser também a imagem daqueles que sofrem.

Como afirmamos no capítulo anterior, a religião fala principalmente de esperança. Para Alves (1982, p. 62), “Deus é o nome que damos à esperança quando ela vara todos os espaços e se espalha por todos os tempos”, é a tenacidade da espera que faz das vítimas, resilientes, serem capazes de plantar rosas sobre os escombros das casas de seus parentes e regá-las com lágrimas, porque sempre haverá um futuro. Continua Alves (1982, p. 70), é necessário que se invoquem o “entretanto” e os “à despeito disto”, assim como o “apesar de” de Tillich, vivenciados por aqueles que se encontram desajustados diante de uma cruel realidade e sofrem, recusando a aniquilação

total. É desses que emerge a possibilidade de um futuro transformado.

A religião é clarividência da existência humana que aponta para as possibilidades do futuro a partir daqueles que são crucificados, é o que nos indica a belíssima meditação do padre Antônio Vieira (apud ALVES, 1982, p. 70, 71) transcrita abaixo.

Os discursos de quem não viu, são discursos; os discursos de quem viu são profecias. Os antigos, quando queriam prognosticar o futuro, sacrificavam os animais, consultavam-lhes as entranhas, e conforme o que viam nelas, assim prognosticavam. Não consultavam a cabeça, que é o assento do entendimento, senão as entranhas, que é o lugar do amor; porque não prognostica melhor quem melhor entende, senão quem mais ama. E este costume era geral em toda a Europa antes da vinda de Cristo, e os portugueses tinham uma grande singularidade nele entre os outros gentios. Os outros consultavam as entranhas dos animais, os portugueses consultavam as entranhas dos homens. A superstição era falsa, mas a alegoria era muito verdadeira. Não há lume de profecia mais certo no mundo que consultar as entranhas dos homens. E de que homens? De todos? Não. Dos sacrificados. Se quereis profetizar os futuros, consultai as entranhas dos homens sacrificados: consultem-se as entranhas dos que se sacrificaram e dos que se sacrificam; e o que eles disserem, isto se tenha por profecia. Porém, consultar de quem não se sacrificou, nem se sacrifica, nem há de se sacrificar, é não querer profecias verdadeiras; é querer cegar o presente, e não acertar o futuro.

O que brotará das mãos e das palavras de indivíduos grávidos do futuro? Alves (1982, p. 64) conclui, “assim caminham dolorosamente de mãos dadas a nostalgia pelo objeto amado e a consciência da fraqueza. E é por isso que, na boca dos fracos, o amor se transforma numa prece e o encontro com a coisa amada só pode ser conhecido como graça”. É com esse futuro em mente que se torna possível escolher o que pode ser feito em cada situação – assumindo um otimismo trágico – ainda que a realidade pareça não dar alternativas.

### 3.2 O SER-RESPONSÁVEL

Peter (1999, p. 12) resume a concepção frankliana do homem em quatro pontos: o homem é um ser espiritual-pessoal; orienta-se primariamente, para os significados e valores; a autotranscendência pertence de maneira essencial ao ser humano; e por fim, que ele é capaz de se autodeterminar. "O homem não é apenas aquilo que ele é, é também aquilo que decide ser. O homem é também devir". É sobre esse último ponto que nos deparamos agora, uma vez que já discorreremos sobre os outros três.

De acordo com Neto (2012, p. 44) "é exatamente o tom de finitude e irreversibilidade que a morte dá ao existir, que apela ao homem para assumir a vida como um ser-responsável e um ser-consciente assumindo a tarefa de criação de si mesmo ao longo de sua existência". Ele é responsável, porque vivencia e assume sua vida como imediaticidade e como projeto que caminha para um fim, desdobrando ao longo desse percurso uma série de possibilidades que motivam e dão sentido à vida. Segundo Frankl (2005, p. 42, 43),

O homem não é subjugado pelas condições diante das quais se encontra. Ao contrário, são elas que estão submetidas às suas decisões. De maneira consciente ou sem se aperceber, ele decide se enfrentará a situação ou se cederá a ela, se vai deixar-se ou não condicionar-se inteiramente por ela. Naturalmente, poder-se-ia objetar que tais decisões são, elas próprias, condicionadas. Mas é óbvio que então cairíamos em um regressus in infinitum. Uma afirmação de Magda B. Arnold retoma esse problema e serve como conclusão adequada para nosso discurso: "Todas as escolhas têm uma causa, mas esta última é causada por aquele que escolhe".

Ainda sobre a concepção de que a vida humana é condicionada, Frankl (2013a, p. 152-154) faz duras críticas a essa ideia que tira do homem a capacidade de tomar decisões, o que ele chama de pandeterminismo. O ser humano é autodeterminante em última análise. Ele tem a liberdade de mudar a qualquer instante. Sua personalidade individual permanece essencialmente imprevisível, mesmo diante dos condicionamentos biológicos, psicológicos ou sociológicos.

Frankl (2013b, p. 57) define dois tipos de responsabilidade: a



responsabilidade consciente, que caracteriza o senso de responsabilidade humana; e a responsabilidade inconsciente, fruto da espiritualidade inconsciente descrita no segundo capítulo, que responde às questões existenciais. Com tudo isso, pode-se afirmar que o indivíduo, diante da tragédia, decide acolher em seu lar aqueles que perderam sua casa, compartilha sua comida, reconstrói as pontes destruídas, decide tudo isso a partir de seu senso de responsabilidade, mas decide também plantar flores sobre escombros, fazer orações, cantar canções de lamento e acreditar que há um futuro de esperança. Ainda mais que, segundo Frankl (2015, p. 143).

Sem um ponto fixo no futuro, não consegue o homem propriamente existir. É em ordem ao futuro que normalmente todo o seu presente é configurado, orientando-se para ele como a limalha de ferro se orienta para um polo magnético. Pelo contrário, o tempo interior, o tempo vivencial perde toda a sua estrutura sempre que o homem perde o "seu futuro".

### 3.2.1 Liberdade e criatividade

De acordo com Frankl (2015, p. 121) "o existir humano é ser-responsável, porque é ser-livre. É um ser que – como diz Jaspers – de cada vez decide o que ele é: ser que decide." É precisamente "ser-aí" (Dasein) e não, pura e simplesmente, "achar-se presente" (Heidegger). Poderíamos também concordar com Scheler (2008, p.49) quando afirma que,

A determinação fundamental de um ser "espiritual", seja qual for a sua constituição psicofísica, é o seu desprendimento existencial do orgânico, a sua liberdade, a possibilidade que ele – ou o centro da sua existência – tem de se separar do fascínio, da pressão, da dependência do orgânico, da "vida" e de tudo o que pertence à "vida" – por conseguinte, também da sua própria "inteligência pulsional". O ser espiritual não se encontra sujeito ao impulso e ao meio, ele se encontra "aberto ao mundo".

A rigor, Coelho Júnior e Mahfoud (2001, p. 97) ao falarem sobre essa liberdade do ser que decide, explicam que “o homem sempre estará exposto a estímulos e determinações ambientais de diversas ordens, mas essa liberdade refere-se à maneira criativa e própria de cada indivíduo, expressa no momento em que responde a eles”. Portanto, segundo Frankl (2005, p. 42, 43), a liberdade humana é limitada, pois esse não é livre de certas condições. Mas é livre para tomar posições diante delas, ou seja, as condições não o condicionam inteiramente. “Ele pode até superar as condições e, assim fazendo, abrir-se um caminho e penetrar na dimensão humana”. A liberdade humana implica a capacidade do homem de distanciamento de si próprio. É esta atitude que é escolhida livremente. A liberdade de escolher uma atitude a partir de nossas condições.

Desse modo, podemos concluir, pensando a partir de Frankl (2005, p. 49) que o homem não participa da qualidade que faz as coisas serem coisas, porque ele não é uma coisa entre outras. As coisas são determinadas umas pelas outras, enquanto o homem se determina a si mesmo, isto é, ele é quem escolhe se deixa determinar-se pelos impulsos e instintos que o estimulam, ou então pelas razões e significados que o atraem. Frankl (2005, p. 54) faz um longo caminho partindo do determinismo como uma limitação da liberdade até ao humanismo como uma expansão da liberdade. Lembrando que a liberdade é parte da história e metade da verdade, pois ser livre é apenas o aspecto negativo do fenômeno completo, no qual o aspecto positivo é ser responsável. A liberdade pode degenerar em mera arbitrariedade, a menos que seja em termos de responsabilidade. Frankl (2013a, p. 101, 102) estabelece as ligações entre o sentido da vida, a liberdade e a responsabilidade quando diz,

Não perguntamos mais pelo sentido da vida, mas nos experimentamos a nós mesmos como os indagados, como aqueles aos quais a vida dirige perguntas diariamente e a cada hora - perguntas que precisamos responder, dando a resposta adequada não através de elucubrações ou discursos, mas apenas através da ação, através da conduta correta. Em última análise, viver não significa outra coisa que arcar com a responsabilidade de responder adequadamente às perguntas da vida, pelo cumprimento das tarefas colocadas pela vida a cada indivíduo, pelo cumprimento da exigência do momento. Essa exigência, e com ela o sentido da existência, altera-se de

pessoa para pessoa e de um momento para o outro. Jamais, portanto, o sentido da vida humana pode ser definido em termos genéricos, nunca se poderá responder com validade geral a pergunta por este sentido. A vida como a entendemos aqui não é nada vago, mas sempre algo concreto, de modo que também as exigências que a vida nos faz sempre são bem concretas. Esta concreticidade está dada pelo destino do ser humano, que para cada um sempre é algo único e singular. Nenhum ser humano e nenhum destino pode ser comparado com outro; nenhuma situação se repete. E em cada situação a pessoa é chamada a assumir outra atitude. Para a sua situação concreta exige dela que ela aja, ou seja, que ela procure configurar ativamente o seu destino; ora, que ela aproveite uma oportunidade para realizar valores simplesmente vivenciando (por exemplo, gozando); outra vez, que ela simplesmente assuma o seu destino. Mas sempre é assim que toda e qualquer situação se caracteriza, por esse caráter único e exclusivo que somente permite uma única "resposta" correta à pergunta contida na situação concreta.

O indivíduo é, conseqüentemente, livre para caminhar com esperança para o futuro ainda não existente, motivado por suas nostalgias. Segundo Alves (2012, p. 260, 262), se há algo que determina o homem é o futuro, uma vez que sua consciência está direcionada para o contexto da ação, e "esta ação procura ajudar a história a dar vida a um novo amanhã, amanhã que agora a faz gemer, sofrer e ter esperança, feito uma mulher com dores de parto". Uma sociedade moderna, no sentido desejado pelas ciências positivistas, seria uma sociedade do eterno presente. Em contrapartida, a esperança implica no homem uma libertação do passado, não que esse seja esquecido, mas deixa de ser fator dominante em suas ações e, por conseguinte, não pode esgotar as possibilidades da vida humana. A liberdade humana não é apenas uma dimensão da subjetividade, mas um poder para transformar o mundo, criando um novo futuro. Alves (2012, p. 263) explica ainda que a transformação que o homem opera na natureza para dar-lhe uma nova face, consiste num ato de criatividade, que seria,

...a atividade pela qual o existencial, as esperanças e as paixões humanas exteriorizam-se no objeto criado. O homem cria o mundo a sua própria imagem. Ele é mesmo capaz de comungar com o mundo (e não meramente contatá-lo), pois este não constitui mais um fato bruto, e sim um mundo fertilizado e transformado pela criatividade e o suor humanos. [...] Através da criatividade humana há esperança para a terra,

terra que pode ser transformada num lar e num lugar de redenção para a humanidade.

Assim, se o medo da morte pode provocar uma vida em função da autopreservação e do congelamento da liberdade, o que o cristianismo promete para as vítimas da tragédia – e isso pode facilmente ser percebido nas entrevistas – é, de acordo com Alves (2012, p. 267), a liberdade de expressar seu amor na confiança de um futuro prometido pelo Messias. Esse futuro escatológico não se constitui como fuga da história, mas como forma de vivenciar e construir o presente. A expectativa retroage na experiência do ser que é responsável por alcançar as promessas.

É na autodeterminação que o homem expressa sua personalidade. Como elabora Tillich (1992, p. 141-144), ser livre significa ter poder sobre si mesmo sem se escravizar à natureza que lhe foi dada, de modo que o homem não pode escapar dessa exigência de se transformar numa personalidade. A exigência incondicional da liberdade não vem de fora do homem, não é obediência forçada a uma lei de um deus tirânico, ou da sociedade ou ainda de mecanismos psicológicos; “é a expressão ética da estrutura ontológica do próprio ser”.

### 3.2.2 O tempo oportuno na história

O tempo se torna algo de suma importância diante de tragédias que descontinham o caminhar do cotidiano. Acontecimentos imprevistos exigem ações inesperadas e possuem potencial para transformar a história. O homem, como ser-responsável, é, portanto, ser histórico, que com liberdade e criatividade constrói uma realidade onde a vida se torna possível.

Falamos antes da bipartição que a religião provoca entre as coisas que são sagradas e as coisas que são profanas. De igual modo, o tempo possui dupla característica quando confrontado pela religião. Tillich (1992, p. 64) nota

que os gregos utilizavam duas palavras para marcar essa diferença: *chronos*, para representar o tempo formal, e *kairós*, o tempo certo. Alves (1999, p. 167), na crônica "Um caso de amor com a vida", explica que *chronos* é o tempo que se mede com as batidas do relógio, enquanto *kairós* é o tempo que se mede com as batidas do coração, que dança no ritmo da vida e da morte e que não possui palavra específica em nosso dicionário que o represente. É também Alves (1999, p. 167) que comenta as palavras de Riobaldo, jagunço herói do Grande sertão: Veredas, dizendo

"Toda saudade é uma espécie de velhice." Velhice não se mede pelos números do *chronos*; ela se mede por saudade. Saudade é o corpo brigando com o *chronos*. De novo o mesmo poema de Ricardo Reis: "ele [*chronos*] fala do deus atroz que os próprios filhos devora sempre". *Chronos* é o deus terrível que vai comendo a gente e as coisas que a gente ama. A saudade cresce no corpo no lugar onde *chronos* mordeu. É um testemunho da nossa condição de mutilados - um tipo de prótese que dói. *Kairós* mede a vida pelas pulsações do amor. O amor não suporta perder o que se amou: a filha nenezinho, no colo, no meu colo, nenezinho e colo que o tempo levou mas eu gostaria que não tivessem sido levados! Estão na fotografia, essa invenção que se inventou para enganar o *chronos*, pelo congelamento do instante.

Dentre as inúmeras entidades presentes em Vieira nos dias que sucederam à tragédia, uma chamou muito a atenção, na verdade causando certo estranhamento e uma enorme sensação de que recursos e esforços estavam sendo mal empregados. Tratava-se de uma ramificação numa organização não governamental (ONG), que recolhia entre os escombros das casas fotos antigas das vítimas, identificam os proprietários das fotos, faziam a restauração das mesmas e devolviam aos respectivos donos. Só pude entender o valor daquelas fotos dois anos mais tarde, quando conheci a Josi, o Ducho e suas duas filhas. Após um xicara de café enquanto olhávamos a imensa lavoura de alface deles, trouxeram um álbum de fotos: "foram as únicas que conseguimos recuperar da tragédia, na verdade foi uma ONG que achou e restaurou para nós. Infelizmente perdemos as outras, perdemos parte da nossa história". Nas fotos, a linda casa com um jardim florido e um gramado verde, o aniversário de um ano da pequena Kemilly, as fotos de criança da Ketila, agora

adolescente, e as fotos do casamento dos dois. Fotos, saudade materializada. Lembranças de um kairós, que foram levadas pelo chronos. O chronos é o tempo que nos lembra da morte, que insiste na finitude, o kairós é tempo infinito onde o amor é livre para acontecer apesar da morte.

Outro aspecto revelador é a divisão cronológica provocada pela tragédia. Assim como para a maioria das civilizações o nascimento de Jesus tornou-se divisor de águas na contagem do tempo, referenciando as datas em antes e depois de Cristo, a catástrofe provocou uma ruptura na história das vítimas, de modo que, é comum ouvir as pessoas dizerem “antes das tragédias” ou “depois das tragédias”. De fato, o tempo que marca é o tempo medido pelas batidas do coração, a vida de algumas das vítimas está sustentada nesses dois eventos (o nascimento de Cristo e a tragédia), haja vista que esses eventos trazem consigo algo novo na história. Segundo Tillich (1992, p. 69),

o aparecimento do novo significa a crise concreta do antigo, o seu julgamento histórico. A nova criação poderá ser pior do que a antiga que chegou a crise; mas não importando se melhor ou pior, também ela se submete ao julgamento. Entretanto, essa nova criação acha-se em kairo (ho tempo certo) enquanto o mesmo não se dava com a antiga criação.

Esse tempo novo, de solidariedade e reconstrução, provocado pela tragédia, é um novo tempo dado por Deus, uma nova história, uma nova oportunidade, um renascimento para a responsabilidade que se deve assumir diante do mundo. Como afirma Tillich (1992, p. 73), “sempre que se aceita a manifestação do eterno em determinados momentos da história, que são momentos de kairós, a história se abre ao incondicional. Esta abertura expressa-se por meio de símbolos religiosos ou seculares”. Esse símbolo pode ser a data da independência de um país ou de uma revolução, a expectativa da implantação do Reino transcendental de Deus ou a anunciação da segunda vinda de Cristo, o que importa é que podem expressar a consciência do kairós e da presença de momentos extraordinários no decurso da história. É preciso fazer uma ressalva, e lembrar que Tillich faz essas declarações movido por um contexto de conflitos políticos universais e de crise econômica global, no desenvolvimento do que ele chama de socialismo religioso, onde o kairós é

marcado por uma capacidade de julgamento crítico. O que torna possível a aproximação entre os acontecimentos históricos dos quais ele fala e a tragédia natural em Vieira, é a indicação de Tillich (1992, p. 75) de que:

cada um desses eventos representou mudanças na história. Foi assim que sentiram seus contemporâneos, e é assim que foram registrados na tradição histórica. Cada um deles pode ser chamado de kairós. Foram momentos decisivos no processo temporal, marcados pela irrupção do eterno na história, que a sacudiu, transformou e instalou a crise nas profundezas da existência humana.

Embora o termo kairós, signifique, num sentido estrito, para o cristianismo o aparecimento de Jesus, em termos gerais, representa, segundo o próprio Tillich (1992, p. 76), “qualquer momento de mudança na história em que o eterno julga e transforma o temporal.” Gross (1998, p. 180), explica que é impossível entender o conceito de kairós, conforme utilizado por Tillich, sem entender sua proposta ontológica. Parte-se do pressuposto, já descrito nesse trabalho, de que a realidade não se resume ao que é dado, ela tem uma profundidade, um fundamento. Ou seja, “tudo que é tem seu fundamento no poder de ser”, mas essa realidade transcendente só pode ser expressa de forma simbólica, por isso, “qualquer manifestação de um tal símbolo do fundamento do ser representa aquilo que é expresso pelo termo kairós.” Assim,

a irrupção de um símbolo do poder de ser sempre pressupõe a busca por e a reformulação do sentido da existência pelas pessoas humanas –e também no nível coletivo e político isto é assim. Uma transformação das condições de existência é a construção de um novo sentido na esfera da realidade, mas esta construção se dá a partir do que a realidade apresenta como potência. Neste sentido, não é só a consciência humana que reconstrói o sentido; é a reserva de sentido –e há muito de não-racional nisso – representada pelo poder de ser que irrompe num kairós refundando a própria realidade (GROSS, 1998, p. 180)

Entretanto, o conceito não se limita a esses casos, Frankl (2005, p. 32), sugere que,

Trata-se em particular de uma possibilidade de fazer qualquer coisa com relação à situação na qual nos encontramos para modificar, se for necessário, uma realidade. Desde que a situação é sempre única, com um sentido que é também necessariamente único, segue-se que a possibilidade de fazer qualquer coisa em relação à situação "é também única, porque é transitória. Ela possui uma qualidade kairós, isto é, se não aproveitarmos a oportunidade de dinamizar o sentido intrínseco e como que mergulhado na situação, o sentido passará e irá embora para sempre.

Já foi dito que o sentido da vida traz a ideia de finalidade, de fim. Vimos também que o sentido da vida se dá geralmente em torno de uma nostalgia, uma nostalgia que aponta para o futuro. Agora se percebe que o tempo que surge com a tragédia, vem carregado de responsabilidades e oportunidades de fazer o bem e de deixar manifestar-se a qualidade de autotranscendência constituinte de cada ser humano. O kairós inaugurado pela catástrofe é o ensejo para a manifestação da estrutura ontológica do ser.

### 3.2.3 O "porque"

Citamos antes que Tillich indica duas linhas que são capazes de simbolizar o significado da existência humana e descrevemos uma delas, a linha vertical, dinâmica e real na linha horizontal, da atitude do "porque". Sendo assim, a atitude de "apesar de" é o poder gerador da atitude do "porque" e indica o que Tillich (1992, p. 206) chama de "obrigação religiosa". O que significa dizer que "a religião é, em primeiro lugar, a mão aberta para receber dons e, depois, a mesma mão também aberta para distribuir esses dons".

Ainda de acordo com Tillich (1992, p. 207, 208), a obrigação religiosa inclui o reconhecimento do outro como um irmão, um tu. Novamente, é preciso lembrar que a aproximação com as ideias de Tillich obedece a propósitos distintos dos que ele almeja, não estamos falando de tragédias histórico-políticas, mas de catástrofes naturais, não estamos falando de responsabilidades diante da guerra, mas de responsabilidades diante de um



território destruído e de pessoas órfãs da esperança. ‘A palavra mais importante que a religião deve dizer às pessoas é a palavra da esperança.’

Ora, não poderíamos, portanto, concordar que a religião é apenas uma estratégia de coping, ou que seja apenas projeção humana, seja ela econômica, sociológica ou psicológica. Religião, de acordo com Alves (1982, p. 196) é a espera pelo momento em que seremos salvos, isto é, em que nosso corpo será livre. Não se pode dizer que esta espera é apenas um jogo, é mais do que isso porque é uma aposta num invisível, num ausente, num futuro, uma aposta que ‘transfigura os corpos fazendo-os amar, dançar, sorrir, dormir.’ O movimento dos corpos não se dá apenas pelo desejo, é preciso mais do que isso. É o que salienta Alves (1982, p. 199):

É necessário desejar, sim. Mas é necessário crer, também, na possibilidade dos objetos do desejo. É necessário crer que há um poder disponível, seja no poder do corpo, seja no poder de muitos corpos, de mãos dadas, seja no poder do Universo...  
 E é assim que, sob a magia do desejo, os corpos se levantam da letargia, para se exprimirem no trabalho, na dança, no amor, no brinquedo, na luta, nos altares...  
 Mas que nome dar a esta combinação de amor e poder? Quando os dois se encarnam num corpo não receberão eles, porventura, o nome de esperança? Esperar: que significa isto senão desejar, na firme convicção de que é possível... e chegamos então a uma conclusão surpreendente. Por que esta combinação de desejo e poder, na sua intensidade mágica, não é a própria divindade? Deus: o objeto que mais se deseja, a promessa da libertação do corpo, unida ao poder máximo, infinito, a favor dos homens.

A conclusão a que chegamos a partir de Alves (1982, p. 201, 204, 208) é que ‘temos poder, por isso esperamos.’ Entretanto, esse poder não é fruto da onipotência dos homens, pelo contrário, quando as tragédias assolam nossos dias, já não é possível confiar na própria força, ‘quando a morte se instaura, irreduzível e final, seja no próprio corpo, seja no corpo de quem se ama, quando o corpo se descobre doído e impotente, [...] aí já não mais se pode esperar um futuro, dádiva do corpo.’ O futuro acontece a despeito do corpo, como dádiva, como graça, e o momento se torna ‘uma presença do futuro, o corpo encarnação do Reino, a vida uma expressão de liberdade...’ Esse novo

futuro precisa ser criado mesmo em meio à dor e às perdas e, ainda de acordo com Alves (1986, p. 193),

para que a criação ocorra o sofrimento e a esperança não podem ser separados. O sofrimento é o espinho que torna impossível esquecermo-nos de que ainda há uma tarefa política inconclusa, com a qual devemos nos comprometer. E a esperança é a estrela que indica a direção a ser seguida. Sofrimento e esperança vivem um para o outro. Sofrimento sem esperança produz ressentimento e desespero. Esperança sem sofrimento cria ilusões, ingenuidade e embriaguez.

Para o cristianismo, significa pensar na esperança do encontro total com Deus, mas esta espera não é passiva, é uma espera que se lança para o futuro. Proposição essa apoiada por Tillich (1985, p. 73, 74) ao afirmar que “a preocupação da fé coincide com o alvo do amor: ambos procuram a reconciliação com aquilo a que se pertence e de que se está alienado”, concordando com Alves sobre o poder que opera na fé, o amor. Assim, “amor é o poder no fundamento último de todo ser, o poder que impulsiona o ente para além de si em direção à re-união com a outra pessoa, e, em última análise, com o próprio fundamento do ser, do qual se encontra separado”.

Enquanto os detentores de uma religiosidade sem dúvidas se debateram sobre questões da teodiceia, as vítimas da tragédia abraçaram com coragem o risco da fé e do amor e se puseram a reconstruir a realidade que os circunscreve. Afinal, segundo Tillich (1985, p. 75),

A expressão direta do amor é a ação. Teólogos já discutiram a questão de como a fé pode resultar em agir. Isso é possível porque fé encerra amor e porque amor se manifesta em ação. O elo de ligação entre fé e ação é o amor. [...] Fé inclui amor, amor vive na ação: nesse sentido a fé se realiza em obras”. Onde houver preocupação incondicional, ali também existe o desejo ardente de realizar essa preocupação. Preocupação – na significação original da palavra – inclui o desejo de agir.

O que se descreveu ao longo desse capítulo quase não veio acompanhado de exemplos e falas das vítimas da tragédia. Quase não pudemos ver seus rostos delineados entre as palavras. Não acreditei que fosse

possível explicar as lágrimas derramadas enquanto limpavam as suas próprias casas cobertas pela lama. Não encontrei maneiras de esclarecer, as orações feitas enquanto procuravam os corpos de seus parentes. Não achei plausível compreender as canções cantadas nas madrugadas pelos amigos que nunca foram encontrados sob os escombros. Não conseguia entender a insistência em remover as pedras das lavouras e tornar a cultivar uma terra aparentemente sem esperança. Mas, descobri através deste breve caminho, que existe um poder maior que o sofrimento e a morte, que opera na essência do homem e que o faz plantar flores sobre as ruínas, o faz transformar caos em jardim, que faz da saudade poesia e da poesia protesto. Porque o existir humano é ser responsável pelo futuro que se espera, numa esperança ativa, resiliente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje, dia 12 de janeiro de 2016, completam-se cinco anos desde a tragédia na região serrana do Rio de Janeiro. Antes de começar a escrever estas considerações finais, li numa mídia social uma declaração da Kétilla, adolescente citada nesse trabalho, que dizia,

É, hoje fazem 5 anos que Deus nos deu a chance de viver novamente. Agradeço todos os dias por ter deixado minha família toda comigo. Passamos por dificuldades sim, mas o Senhor é maior, nos ajudou a construir uma nova vida. Lembranças que nunca mais iremos esquecer das pessoas que se foram, pessoas maravilhosas, mas Deus sabe o que faz. #obrigadosenhora #tragediade2011

A lembrança da catástrofe permanece viva na vida das vítimas, mas grande parte dos que se comoveram, nos dias que sucederam o evento, sem serem afetados diretamente, não guardam na memória essa data. Outras tragédias aconteceram desde então, algumas devastaram países, como o tufão que atingiu as Filipinas em 2013.

Na análise que permeia o livro de Jon Sobrino (2007) os pobres são os que mais sofrem diante de fenômenos naturais como esses. Para comprovar isso basta comparar o tufão das Filipinas com os tornados que atingiram os EUA poucos dias depois. No primeiro caso ocorreram milhares de mortes, enquanto no segundo, o número oficial de fatalidades não chegou a dez. Se quisermos fazer a mesma comparação analisando os processos de reconstrução no pós-tragédia, podemos olhar o tsunami no Japão em 2011 ao lado do terremoto no Haiti em 2010. Perceberemos que na terra do Sol Nascente alguns meses foram suficientes para reconstrução de grande parte da infraestrutura do país, enquanto o Haiti ainda sofre com os efeitos do terremoto. Em termos sociológicos, esse seria um fator importante a ser considerado na compreensão das vítimas sobre as causas das mortes, mas, como vimos nessa pesquisa, causas são diferentes de razões e significados.

A minha hipótese é de que algumas constatações feitas nesse trabalho poderiam ser evidenciadas, também, se levássemos em consideração a diversidade de classes sociais, ou seja, se realizássemos a mesma pesquisa com vítimas de catástrofes naturais ocorridas em países ricos. Isso porque, o que de fato importa para a vítima de uma tragédia, é que ela tenha um sentido último que lhe fundamente, seja ele de caráter religioso ou não. Desse modo, a vida, apesar da dor e do sofrimento, é possível porque o sentido último é elemento constitutivo na essência do ser humano.

Sobre essa essência constitutiva definimos a religião, num sentido lato, e a percebemos expressa na linguagem humana, que por sua vez, revela a diversidade de visões de mundo existentes entre os indivíduos. Grande parte dessas cosmovisões reproduzem discursos presentes na comunidade de fé da qual o indivíduo participa, todavia, nessas diferentes linguagens encontramos símbolos comuns, que exprimem sonhos compartilhados pelas vítimas da tragédia. Esses sonhos não são ilusões, tampouco projeções humanas, são a verdade e realidade sobre a qual essas pessoas comprometem a própria vida.

Daí surgem as esperanças de um futuro melhor, um futuro que sobreponha as dificuldades presentes, as dores manifestas e as saudades latentes. Há uma certa nostalgia, motivada por uma aposta de que existe um lugar na eternidade, num outro tempo e espaço, onde todas as ausências sentidas no corpo serão satisfeitas. Pode-se dizer, portanto, que essa esperança é uma utopia, um “não-lugar” ou um lugar ainda não existente, um lugar ideal, representado pelo templo, ou pela montanha que remontam, desse modo, a um paraíso. Para os cristãos, essas verdades se manifestam no texto bíblico: “Pois nessa esperança fomos salvos. Mas esperança que se vê não é esperança. Quem espera por aquilo que está vendo? Mas, se esperamos o que ainda não vemos, aguardamo-lo pacientemente” (Romanos 8.24,25).

Entretanto, não se pode dizer que esses sonhos são fugas de uma realidade concreta, pelo contrário, são armas, protesto contra uma realidade que não deve ser, em detrimento desse paraíso-jardim ainda não encontrado, mas que já pode ser experimentado nas formas religiosas existentes.

É isso que permite ao indivíduo suportar qualquer circunstância, ainda que a mesma não tenha uma aparente explicação. É isso que torna possível ao homem transformar criativamente os aspectos negativos da vida em algo positivo e construtivo, tirando o melhor de cada situação. Um otimismo trágico que permite entender um sentido no sofrimento e também na morte, e apesar de tudo isso fazer da vítima da tragédia alguém melhor.

Desse modo, aqueles que sofreram na catástrofe, assumem com responsabilidade a tarefa de ser quem querem ser, encontrando sentido em cada ocasião. Novamente nos vale lembrar o texto bíblico e sua evidente expressão na vida dos moradores de Vieira: “se trabalhamos e lutamos é porque temos depositado a nossa esperança no Deus vivo, o Salvador de todos os homens, especialmente dos que creem”(1 Timóteo 4.10).

Assim, ainda que esteja condicionado biológica, sociológica ou psicologicamente, as condições não condicionam o homem inteiramente, ele é livre para escolher uma atitude apesar disso. O homem se determina a si mesmo, possui poder sobre si mesmo sem se escravizar pela natureza que lhe foi dada.

Situações como desastres naturais, são oportunidades de transformação de si mesmo, são um kairós, um tempo oportuno de intervenção divina na história humana, tomado pelo ensejo de fazer o bem e de deixar manifestar-se a qualidade de autotranscendência constituinte de cada ser humano. É a conjuntura perfeita para a distribuição dos dons recebidos e da manifestação do amor, aqui aparece novamente a religião, porque é ela que dará a palavra de esperança que produz ação, é ela poder no fundamento último de todo ser, o poder que impulsiona o ente para além de si em direção à reunião com a outra pessoa, e, em última análise, com o próprio fundamento do ser.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA SAGRADA. Antigo e Novo Testamento. Revista e corrigida. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

ALMEIDA, Edson Fernando; REZENDE, Jonas. Dores que nos transformam: Quando frágeis, então somos fortes. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

\_\_\_\_\_. Do viver apático ao viver simpático. Sofrimento e morte. São Paulo: Loyola, 2006.

ALVES, Rubem. A gestação do futuro. Campinas: Papirus, 1986.

\_\_\_\_\_. Cenas da vida. Campinas: Papirus, 2003

\_\_\_\_\_. Por uma teologia da Libertação. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

\_\_\_\_\_. Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação. São Paulo: Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. Filosofia da Ciência: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_. Gandhi: política dos gestos poéticos. 2. ed. São Paulo: FTD, 1994.

\_\_\_\_\_. O amor que acende a lua. Campinas: Papirus, 1999.

\_\_\_\_\_. O enigma da religião. Petrópolis: ed. Vozes, 1975.

\_\_\_\_\_. O que é religião. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

\_\_\_\_\_. O suspiro dos oprimidos. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

\_\_\_\_\_. Protestantismo e repressão. São Paulo: Ática, 1979.

\_\_\_\_\_. Variações sobre a vida e a morte. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

BECKER, Evaldo; BECKER, Michele Amorim. Contribuições de Rousseau ao Entendimento dos Desastres Socioambientais Contemporâneos. Revista Trans/Form/Ação, Marília, v. 37, n. 2, p. 111-126, maio - ago. 2014.

BERGER, Peter L. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

BOFF, Clodovis. O livro do sentido: crise e busca de sentido hoje (parte crítico-analítica), v. 1. São Paulo: Paulus, 2014.

BONINO, José Miguez. Rostos do protestantismo latino-americano. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria Nacional de defesa Civil. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres. Gestão de riscos e de desastres: contribuições da psicologia. Curso à distância. Florianópolis: CEPED, 2010. Disponível em: <[http://www.integracao.gov.br/c/document\\_library/get\\_file?uuid=8fa26fe8-d31a-4531-92ca-346e6c69867f&groupId=10157](http://www.integracao.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=8fa26fe8-d31a-4531-92ca-346e6c69867f&groupId=10157)>. Acesso em: 11 dez. 2014.

BRITO, Altair Gomes. Mito, Inconsciente, Memória, Imaginário: representações antigas e modernas sobre as montanhas. Anais do II Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER). Salvador, BA. 2007. Disponível em: <<http://www.neer.com.br/anais/NEER-2/trabalhos.html>>. Acesso em: 18 out. 2015.

CAMUS, Albert. O mito de Sísifo. 4. ed. Tradução de Ari Roitman e Paula Watch, Rio de Janeiro: Record, 2007.

CASSIRER, Ernst. Linguagem e Mito. 3 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

COELHO JUNIOR, Achilles Gonçalves; MAHFOUD, Miguel. As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: Distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl. Revista Psicologia USP, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 95 – 103. 2001.

CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA ARQUITETURA E AGRONOMIA DO



RIO DE JANEIRO. Relatório: Tragédia na Região Serrana após decorridos 6 meses. Disponível em: <[http://www.crea-rj.org.br/wp-content/uploads/2011/09/relatorio-tragedia-na-Regiao-Serrana-do-RJ-6-meses-depois\\_96DPI.pdf](http://www.crea-rj.org.br/wp-content/uploads/2011/09/relatorio-tragedia-na-Regiao-Serrana-do-RJ-6-meses-depois_96DPI.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2013.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira. Portal Batista. Disponível em: <[http://www.batistas.com/index.php?option=com\\_content&view=article&id=15](http://www.batistas.com/index.php?option=com_content&view=article&id=15)>. Acesso em: 05 de nov. 15.

DUPUY, Jean Pierre. Ainda há catástrofes naturais? Revista Análise Social, v. XLI (181). Lisboa. 2006.

EINSTEIN, Albert. Como vejo o mundo. Tradução de H. P. de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ELIADE, Mircea. Mito do eterno retorno. Tradução de José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.

\_\_\_\_\_. Mito e realidade. São Paulo: Perspectiva, 1972.

\_\_\_\_\_. Origens, história e sentido na religião. Tradução de Teresa Louro Perez. Lisboa: Edições 70, 1989.

\_\_\_\_\_. O Sagrado e o Profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

\_\_\_\_\_. Tratado de História das Religiões. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. A Identidade Batista e o “espírito” da Modernidade. Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Escola Superior de Teologia, v. 6, p. 15-28, jan.-abr. 2005.

FÉO, Roberto. R., Raízes de Teresópolis: Outras História e Outras Coisas 1500 – 2010. Teresópolis: Zem, 2010.

FERREIRA, Ismael de Vasconcelos. Neopentecostalização do pentecostalismo

clássico: Mudanças na concepção escatológica das Assembleias de Deus. Dissertação (mestrado acadêmico) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2014.

FONTOURA, Elaine Guedes. Sentido da Vida: vivências dos cuidados de enfermeiros à pessoa no processo de morte e morrer. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

FRAIFELD, Felipe; FREITAS, Marcelo M. Considerações geomorfológicas a respeito da corrida de massa do rio Vieira, Teresópolis-RJ. Revista do Departamento de Geografia da PUC-Rio. a. 5, n. 10, jan.-jun., p. 1-16, Rio de Janeiro, 2013.

FRANKL, Viktor E. A Presença ignorada de Deus. 10. ed. rev. Tradução de Walter O. Schulupp e Helga H. Reinhold. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2013a.

\_\_\_\_\_. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. Tradução de Walter O. Schulupp e Carlos C. Aveline. 34. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2013b.

\_\_\_\_\_. Psicoterapia e sentido da Vida: Fundamentos da logoterapia e análise existencial. 4.ed. Tradução de Alípio Maia de Castro. São Paulo: Quadrante, 2015.

\_\_\_\_\_. Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo. 11. ed. Tradução Victor Hugo Silveira Lapenta. Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2005.

FREUD, S. O futuro de uma ilusão: O mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927- 1937). v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GOLLARTE, Frei Paulo. Teresópolis Dimensões de uma Joia. Teresópolis: Lions Club de Teresópolis, 1966.

GONÇALVES, Alonso. Pós-modernidade e identidade: uma leitura dos desafios pós-modernos ao campo religioso batista e suas dificuldades dialógicas. Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Escola Superior

de Teologia, v. 21, p. 43-51, jan.-abr. 2010.

GROSS, Eduardo. O conceito de fé em Paull Tillich. In: Revista Eletrônica Correlatio v. 12, n. 23, 2013.

\_\_\_\_\_. Religião, Ontologia e Política na obra inicial de Paul Tillich. Numen, vol. 1, n. 1 – Revista de Estudos e Pesquisas da Religião. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, p. 165-187. 1998.

HOUAISS, A. e VILLAR, M. S. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. Sobre a morte e o morrer: o que os doentes têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LIMA, Maria Lima. Tragédia, risco e controlo: uma releitura psico-social dos testemunhos do terramoto de 1755. Revista Análise Social, v. XLIII (1.º), Lisboa, 2008.

LUKAS, Elisabeth. Logoterapia: a força desafiadora do espírito. Tradução José de Sá Porto. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

MADURO, Otto. Mapas para a festa: reflexões latino-americanas sobre a crise e o conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1994.

MAGALHÃES, Antonio; PORTELLA, Rodrigo. Expressões do sagrado: reflexões sobre o fenômeno religioso. Aparecida: Santuário, 2008.

MARIA, Ângela Vilhena; SOARES Afonso M. O mal. Como explicá-lo? São Paulo: Paulus, 2003.

MOLTMANN, Jürgen. Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Loyola, 2005.

MUELLER. Ênio Ronald. Entre a Religião e seu Conceito: Questões Fundamentais da Filosofia da Religião em Paul Tillich nos Anos 20. Numen: revista de estudos e

pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 9, n. 1, p. 11-41. 2006.

NETO, Valdir Barbosa Lima. Morte e sentido da vida: Tanatologia e Logoterapia, um diálogo ontológico. Revista Logos & Existência, 1(1), 38-49. 2012. Disponível em:<<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/le/article/view/12573/8044>> acesso em: 10 ago. 2015.

OLIVEIRA, Fabiano de Almeida. Reflexões críticas sobre weltanschauung: uma análise do processo de formação e compartilhamento de cosmovisões numa perspectiva teo-referente. In: Revista Fides Reformata, ano XIII, n.1, p.31-52, 2008.

OSCAR, João. História de Teresópolis: Síntese Cronológica. Teresópolis: Cromos, 1991.

PADEN, William E. O perspectivismo no estudo da religião. In: HUFF JUNIOR, Arnaldo Érico; RODRIGUES, Elisa (org.). Experiências e interpretações do sagrado. São Paulo: Paulinas, 2012.

PEREIRA, Luiz Antônio S. Falta de Planejamento Urbano e a Tragédia ‘Ambiental’ no verão de 2011 em Teresópolis – RJ. In: XII Simpósio Nacional de Geografia Urbana Ciência e Utopia: Por uma Geografia do Possível. 2011. Belo Horizonte. Disponível em: <<http://xiisimpurb2011.com.br/app/web/arq/trabalhos/8f2b39a8031af685e40899019202e4c3.pdf>>. Acesso em: 03 de maio de 2013.

PETER, Ricardo. Viktor Frankl: a antropologia como terapia. São Paulo: Paulus, 1999.

PIEPER, Frederico. Laicidade, escola e ensino religioso. Considerações a partir de Paul Ricoeur. Revista Estudos de Religião, v. 28, n. 2, p. 141-168, 2014.

\_\_\_\_\_. Sobre o conceito de religião. In: Religião e Linguagem: abordagens teóricas e multidisciplinares. NOGUEIRA, Paulo A. S. São Paulo: Paulus, 2015.

PINTO, Paulo M. Linguagem e religião: um jogo, de racionalidade, de identidade, de fundamentos. In: Revista de Estudos da Religião, São Paulo, ano 2, n.4, p.81-98,

2002.

QUEIROZ, José J. Deus e crenças religiosas no discurso filosófico pós-moderno: linguagem e religião. In: Revista de Estudos da religião. São Paulo, n. 2, p.1-23, 2006.

RAHAL, A. Osiris. Teresópolis 203 Anos de História. Rio de Janeiro: ed. Do autor, 1991.

RODRIGUES, Elisa. As Ciências Sociais da Religião como Ciências da Interpretação. Revista Estudos de Religião, v. 28, n. 1, p. 186-203, 2014.

SANTOS, Carlos. O Papel da Religiosidade na Ansiedade Face à Morte. Dissertação (Licenciado em Psicologia Clínica) Curso de Psicologia Clínica da Universidade Fernando Pessoa. Porto Alegre, 2009.

SARAMAGO. José. As intermitências da morte. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCHELER, M. A situação do homem no Cosmos. Lisboa: Texto & Grafia, 2008

SIMISCUKA. Mônica Império. O símbolo da noite no "Cancioneiro" de Fernando Pessoa. Dissertação (mestrado) – Universidade de São Paulo, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa, 2007.

SOBRINO. Jon. Onde está Deus? Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

TERESÓPOLIS. Prefeitura Municipal. Teresópolis: um pouco de história e turismo. Portal oficial. Disponível em: <<http://www.teresopolis.rj.web.br.com/teresopolis/>>. Acesso em: 03 de maio de 2013.

TILLICH, Paul. A era protestante. São Bernardo do Campo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1992.

\_\_\_\_\_. Dinâmica da fé. Trad. Walter O.Schlupp. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1985.

\_\_\_\_\_. Teologia da Cultura. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. Teologia Sistemática. 6. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Tractatus logico-philosophicus. Trad. José Arthur Giannotti. São Paulo: Editora Nacional, 1968.

## ANEXOS

### ANEXO A - ENTREVISTA DE JOÃO

Eu nasci em 16 de fevereiro de 35, tenho falado que 16 de fevereiro de 2015,

foram 80 anos né..., dentro desse tempo tenho umas datas muito importante, 80 anos que Deus já me permitiu na face da Terra de vida, tenho 68 e 6 meses de batizado, me batizei em 13 outubro de 46, pr. Assis Cabral, já temos 56 anos de casado, então, nascimento, batizado, casado, tudo dentro desse período de 16 de fevereiro de 35 a 16 de fevereiro de 2015, 80 anos de existência aqui na face da Terra que Deus me permitiu, se ele não permitir não tem jeito. Eu acho que 68 anos e também 6 meses de batizado, me batizei aos 11 anos, não é que eu vinha assistindo trabalho desse tempo em diante não, desde a idade de 5 anos, desde pequenininho eu vinha na Primeira Igreja do Pinhão, meus pais traziam ali, e quando nós viemos aqui para Vieira, para a congregação dessa igreja, eu sempre estive presente desde os 5 anos para cima, só me batizei aos 11 anos e 11 meses, desde que fui batizado nunca me afastei do evangelho, sempre assistindo escola bíblica dominical, todos os cultos, e é muito bom a gente estar sempre presente porque, pastor Ebenézer esteve presente aqui há dias falou, “muitas vezes tem um texto na Bíblia e vê ali um outro lendo e explicar e a gente mesmo lendo e voltando a ler parece que depois a gente meditando bem a gente vê coisas que não tinha visto antes, porque a Bíblia é fonte inesgotável”, você lê e testa ali, faz até um argumento ali, vai ler novamente, diz “ué, a respeito disso aqui eu não tinha lido, estava escrito isso aqui e eu não tinha lido ainda”, sempre tem alguma coisa para gente descobrir. Eu estava olhando aqui, um dicionário de John Davis, foi feito a mim uma pergunta a respeito de que esses quatrocentos anos, de umas Bíblias que tem essas quatro folhas em branco, não é todas que tem não. Quatrocentos anos de trevas, daí queriam que eu apresentasse um texto bíblico que falasse àquele respeito, eu disse, “nem tudo que aconteceu está escrito na Bíblia”, e ela se defende muito bem porque ela fala assim, nem tudo que Jesus fez está escrito, no mundo não caberia o tamanho do livro. É verdade, mas não consta na Bíblia, mas hoje eu não sei porque eu fui procurar uma coisa no dicionário, quando vi esbarrei com os quatrocentos anos, disse ué, aí é Gênesis capítulo quinze versículos doze e treze, quando Deus falou que a semente dele ia passar lá por outras terras que não era dele, o tempo que passava na escravidão né... Durou ali por uns quatrocentos anos, não dá explicação que é os quatrocentos anos de trevas, mas que estão ali os quatrocentos anos estão.

Mas então você acha que a gente convém um pouco né.... Porque as vezes, eu costumo dizer, a gente não vai falar tudo, a gente mesmo que passou pelo problema não vai falar tudo.

A gente nasceu na Boa Vista, e uns cinco que a gente veio aqui para o município de Teresópolis, graças a Deus estamos aí até hoje, que muitos consideram aqui um bom lugar né... porque tem gente que vem para aqui, gosta daqui e não quer mais sair daqui, e estamos aí e tudo fica no plano de Deus né... se nós vamos terminar os nossos dias aqui isso é ele quem sabe, nós não sabemos quanto tempo fica né... porque tudo está na direção de Deus. Segundo o pensamento da gente, a gente pensa que vai...

Meu nome é João, nasci aos 16 de fevereiro de 1935, lá na Boa vista, fui registrado em Aparecida, esta Aparecidinha aqui. Vim para Vieira, onde nós estamos no momento, com cinco anos de idade, e permaneço aqui até hoje, fui batizado aos 13 de outubro de 1946, o pastor que me batizou foi Francisco de Assis Cabral, fui membro na igreja aqui, depois me transferi para Conquista, e depois voltei, estou lembrado aqui na igreja, Primeira Igreja Batista em Vieira. Tenho 80 anos que Deus já me permitiu aqui na face da Terra de viver, tudo isso nós consideramos que são bênçãos que Deus tem permitido, tem concedido, e nós somos agradecidos a Deus



por isso. Oitenta anos de idade, temos sessenta e oito e seis meses de batizado sem afastamento do evangelho da palavra de Deus, tudo isso são bênçãos de Deus. Disse o apóstolo Paulo que, posso todas as coisas naquele que me fortalece, Filipenses quatro, treze diz isso, a gente pode todas as coisas naquele que nos fortalece que é o nosso Deus. Então, sou agradecido por essas datas, de nascimento, também de batizado, e me casei aos vinte e dois de janeiro de 1959, temos os nossos 56 anos de casados, temos os nossos filhos, são cinco filhos, duas filhas, três filhos, levamos todas à igreja, mas se membraram (sic) à igreja as duas filhas, os três filhos ainda não chegaram ao conhecimento. Nós estamos lutando para que eles também façam o que nós fizemos, uma escolha para estar ao lado de Cristo. Porque quem andar (estar) com Cristo aqui, tem a certeza de estar com ele na eternidade, do contrário não tem outro caminho, por que Ele quem disse: "Eu sou o caminho a verdade e a vida, ninguém vem ao pai senão por mim", só pela pessoa do senhor Jesus Cristo. Sou agradecido por todo este tempo, hoje já estou aposentado, pelo poder, pela graça de Deus, estou aqui com alguns probleminhas de saúde, mas nós não ficamos considerando isso, eu tenho observado e valorizado é as vitórias que diante das lutas e dos problemas Deus nos tem dado. Estou aqui, minha esposa está aqui ao lado, lembrada à Igreja Batista em Vieira também, somos um casal, ela tem os seus problemas, sofreu um acidente, mas estamos indo à igreja, estamos sempre presentes, para estarmos prestando o nosso culto de adoração ao nosso Deus porque só a ele nós somos devedores de prestarmos o culto. Diz a palavra que Deus é espírito e importa que os que o adoram, o adorem em espírito e em verdade, nós precisamos adorar o nosso Deus em fé, em espírito e em verdade.

Hoje aposentado, na idade de oitenta anos, ela setenta e quatro anos, mas estamos firmes na igreja para servir ao nosso Deus, ao nosso Senhor, e salvador Jesus Cristo. Sempre temos prazer de estarmos presentes, Salmos cento e vinte e dois, um, nos diz: "alegrei-me quando me disseram, vamos à casa do senhor", nós temos que termos alegria, para estarmos na casa do senhor para louvar, para cultuar o seu nome.

Eu trabalhei primeiramente quando ainda era novo, criança, trabalhei na lavoura, depois fui chamado para trabalhar no Hotel São Moritz, no jardim, trabalhei ali uns cinco anos, isto de cinquenta e sete a sessenta e dois, e no final de sessenta e dois apareceu uma vaga do DER (Departamento de Estradas de Rodagens), aí eu comecei a trabalhar no DER, na conserva de estradas, a estrada nossa aqui começando da Rio-Bahia, RJ-130, Teresópolis-Friburgo, aqui o km 36. Nós trabalhamos final de sessenta e dois, aposentando final de oitenta e oito. Trabalhei os trinta e seis anos, deixando as licenças prêmio, que eu tinha direito mas não tirei, deixei, quatro férias também, em acordo atendendo a ordem do engenheiro, eu deixei quatro férias na casa, então fiz meus trinta e seis anos de trabalho, graças a Deus ai estou, tenho recebido meu pagamento certinho, ultimamente passei a ser feitor de turma, tomei conta de turma, e trabalhamos aqui de Teresópolis a Friburgo, São José do Vale do Rio Preto, trabalhamos em Bom Jardim, Cachoeiras de Macacu, Amparo, a gente que é funcionário público, aonde há os problemas, a ordem é para a gente ir trabalhar, ir atender as necessidades. Então nós corremos todas estas localidades, sempre trabalhando, nunca perdi um dia, nenhum dos meus companheiros poderia dizer "vo hoje não veio ao trabalho porque está doente", porque Deus permitiu saúde, trabalhei todo esse tempo, nunca tirei uma ficha médica, nem atestado médico, porque Deus nos abençoou, nos guardou, fizemos o nosso tempo, perfeito, completo, durante este tempo. E... hoje já estou aposentado,

fizemos o nosso tempo certo, e esperamos no nosso Deus, enquanto ele nos permitir, de nós vivermos aqui... a gente quando está numa idade mais nova, fica achando tão difícil chegar a uma idade mais alta, mas quando chega, não acha que é tanto assim, a gente se acha feliz, e se Deus permitir, e sendo para honra e glória do nome dele... o apóstolo Paulo numa ocasião, disse ele que, vivia numa abertura, não sabia o que escolher, porque o viver para ele é Cristo, e eu também tenho que dizer o mesmo, viver para mim é Cristo, se for para a honra e glória do nome de Deus, ele permitindo, nos viveremos mais um tempo, e se ele achar por bem, que já está no tempo, assim nós temos que estar tranquilos, feliz, porque nós os cristãos, sabemos que o céu é muito melhor do que estarmos aqui. Aqui nós estamos preparando (sic), para poder viver com Cristo, na eternidade.

Eu desde garoto ainda, já fui apontado para estar assim a frente, junto das crianças, e a gente trabalho assim na direção, e tanto aqui nessa igreja em Vieira, como na Primeira Igreja Batista em Conquista, nós fomos aprovados e escolhidos para estarmos assim como professor na classe. Não que a gente sinta que tem capacidade, mas certamente foi Deus quem escolheu, e aprovou a gente trabalhar de professor. Hoje, aqui na Primeira Igreja Batista em Vieira, eu já fui consagrado diácono, sou professor da classe dos homens e também quando tenho oportunidade, eu as vezes em reuniões eu uso da palavra de Deus, para entregar a mensagem, não com profundezas, mas de acordo com o que Deus nos permite. Palavra de Deus diz que quando formos a frente, não ficarmos assim apreensivos, do que aquilo que devemos falar, porque na mesma hora o Espírito Santo coloca em nossa mente e em nossa boca tudo aquilo que havemos de falar, então nós ficamos despreocupados, entregamos a nossa vida nas mãos do senhor, e com isto ele nos dá a capacidade... diz que as vezes ele não chama capacitados, mas capacita os seus escolhidos, para falar e fazer a sua vontade, nós temos tido esta oportunidade, trabalhar a frente de uma classe. Já fomos tesoureiro na igreja, na Primeira Igreja Batista em Conquista, hoje sou tesoureiro na organização da Sociedade dos Homens Batistas aqui na igreja, então sou professor da classe, tesoureiro da organização dos homens, diácono, mas tudo isso nós deixamos nas mãos de Deus, para que ele nos ajude a vencer, e realizar a sua obra como deve ser feito aqui na face da Terra.

Nós, no dia onze de janeiro de 2011, o tempo estava chuvoso, a MCA da Igreja Batista em Conquista completa aniversário no dia onze de janeiro... foi realizado ali um culto pela MCA, Mulheres Cristãs em Ação, e nós fomos ali, eu e a minha esposa, fomos no culto ali, voltamos dali depois de terminado o culto na igreja uma hora um pouco tarde, talvez umas onze horas, viemos de Conquista até aqui em Vieira, uma distância de uns doze quilômetros, e chovendo muito, chegamos em casa nós deitamos e a chuva continuou. Lá pela madrugada a coisa apertou mais um pouco, trovões fortes, e a gente escutava muito barulho, quando aquela água veio, que caiu lá em cima, nas cabeceiras da onde nós moramos aqui, nas cabeceiras de Vieira, e água foi tanta que rolou aquelas grandes pedras, aquilo fazia tanto barulho que eu deitado na cama ficava pensando que fosse granizo que tivesse caindo de um tamanho muito grande, ficava pensando assim, parece que estas pedras que estão caindo vão cair na casa e vão chegar embaixo, mas eram as pedras se chocando umas com as outras, do lado de fora onde as águas estavam passando... naquele momento a minha esposa quis levantar, levantou, veio na porta da cozinha olhar o nosso filho que morava numa casa que ficava abaixo da nossa, ficava por baixo. Ela viu o menino, nosso filho, tirando, tirando um animalzinho, uma cachorrinha que estava numa casinha, depois ele contou para nós, que a

cachorrinha já era velha, nem estava mais latindo, mas naquela noite ele escutou, fazendo alvoroço, e foi ver as águas que estavam chegando na casa da cachorrinha. Aí minha esposa vendo ele lá, mas o barulho era tanto que ela não pode nem chamar nem dizer nada para ele. Fechou a porta e foi para porta da sala, quando ela abriu a porta, chegou uma cabeça d'água que veio arrastando, trazendo ela novamente pela mesma porta que ela tinha estado primeiro, ela tem problemas de varizes, problemas nas pernas, ela veio se escorando pela parede a fora e água trazendo ela, e graças a Deus porque ela foi se agarrando pela parede e não caiu, senão poderia ter morrido, mas não caiu e começou a me chamar, eu demorei um pouquinho a levantar porque eu pensei, ela está com medo por causa da chuva, o barulho, mas aí eu joguei as cobertas assim pra um lado, quando joguei os pés para descer da cama, bati com os pés dentro da d'água, "água aqui dentro de casa, o que é isso?" Aí perguntei a ela, "Onde você está?" ela disse, "eu estou cá próximo da varanda"; e eu comecei a andar pela água, já tinha dado aqueles dois estouros, e a luz acabou, ficou tudo escuro... eu saí na água, a água na cintura, esbarrei com alguma coisa na minha frente, e fiquei pensando "ô que será isto?"; era a geladeira que tinha tombado, eu levei a mão, encontrei os pezinhos da geladeira, falei assim, "isso é a geladeira"; encostei ela para um lado assim, o lugar era um pouco apertado, dei a mão a minha esposa e viemos indo para o quarto, quarto que nós dormíamos, ali tinha entrado uma árvore dentro de casa, nós ficamos naquele ponto mais alto, em cima daquela arvorezinha, não era muito grande, mas de um certo tamanho regular, ficamos em cima e ela começou a pensar no filho, e a nora e os filhinhos que moravam embaixo da casa nossa, a filha que morava assim ao lado e o genro e o neto, ela "ah nossos filhos"; ela pensando "nessa altura aqui, nós com água na cintura, e quem está numa casa debaixo da nossa?"; eu disse para ela é que, "nossos filhos nós deixamos para lá, não podemos pensar naqueles que estão lá fora, eu se for agora, se for o plano de Deus eu estou preparado, posso ir agora que estou preparado"; falei assim, "vamos recitar o Salmo vinte e três"; eu tenho muitos textos na bíblia decorados, convidei ela e disse, "vamos recitar aqui só nós dois nesta casa, recitar esse salmo em alta voz e depois também nós vamos orar em voz alta"; aí recitamos o salmo, "O senhor é meu pastor e nada me faltará, deitar me faz em verdes pastos, guia-me mansamente pelas águas tranquilas, refrigera a minha alma, guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome, ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo, a tua vara e o teu cajado me consolam, preparas uma mesa perante mim, na presença dos meus inimigos, unges a minha cabeça com óleo e o meu cálice transborda, certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida e habitarei na casa do senhor por longos dias"; recitamos assim esse salmo eu e ela, e oramos ali em voz alta... no mês antes, que era dezembro, eu tinha dado uma lanterna para o meu filho e não demorou dez minutos, para que ele que morava na casa abaixo da nossa, acendeu aquela lanterna iluminando a nossa casa e perguntando, "como vocês estão aí?"; eu disse, "nós estamos aqui com a água na cintura, já tremendo de frio"; ele com o menino dele no colo, a sua esposa com a menininha no colo, o menininho chama-se Luiz Henrique e a menina Maria Cecília, e a tia da esposa do meu filho morava assim pra cima um pouquinho, ele disse, "nós vamos levar as crianças ali e voltamos aqui para socorrer vocês"; aí ele levou as crianças e nós ficamos ali aguardando e quando ele veio, já vieram alguns vizinhos nossos com ele, arrebentaram a porta, entraram e tiraram nós dali, nós saímos dali, eu no momento... ele falou com os colegas dele que tinha vindo nos socorrer, para não dizer que as duas casas ao lado a água já tinha levado. Era a casa de um

vizinho muito bom, chamava-se Francisco, e a sua esposa Andréa, e um menininho de três anos chamado Filipe, muito bom o rapaz, membro da igreja aqui, se converteu quando nós convidamos para ele estar num aniversário da nossa organização dos homens, ele e a esposa vieram ao culto e se converteram, e eu considerei ele sempre como um filho na fé, e ele dizia para mim, o pai dele já tinha falecido, ele falava assim ‘eu considero mesmo o senhor como meu pai’, eu considero porque o apóstolo Paulo, considerava Timóteo seu filho na fé, e como ele se converteu pelo convite que eu fiz a ele para vir ao culto ali na igreja, considerava ele filho na fé, e ele me dizia, ‘eu o considero como um pai porque sempre que eu dependo de alguma coisa aqui o senhor sempre tem atendido, sempre tem nos ajudado’, eu até não falo isso para exaltação minha, mas estou contando porque ele falou... nós nunca devemos ficar exaltados pelos elogios que são feitos a nós, nós temos que deixar a Deus toda a honra e toda a glória, mas ele dizia isto... então a casa dele foi-se, ele também, a esposa e o menino, esta casa caiu na casa de baixo, onde morava a minha filha, meu genro e meu neto... meu neto tinha vindo do mesmo culto que nós voltamos, ele tocava guitarra, ele lá cantou hinos para louvor do nome de Deus, tocando a sua guitarra, e nós ficamos em momentos pensando assim, talvez alguém pense, nós vindo de um culto, um acontecimento deste, mas Deus permitiu que tal acontecesse, nós somos agradecidos porque Deus nos segurou ali, alguém disse para a gente, ‘talvez vocês ficaram porque Deus ainda tem alguma coisa para vocês ter que testemunhar, ter que falar, e dali para cá que já se completaram os quatro anos, nós tendo oportunidade, nós anunciamos a palavra de Deus, nós temos que testemunhar do nome de Deus. Nós não olhamos os altos e baixos que passamos na nossa vida, que as vezes não está a nosso gosto, nós olhamos é que nós diante de tudo isso vencemos, e vencemos porquê? Porque Deus veio com seu poder, a sua misericórdia, nos guardando, nos amparando, para que vencêssemos tudo isso e estarmos aqui para testemunhar da pessoa do senhor Jesus Cristo... falar desse evangelho que o apóstolo Paulo disse nos Romanos um, dezesseis, ‘porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois ele é o poder de Deus para a salvação de tantos e de todos quantos nele crer’, então sendo assim, nós agradecemos a Deus, somos felizes porque, passaram todos estes problemas ali, mas nós aqui estamos para falar do evangelho, para falarmos de Jesus Cristo... e da tragédia isso nós temos a contar, porque ficamos na casa do vizinho o restante da madrugada, porque este acontecimento foi em janeiro, onze de janeiro de 2011, e no dia 12 quando o dia clareou que nós descemos vendo o que tinha acontecido aqui no nosso lugar, para as pessoas aqui quem viu, a Vieira se acabou, ônibus só vinha até ali embaixo no posto de gasolina próximo do cemitério e o meio aqui não podia o ônibus passar porque a rua se acabou, hoje já está tudo reformado, porque cada um fazendo a sua parte fez a Vieira voltar ao seu normal ou quem sabe melhor do que era antes na ocasião da tragédia... mas nós ficamos vendo que isso é a mão de Deus, nós saímos dali, e logo naquele dia um dos vizinhos me franqueou a sua casa, ‘senhor João, minha casa é grande, o senhor pode vir para aqui que nós vamos dividir a casa, o senhor fica aqui’, eu aceitei a proposta dele e fiquei aguardando né... meu genro que mora em Teresópolis, lá no Jardim dos Feos, também dividia lá sua casa para nós irmos para ali, mas não era plano meu ir para lá, mas com estas duas propostas eu vim consultar a esposa que tinha estas franquias para nós, ela preferiu vir para a casa da Cássia que é aqui próximo da onde eu estou morando, mas tudo isto estava na direção de Deus, porque nós viemos para ali, ficamos ali no dia doze de janeiro de 2011 até o dia vinte, porque o vizinho aqui, um senhor que é da igreja Casa de Oração, franqueou a sua casa para

que nós ficássemos ali até a certar a nossa situação e disse ele, que pagava aluguel, “você não vão pensar em aluguel, o aluguel de vocês é eu que vou continuar pagando” e pagou, falou assim, “não quero que corra com a construção da casa para vocês”, porque nós estando na casa da Cássia que é nossa irmã na fé em Cristo, o Silvo Gomes, que é dono da propriedade aqui falou assim, “senhor João, se o senhor quiser você pode aterrar esse local aqui, essa piscina e fazer uma casinha aqui para o senhor, nós desse mundo não levamos nada, eu dou o localzinho para o senhor construir”. Eu no momento, a gente estava assim no ar, eu não disse nem que aceitava nem que eu rejeitava, fiquei quieto. Pastor Silas Celestino Damázio que é o pastor da Primeira Igreja Batista aqui em Vieira disse que um grupo lá de Vila Valqueira queria construir uma casa assim para alguém que tivesse perdido e ele deu o meu nome, disse “eles querem vir construir a casa, e terminar ela nos três dias de carnaval”, mas aí o tempo choveu muito ele foram até uma certa altura, mas tinha uma cota de despesa para fazer a casa, lá em Santa Catarina eles fizeram muitas casas, mas lá as tábuas de madeira eram baratas, fazia uma casa não precisando de um gasto tão grande, mas o caso é que aqui a coisa é diferente, aqui se fosse querer fazer de tábua o transporte das tábuas ficaria muito caro então achou por bem fazer assim em tijolos conforme são as obras feitas aqui. Levaram até certa altura e Deus abençoe de que com ajuda de alguém e com o esforço nosso nós terminamos a casinha, estamos morando aqui, agradecemos a Deus por isto, e chegou ao término nós estávamos com tudo pago certinho, a certa altura da metade do valor na direção do pastor Lívio esta casa foi levantada até o leiro e nós com a graça de Deus terminamos. Quando nós viemos para aqui alguém falou assim, eu tinha perdido um carro que eu tinha que foi embora nas águas, um fusca bem conservado, oitenta e três que eu gostava muito, alguém falou assim, “mas Deus vai abençoar de o senhor possuir um outro carro” e eu falei assim “Deus já abençoou” não sabendo que eu já tinha a importância que dava para possuir um carro, tudo isto concedido por Deus. Eu sei que desse tempo que a gente é lembrado a igreja, sempre fui fiel no dízimo a igreja e a palavra de Deus diz “trazei todos os dízimos à casa do tesouro” está lá em Malaquias capítulo três, “trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento em minha casa” e diz, “faizei prova de mim, se eu não vou derramar chuvas de bênçãos” e Deus tem derramado, eu tenho reconhecido isto, chuvas de bênçãos nas nossa vidas, hoje estou nesta casa, aqui concedida pelo poder de Deus, tenho meu carrinho novamente, e porquê? Porque Deus permitiu.

No caso, passamos pelo momento da tragédia, muito difícil, perdemos a nossa filha com cinquenta e um anos de idade, o nosso genro, meu neto que ia completar vinte e dois anos, todos lembrados a igreja, servindo ao Senhor, sabemos que eles estão bem, eles estão na presença do Senhor, porque dormiram no Senhor e... depois da tragédia, nós ainda... se na tragédia nós estávamos voltando de um culto, alguém poderia pensar, “mas voltando de um culto um acontecimento deste”, mas a gente tem que em tudo dar graças a Deus, porque se as vezes nós não estivéssemos fazendo a vontade do Senhor, poderíamos termos ido e assim ele nos poupou, ele nos deixou, para vivermos o que ele permitir na face da Terra. Depois nós, em 2012, nós fomos convidados para um culto, ali tinham poucos membros da igreja, eu pedi aqui a minha esposa Zulmira para fazer a direção do culto e eu entregaria a mensagem da palavra de Deus, ela dirigiu o culto eu usei da palavra, quando nós viemos, na rua, no asfalto, na RJ 130, ela sofreu o acidente, o carro atropelou, quebrou uma das pernas em dois lugares, talvez que alguém dissesse, “mas vindo de um culto?”, nós demos graças a Deus, porque vindo de um culto ela

sofreu um acidente, mas está com vida aqui, não morreu, talvez se não estivéssemos voltando de um culto poderia ser um caso fatal, mas aí ela está, também para testemunhar Jesus Cristo, falar do evangelho, em tudo isto nós somos agradecidos a Deus, ela está com dois anos e pouco do acidente, mas está se recuperando, nós esperamos em Deus a recuperação completa. No momento quando eu vi, aquela fratura exposta, a perna quebrada em dois lugares, passei a mão na cabeça dela e disse, “você confia no Senhor”, ela disse, “sim eu confio no Senhor”, eu disse “Deus têm nos dado vitória e vai conceder mais essa vitória” e ela foi socorrida, fomos ao hospital das clínicas em Teresópolis, ali ela foi atendida e o médico disse que a pressão dela veio a seis, esteve pelas pontas, mas, foi aplicado quatro bolsas de sangue nela e o médico disse depois que o sangue dela e a pressão já estava normal, isto porque nós confiamos em Deus, e quem confia no Senhor, nas dificuldades serão removidas.

Foi muito difícil a gente ver as casas que eu já falei, ali destruídas, a nossa a gente olhando ali, não queimou nenhuma lâmpada, então fica vendo, é a mão de Deus, que segurou, e a casa hoje está novamente podendo ser usada, temos um morador morando ali, e nós olhamos assim depois de tanta dificuldade, porque no dia da tragédia a gente foi descendo aqui para a pracinha de Vieira em frente aqui ao Hotel São Moritz já tinha dois corpos ali a beira rua coberto com um pano, e eu não sei, eu não tenho como explicar como ou porque que eu fiz... passei por aqueles cadáveres e eu não se importei de ver e saber quem eram aqueles que ali estavam... sabendo que os vizinhos tinham saído, minha filha, genro e neto, eu não me preocupei, meu plano era ir mais à frente, perguntando ao senhor da casa onde eu passei o restante da noite, perguntei a ele assim, “encontraram mais alguns corpos ai para baixo?”, como se eu soubesse ou tivesse visto que aqueles ali não eram dos nossos, ele me respondeu assim, “ah senhor João, se o senhor não tem força, não tem coragem eu peço para o senhor não voltar daqui”, e quando ele disse essas palavras eu logo falei assim, “ó que é que aconteceu então? O que é que apareceu”, logo vi que era alguém da família, porque que eu não importei com aqueles dois corpos que estava ali, queria ir mais à frente? Ele me disse assim, “olha, ali embaixo no hortifrúti, a sua filha está ali, foi encontrada, já está ali”, eu disse “eu vou lá para ver”, até o momento eu estava indo, não vou dizer sozinho porque eu creio que Deus estava comigo, mas aí o rapaz que estava ao meu lado falou assim, “eu vou com você”, e foi descendo junto, chegando lá, alguém informou que era aquela que estava assim e ele logo me perguntou se podia destapar para eu ver o rosto... eu sentido aquela dificuldade, aquele problema disse, “não, aguenta um pouquinho”, até Deus me permitir uma força, fui indo e disse, “pode destapar”, destapou e eu vi... não vi nela machucado, parecia que ela estava tendo um sorriso, vi ela assim, e voltando, e vindo aqui para a casa aonde eu vim, porque antes eu disse que havias as franquias para a gente ir para a casa do vizinho, ir para a casa do meu genro e da minha filha, mas procurando saber dela (a esposa), escolheu ficar na casa aqui, próximo da onde estamos, estava no plano de Deus. Porque vindo para aqui, esse senhor que eu já disse me franquiou a casa dele para nós ficarmos ali e ficando ali em junho a casa que já estava pronta nós entregamos a casa dele e viemos para aqui... e são bênçãos de Deus também aquele grupo lá de Vila Valqueire se franquear para levantar essa casa, não fizeram até o final, mas se não dá o início, nós talvez não fizéssemos, mas vendo ela iniciada nós terminamos e na ocasião nossa localidade foi muito bem atendida. Deus usa muitas pessoas, aqui chegaram muitos alimentos, chegou roupa, chegou calçado, chegou remédio, então nós diante dos problemas, mas tudo isso veio para nós ficarmos sendo socorridos diante de

tudo isso. Com alimentação, roupa, calçado, remédio, para vencer não só nós aqui, mas todo o povo desta localidade, foram atendidos, foram socorridos, e é por isso que nós estamos aí, diante de tudo isto eu no dia do acontecimento eu disse para alguém que isto para mim não é uma surpresa, isto são as profecias da palavra de Deus que estão se cumprindo, quando alguém quis saber da volta, da vinda de Jesus Cristo, ele falou a respeito destes sinais que aconteceriam: peste, fome, terremoto, guerra, não em todos os lugares mas em vários lugares, eu falei assim, “isto é uma profecia que está se cumprindo, fazer um despertamento naqueles que ainda não tem Deus como seu Deus, para verem que está se cumprindo uma profecia. E daí para cá eu só fico confirmando, conferindo como estas profecias de que o senhor Jesus Cristo disse dos sinais, como tem se cumprido, e quanta gente que as vezes diante de tudo isto ainda não teme a Deus, não vê que se Deus quiser, se ele permitir isto aqui acaba tudo de um momento para o outro. Estes acontecimentos são só para que aqueles que nele confia tenham fé, mas que confiem mais, e aqueles que ainda não fizeram a decisão ao lado de Cristo, que possam ser despertados, isto são coisas que aconteceram, estão acontecendo, nenhuma palavra das profecias cairá por terra, aquelas que não se cumpriram ainda não de se cumprir. A palavra de Deus não falha, ‘passarão os céus e a terra, mas as minhas palavras não hão de passar.’”

A gente sempre ouve de alguém, que numa ocasião dessa... já ouvi alguém dizer que Deus até não existe, senão umas coisas dessas não aconteceriam, mas se elas não acontecessem como se cumpriram as palavras das profecias, elas têm que acontecer. Daí para cá de vez em quando você ouve falar que em São Paulo, Santa Catarina, agora parece que Bahia... quantos lugares por aí a fora os vulcões que têm acontecido, quantas pessoas têm morrido... as pessoas são marginais também, que tiram a vida de uma pessoa e para ele aquilo não é nada, porque não tem o temor de Deus. Então continua, quantas pessoas que não recebendo aquelas bênçãos que eles desejam das mãos de Deus, ferem a pessoa de Deus dizendo “Onde está Deus?”. Certa ocasião, uma mãe, membro aqui da igreja, seu filho não era, ele perdeu o filhinho dele e a mãe dele sempre pedindo orações e ele chegou ao ponto de dizer, ‘Onde está esse Deus da senhora, que meu filho morreu, a senhora pede oração e ele morreu’... eu lendo ‘O Manancial’, no outro dia eu fui ler O Manancial e encontrei uma leitura, um comentário justamente a resposta certa para aquele momento... diz que alguém fez uma pergunta a um pastor quando seu filho morreu ‘Onde Deus estava que não atendeu, que não o livrou?’ e no Manancial estava lá um comentário, ‘Deus, quando o filho daquele homem morreu, ele estava no mesmo lugar de quando ele perdeu seu filho Jesus’ então se Deus perdeu seu filho Jesus, um de nós aqui não vai perder o nosso filho, então... as pessoas parece que estavam duvidando do poder de Deus, só queriam as bênçãos vindas de Deus, e estes altos e baixos que Jesus disse que no mundo tereis aflições, as vezes não acreditam e pensam que não pode acontecer... mas são altos e baixos que são aqui deste mundo e que nós temos que passar por eles.

[Ivo pediu para cantar um hino com a esposa, segue a letra do mesmo]

Eu tenho certeza, que no céu vou morar / Com meu mestre querido, que vem me buscar / Eu estou preparado, para quando subir / De todo pecado, já me arrependi.

Vem já meu amigo / Aceita a Jesus / Por nossos pecados / Morreu lá na cruz.

Aceita ele agora, não duvides da luz / Cristo vem sem demora, levar sua cruz /

Dá o teu coração, a Jesus que morreu / Para dar salvação, a quem nele crer.

Assim como meu pai nós somos quatro irmãos, três irmãs e eu. Todos os quatro membros da igreja, a Ida minha irmã é declamadora de poesias... a que morreu com 68 anos, a Ilza cantava bonito, Deus a levou e a gente se conforma nisto. E agora eu e a Zulmira tínhamos prazer nos filhos, eles três por enquanto não quiseram nada com o evangelho... tem um que está muito envolvido ainda com o catolicismo. Talvez por estarem naquela esperança ali, eu acredito que um dia vai ser despertado, porque as vezes pensa assim que... estando bem-intencionado lá, que vai se salvar lá... Mas o meu pensamento é que passar por uma transformação ele não fica lá, ele vai procurar o lugar dele. O salmo não fala que "os pecadores não permanecem na congregação dos justos", por que estão fora do lugar, se um se converter ele vai procurar o que é certo, porque eu não estou aí para acusar nenhuma denominação, agora vejo que a salvação é só para aquele que reconhece o estado de pecado, se arrepende e aceita Jesus Cristo... não aceitando Jesus Cristo não tem jeito de salvação... e lá estão tendo isto? Maria foi usada por Deus para ser mãe aqui neste mundo dele, mas depois lá na festa de casamento, nas bodas de Caná da Galiléia o que ela disse foi "fazeri tudo quanto ele disser", não o que ela mandasse não. E lá estão tendo ela como mediadora entre Deus e o homem, mas o mediador entre Deus e o homem é Jesus Cristo homem, dá a mão ao pecador e dá a mão a Deus, ele é quem pode reconciliar o pecador com Deus. Ele está lá bem entrosado lá, ultimamente a direção do catolicismo deixa a gente pensando que aqueles que estão mais cuidadosos estão procurando fazer muito. Descobri que o apóstolo Paulo também perseguiu muito os cristãos, mas ele fazia aquilo como se tivesse fazendo uma coisa boa, de bem, mas no dia em que ele descobriu Jesus Cristo, tudo que ele fazia antes ficou como esterco, eu até penso que hoje nós temos que procurar alguma coisa que valha menos do que o esterco, porque naquele tempo a terra era forte, talvez o esterco não tinha valor nenhum, hoje o esterco está ficando muito caro porque as terras estão fracas, não é?! Ele considerou o esterco como se fosse algo que não valia nada, nós temos que ver uma coisa que seja mais barata que esterco.



## ANEXO B - ENTREVISTA DE ANA

Meu nome é Ana, nasci no dia 02 do oito de setenta, nasci num lar cristão, eu louvo e agradeço a Deus pela vida dos meus pais que passaram por muitas lutas, muitas dificuldades, mas graças a Deus são um exemplo, guerreiros, e eu louvo a Deus pela vida deles. Mas eu não me converti quando criança, ou jovem, eu me converti depois de um momento muito difícil da minha vida, quando eu me casei e fiquei viúva com 25 anos, me casei com 17 fiquei viúva com 25, dois filhos pequenos. Então nesse momento, logo após isso é que eu me converti. E sempre passando por muitas provações, mas com certeza recebendo também muitas vitórias. Ao longo da minha vida aconteceram muitas coisas que eu tenho certeza que em todo instante da minha vida é o Senhor que estava me guiando, segurando nas minhas mãos, e eu sei que quando a gente é escolhida do Senhor a gente passa por muitas coisas e a vezes gente não entende, e o senhor permite as vezes que a gente passe por alguma situação para gente tomar uma posição diante de Deus. E neste momento de dor, depois com os meus filhos pequenos quando fiquei viúva foi que eu me converti, que os meus pais já eram evangélicos, meu pai esteve até desviado um período, mas aí no dia que eu aceitei, que eu me rendi nos pés do Senhor, meu pai que estava desviado voltou, minha irmã também, e hoje eu louvo a Deus porque meu pai é diácono, minha mãe é diaconisa na casa do Senhor. Somos uma família grande, unida, e eu glorifico a Deus porque é muito importante a gente ter uma família unida nos momentos difíceis.

E foi passando e aconteceram muitas situações difíceis na minha vida, mas eu me converti, na Assembleia de Deus, e desde quando me converti, passei por muitos momentos difíceis, momentos mesmo assim... de muita dor, muita dificuldade, mas o Senhor estava sempre do meu lado segurando as minhas mãos, e eu tenho certeza, porque a palavra do Senhor diz que ele prova a quem ele ama, e se eu passei por isso, se o Senhor permitiu eu reconheço o amor dele por mim, e eu sei que grandes coisas o Senhor tem para fazer ainda na minha vida e na vida da minha família...

Quando aconteceu esse momento da tragédia eu estava também numa situação muito difícil, porque quando eu fiquei viúva passou-se um tempo e eu me casei de novo, e quando a gente estava bem, de repente, depois de treze anos... a gente teve uma filha, a Vitória, e depois de treze anos ele também foi embora e abandonou a gente, e eu estava passando por um momento muito difícil de tristeza na minha vida, e Deus do meu lado, e eu seguindo, trabalhava na lavoura, tinha as minhas plantações. Fui eu com minha filha... os meus dois filhos, o John Lenon já era casado... fiquei cuidando da lavoura, de tudo e muito angustiada, muito triste, mas nunca deixei de ir para a casa do Senhor, nunca deixei de buscar o meu Deus, porque eu sabia que eu estava passando por aquilo, mas ele estava comigo...

Na noite que aconteceu a tragédia já ia fazer cinco meses que meu ex-marido tinha ido embora e a minha filha desde quando ele foi embora passou a dormir comigo, meu filho mais velho descia com meu irmão, trabalhava lá para baixo no mercado e meu filho mais velho estava em casa, John Lenon estava na casa dele, com a esposa dele, porque ele já tinha casado e a casinha dele era perto da minha. E no dia, amanheceu na terça-feira chovendo muito, e eu não fui para a roça e eu comecei a organizar as minhas coisas, eu estava trabalhando muito na roça sozinha e muitas coisas para fazer... e naquele dia amanheceu chovendo e eu não pude ir para a lavoura eu comecei a organizar minha casa, guarda-roupas... desde quando meu ex-marido foi embora tinham ficado tudo as coisas, fui trocar as roupas e colocar as coisas da minha filha no guarda-roupas, arrumei as coisinhas dela e ela

dormia junto comigo... e naquele dia era o aniversário da minha sobrinha e eu fui à tarde na casa dela, e quando ela tinha me convidado, disse que ela ia fazer um culto de ação de graças pelo aniversário dela, e eu fui para lá para a casa da minha irmã em Bonsucesso, e chegando lá... aí a minha irmã tinha feito bolo, tinha mais uns amigos da minha sobrinha lá, e acabou ela indo no culto e eu iria no culto, se eu tivesse ido no culto eu iria ficar na casa dela, mas como não teve o culto, eu fui lá a vi, participei um pouco lá da festinha dela e voltei para casa e a minha filha Vitória queria ficar e eu falei, “não minha família, vamos, vamos com mamãe que a gente vai na igreja”, porque ela ia para casa da tia dela lá no Rio e ia ficar uns dias longe de mim, e eu falei para ela “vamos minha filha na igreja com a mamãe porque depois você vai ficar um porção de dia sem ir na igreja com mamãe”, e ela não queria vir embora, queria ficar lá.. aí a gente veio embora eu fiquei direto na igreja, porque nas terças-feiras é estudo bíblico e oração e eu vim de lá da casa da minha irmã e fiquei na igreja... a gente tira um período de oração de joelhos... e eu fiquei um tempo ali na igreja, depois terminou o culto e a gente veio embora, eu e a minha filha. Cheguei em casa fui arrumar alguma coisa, meu filho estava com minha nora e um irmão da igreja até assando uma carninha lá na varanda e eles queriam que eu participasse, eu falei “não, eu já comi na casa da minha irmã”, fui deitar... e começou a chover, meu filho foi embora, fechou a porta, e a gente deitou, fomos dormir normal eu e a minha filha, e de repente de madrugada eu acordei com um barulho muito grande, barulho que a gente não tem explicação, e eu gritei para a minha filha, “Vitória, vamos orar pelo amor de Deus”, minha reação quando eu escutei o barulho e gritei, “Vitória, vamos orar pelo amor de Deus”, e nisso a minha filha acordou e aí eu já tinha decido da cama, eu estava entre a cama e a parede, aí já tinha entrado água de barro nos meus pés, eu gritei “Vitória vamos sair de casa que está entrando água dentro de casa”, aí ela falou assim, “mãe eu estou sem roupa”, eu nem vi, ela sentiu calor, ela tinha tirado a roupa e estava só de calcinha e quando ela falou, “mãe eu estou pelada”, eu cheguei a ir nos pés da cama e colocar as minhas duas mãos na colcha porque a minha intenção era enrolar ela e sair com ela, porque eu vi aquela água dentro de casa, eu nunca imaginava que era o que estava acontecendo... e de repente quando eu coloquei as duas mãos na colcha para eu enrolar minha filha e sair... aí tinha luz, estava tudo direitinho ainda, só estava aquele barulheiro parecia que estava tremendo, e de repente já veio tudo e me carregou sem a minha filha... não dava para entender nada, a gente não entende nada, não dá tempo de nada, eu sei que quando eu que quando eu agarrei a colcha, porque a minha intenção era enrolar minha filha, já veio tudo e me carregou sem minha filha e eu indo embora e batendo em coisas e eu tentava segurar em alguma coisa para ver se eu parava e não conseguia, na mente eu ficava pedindo “misericórdia” pra salvar minha filha, “Senhor, salva a minha filha”, assim na minha mente... e eu indo embora. E de repente há uma distância boa da minha casa, o Senhor me colocou por trás de uma pedra e quando o Senhor me colocou ali atrás daquela pedra, muitos relâmpagos, vento, aquela tempestade, no meio da água e minha filha chegou encostou em mim e falou “mãe”, e quando ela chegou e encostou em mim, eu peguei ela no colo, ela só de calcinha, ela tinha 11 anos, e ela só de calcinha eu peguei ela no colo e fiquei contra a pedra com uma perna no chão e a outra encostada na pedra com a minha filha nos meus braços. E ali a gente gritava, eu pedia socorro, e eu pedia a Deus, e orando com a minha filha no colo, a minha filha tremia muito, e ela “mãe eu não vou conseguir”, eu falei, “não minha filha, clame a Deus que Ele vai te aquecer, nós vamos sair daqui” e com a minha filha nos braços eu gritava muito o nome da minha vizinha, porque ela morava do outro lado

do rio e com os relâmpagos eu via que a casa dela estava de pé, eu gritava “dona Luzia socorro, socorro” e gritava e naquele momento veio na minha mente aquela palavra de quando o Senhor estava no barco com seus discípulos e houve aquela grande tempestade, e eu com a minha filha nos braços, eu ergui minha mão, com uma mão segurando minha filha, com a outra mão eu comecei a clamar ao senhor, eu falei, “Senhor eu creio, eu tenho certeza que o Senhor está aqui, e que o senhor vai tirar a gente dessa situação” e a minha filha orando também... ali na pedra a gente deve ter ficado mais de meia hora, naquela situação naquela pedra. Essa pedra onde o senhor me colocou, era para baixo da casa do meu filho, e Deus não fez o meu filho entender que era eu que estava pedindo socorro, porque se ele soubesse que era eu ele ia tentar ir me ajudar... fazer alguma coisa... e água poderia ter carregado ele. Meu filho disse que quando ele escutou aquele barulho, que ele levantou, antes de ele abrir a porta já vinha tudo e arrancou a porta, entrando toco, pedaço de pau, as coisas para dentro de casa, minha nora ficou desesperada, minha nora queria sair pela água e ele agarrou nela e ficaram no esteio da varanda, orando e ele disse que veio como se fosse aquela onda na maior altura e abriu para eles passarem e eles conseguiram ir para a casa do vizinho e ele chegou na casa do vizinho desesperado, dizendo “minha mãe não está mais lá, a casa da minha mãe não tem nada lá, foi tudo embora” e o vizinho achou que ele estava nervoso, que não era aquilo que tinha acontecido, deu água com açúcar para eles, deu uma roupa para eles. E quando eles foram ver, realmente viram que minha casa não tinha mais nada no lugar e meu filho ficou desesperado, nessa hora ainda tinha linha no telefone e ele conseguiu ligar para o irmão lá em Bonsucesso. Quando meu irmão tentou vir já não tinha mais caminho, ele ligou para outro irmão que mora em outras terras já não tinha mais caminho, e eles ficaram lá naquela agonia... porque todo mundo pensou que eu e minha filha tinha ido embora, mas o senhor nos colocou ali naquela pedra e eu creio que ele nos pegou no colo, e ali naquela pedra eu fiquei com a minha filha... uma coisa importante assim que a oração da gente nunca é em vão, a gente tem que orar e orar, e a palavra de Deus diz que a gente tem que orar sem cessar.

E eu naquele momento difícil que estava passando, antes da tragédia, quando eu estava me recuperando daquela perda, do meu esposo ter ido embora, e eu ia para a roça, ia para lavoura, levantava cedo... e poucos dias antes de acontecer a tragédia eu estava ali atrás daquela pedra, arrancando coentro, seis e pouca da manhã, porque eu levantava cedinho para ir para a roça, e ali eu começava a falar com o senhor, chorava, minhas lágrimas caíam por ali, e eu começava a falar um versículo, assim na mente e de repente eu estava falando alto e ali eu orava... falava com Deus naquele momento de tristeza por trás daquela pedra e no dia que aconteceu essa tragédia o senhor me colocou ali atrás daquela pedra eu pude ver que a minha oração não foi em vão, o senhor olhou a minha lágrima e permitiu que acontecesse isso, várias pessoas foram embora, tinha minha vizinha lá, irmã Aparecida, irmão Devanir, que são um casal abençoado, morava numa casinha que era no meu quintal, e eles foram tudo embora e eu fiquei muito triste, mais do que eu perder tudo, da minha casa não ficou um tijolo no chão, ficou só o alicerce do muro, não ficou nada, nada, e o senhor me colocou ali naquela pedra e colocou a minha filha junto comigo. Porque não tem outra explicação... o milagre maior foi de Deus me colocar ali e colocar a minha filha na minha mão, porque na hora que me carregou sem ela... não tem outra explicação, porque ela fala, ela falou com a minha cunhada na época, porque eu sou assim, eu falo eu choro, sempre comentei aonde eu vou, e falei com meu Deus que aonde eu fosse eu tivesse a oportunidade e iria

contar meu testemunho do que ele fez na minha vida... mas minha filha não, ela nunca gostou de falar sobre isso... mas eu falo para todo mundo, eu conto, eu choro... mas a minha filha falou com a minha cunhada, logo nos dias que aconteceu, que parecia que ela estava flutuando e ela não engoliu uma gota d'água, minha filha não engoliu uma gota d'água... eu creio que foi o próprio Deus que levou ela nas mãos e colocou junto de mim... porque como que no meio daquela tempestade toda que carregou ela e ela chega, botar a mão em mim e falar "mãe"...

Quando eu consegui ir para a casa, de um casal abençoado, o irmão já até partiu para o senhor, Sr. Dedeu, e a dona Júlia... quando eu consegui sair da pedra eu fui para casa deles que era do lado e quando eu cheguei na casa da dona Júlia.. ela escutou eu gritando socorro mas não sabia nem que era eu, ou o que que estava acontecendo. Quando eu e minha filha chegamos lá, quando eu consegui sair dessa pedra e atravessamos ainda com água na cintura, eu consegui sair da pedra e andando lá para a casa da dona Júlia e ela foi tentar pegar água para poder tira a lama que a gente estava que era lama pura e quando ela abriu a torneira não tinha nada. E ela foi dar toalha, roupa, para mim e para minha filha... minha filha tremendo e até então não sabia nem que eu estava machucada, porque na hora a gente não sente nem dor, depois que eu fui me aquecendo e começou a me dar ânsia de vômito e eu colocava lama para fora e eu comecei a sentir dor e aí que eu fui ver que estava machucada, fiquei com o peito todo ralado, tudo roxo, fiquei bem machucada... Mesmo naquela situação o senhor me deu força, depois que ela me agasalhou, eu dobrei meu joelho e eu comecei a orar, o senhor ainda me deu assim uma preocupação com as outras pessoas e eu comecei a lembrar dos irmãos que moravam perto do rio, que tiveram outros irmãos também que passaram por momentos difíceis, irmão Luiz, irmão Francisco... e eu comecei a orar pedindo misericórdia, eu não sabia do meu filho, até então não sabia que ele estava bem, aí de repente chegou o vizinho lá na casa da dona Júlia e falou "graças a Deus que vocês estão aqui, porque..." foi falando o nome das pessoas que tinham ido embora, irmã Aparecida, irmão Devanir, a Cleuza, uma senhora que morava na minha casa lá e sua filha que também foi embora e que o corpo não foi achado, e ele falou "graças a Deus que vocês estão aqui" e eu falei "é John Lennon meu filho?"; aí ele falou, "não, John Lennon está bem, John Lennon está na casa de Marcinho"; porque ele tinha ido na casa da vizinha, aí foram lá avisar, aí chegou todo mundo para a casa da dona Júlia, meu filho, minha nora, a vizinha Marcinha, a Patricia, todo mundo chegou lá e fazendo aquela gritaria... e essa Marcinha, ela não era serva do senhor e na hora que ela me viu ela me abraçou chorando e caiu de joelhos no chão com as mãos para cima agradecendo a Deus porque tinha sido um milagre... Isso foi realmente para as pessoas verem, que eu estou aqui porque o meu Deus quis, o meu Deus fez esse milagre... Foi assim um momento muito difícil de dor e eu ficava pensando... Nessa irmã Aparecida e no irmão Devanir, não tinha muito tempo que eles moravam comigo na minha casinha, quando meu esposo foi embora ela ficou com muita pena de mim porque ela via as lutas que eu passava, as dificuldades e ela tentava me ajudar no que podia e eu ficava com pena de receber o aluguel dela mas eu precisava... e no momento eu ficava só pensando neles e eu falava "senhor, o que que aconteceu"... Pensando se eles tinham visto aquilo na hora que aconteceu, se ela viu os filhos indo embora... agonia... e eu ficava assim pensando, mais do que ter perdido tudo, eu fiquei sem nenhuma peça de roupa, sem nada mesmo, sem um tijolo no chão da minha casa, mas eu fiquei com a minha filha nos meus braços, meu filho e a minha nora ficaram bem, meu filho mais velho também não estava em casa e não aconteceu, mas muitas pessoas foram embora. Quando meu irmão conseguiu

chegar ali para me pegar para me levar para o hospital, já era no outro dia, depois de meio dia e eu bem machucada, aí fui para o hospital, tomei uns medicamentos e fiquei na casa da minha irmã em Bonsucesso, porque na casa dos meus pais ficou sem caminho, sem luz e eu fiquei na casa da minha irmã Viviane em Bonsucesso, que é a sogra do Diego e devo ficado um mês na casa dela e depois eu fui morar com os meus pais.

Naquele momento de dor, de tristeza, mas eu nunca deixei de adorar ao senhor, nunca murmurei, nem fiquei pensando por causa de casa... eu sei que a minha família é uma benção, glorifico a Deus pela vida do meu pai e da minha mãe... muitas lutas... nós somos dez irmãos, cinco homens e cinco mulheres, e é uma vitória muito grande a gente ver uma família assim reunida e graças a Deus tudo a gente está reunido, nos momentos bons e também nos momentos difíceis a gente está sempre unido. Quando eu fui para a casa dos meus pais eu fiquei lá morando com eles um ano e pouco. Sempre orava e pedia a Deus, "senhor, eu sei que o senhor é o dono do ouro e da prata e eu sei que o senhor pode até enviar alguém para me dar uma casa, mas eu tenho toda certeza senhor"... eu tinha vontade de ter minha casinha, com minhas coisas que eu tinha, a gente é pobre, casa humilde, mas tudo direitinho, não me faltava nada... de repente a gente se pegar sem nada, sem nenhuma peça de roupa para vestir, sem nada, depender de ajuda de tudo, sem ter de onde tirar. Mas glorifico a Deus porque tem pessoas boas que estão dispostas a ajudar... Fiquei morando com meu pai e minha mãe, meu cantinho lá junto com eles, e sempre íamos para a casa do senhor confiando. Eu falava "senhor eu sei que o senhor é o dono do ouro e da prata e pode até enviar alguém para me dar uma casa, mas se eu não tiver a oportunidade de ter minha casa novamente aqui, eu sei que lá na glória eu tenho uma preparada. E de repente, o terreno onde eu morava era meu mesmo e apareceu um comprador, só ficou pedra e eu não tinha condições de fazer nada, também nem queria fazer nada, e de repente apareceu um comprador, meus filhos quiseram vender e a gente vendeu. E eu orando, orando e pedindo a Deus uma casa. Meu dizia que eu podia construir lá, mas no meu coração eu não tinha o desejo de construir a minha casa lá na casa do meu pai. E sempre orando e pedindo ao senhor. Quando foi um dia eu estava na igreja e teve um momento de oração e um irmão lá da igreja perguntou se alguém queria ir na frente para receber oração e eu fui lá na frente para receber a oração, foram outros irmãos e depois quando terminou a oração eu voltei para o meu lugar o irmão Elizeu falou assim, "há hora da oração eu vi a irmã Ana aqui na frente trazendo uma chave para orar," e eu na mesma hora no meu coração eu falei "oh glória, é a minha casa, a chave da minha casa." Mas como o senhor conhece a nossa necessidade e ele sabe o que é melhor para gente... no meu coração eu tinha o desejo da minha casa, mas o senhor sabia que estava com dificuldades de ir para a igreja, que eu só podia vir se tivesse carona, porque é aqui na praça cruzeiro a igreja e eu estava morando nas Contendas, e eu só podia vir se tivesse carona, as vezes com meu cunhado, o carro cheio, não tinha como eu vir, quando eu vinha, tinha que vir toda apertada com minha filha no colo. E naquele dia quando o irmão falou da chave eu glorifiquei a Deus e falei "oh glória, é a chave da minha casa" e a minha filha disse que na mesma hora ela pensou isso, que era a casa, mas Deus sabe o que é melhor para gente. Eu tinha uma causa na justiça, há muitos ano que meu ex-marido tinha colocado, por causa de um carro que a gente tinha comprado e esse carro estava no meu nome, esse processo tinha muitos anos, eu nem lembrava mais disso e quando não tinha nem quinze dias que o irmão tinha falado dessa chave, que ia levar uma chave para orar, o advogado ligou para mim e disse que eu tinha ganhado a causa. E o meu sobrinho queria

vender um carro. Nesse dia que o irmão Elizeu falou da chave, meu sobrinho balançou a chave do carro e falou assim “aqui oh, pode ser essa chave, se tu quiser pode levar até agora”, eu virei para ele e falei assim “mas eu vou ganhar, não vou comprar, eu vou ganhar, se Deus mandar, então tu vai ter que me dar” falei assim, isso dentro da igreja. E fomo embora, não demorou quinze dias que aconteceu isso o advogado ligou para mim e disse que eu tinha ganhado uma causa. Esse meu sobrinho queria vender o carro por oito mil e quinhentos e o advogado disse que eu tinha ganhado seis e quinhentos, quando eu cheguei lá no advogado não era seis e quinhentos era sete e quinhentos e ele queria vender o carro por oito e quinhentos. Eu ganhei os sete quinhentos lá e os outros mil meu irmão me deu, e eu levei a chave desse Gol para o irmão orar, é esse Gol branco que está aqui. Eu entendi assim, que Deus achou melhor ele me dar o carro primeiro porque eu estava morando com a minha mãe e estava tendo dificuldades para vir a igreja. E o senhor providenciou o carro, eu ganhei o carro e logo depois o senhor providenciou... porque eu falava que se fosse para eu construir a minha casa eu falava assim, “pode ser simplesinha, mas eu quero dois quartos, sala, cozinho, banheiro e pode ser pequenininha, mas eu quero uma varanda na porta da cozinha e uma varanda na porta da sala” e olha como a minha casa é hoje, ela ainda não é forrada, mas em nome de Jesus eu creio que Deus vai prover. E eu sei que eu só tenho a agradecer a Deus porque o que Deus fez na minha vida mudou a minha história, restituiu tudo. Como você está vendo hoje, tenho a minha casinha e foi Deus que me deu, Deus me deu tudo, Deus me deu o carro... as vezes a gente vê na televisão as pessoas testemunharem, “porque ele me deu carro, me deu casa” e as vezes a gente nem acredita, mas eu posso dizer que Deus me deu, me deu o carro essa casinha que é uma benção para a glória e honra do senhor e Deus também me deu um esposo abençoado, uma benção na minha vida, a gente se casou na igreja, todo mundo ajudou, tem o álbum de fotos aí, porque no meu primeiro casamento eu tinha casado somente no cartório, onze horas da manhã tinha ido de volta para casa, então era aquele sonho não eh?! De casar na igreja, de colocar um vestido, depois disso Deus mudou minha história, minha vida, meu esposo, que é uma benção na minha vida, meus filhos... e eu só tenho a agradecer a Deus, porque com toda a certeza... tem até um louvor que diz “quando uma porta se fecha aqui, outra se abre ali” e eu creio, creio que Deus me deu o melhor do que eu tinha antes... com toda sinceridade do meu coração, antes de acontecer isso, a minha casa... essa de hoje só não é forrada mas é melhor do que a que eu tinha, eu tenho o meu carrinho... para dizer a verdade, até as coisas de casas, toalha de banho, essas coisas assim, eu quando lavava tinha que secar no mesmo dia, porque eu não mais do que uma para cada um... se lavasse e não secasse eu não tinha mais uma para cada um para pegar, hoje graças a Deus eu tenho, tenho guardado e posso até ajudar as pessoas, na medida que eu posso... só tenho a agradecer a Deus, porque Deus restituiu, mudou a minha história e aonde eu vou, já dei esse testemunho em vários lugares, várias igrejas e eu sei que se eu estou aqui foi por que Deus quis. Eu sei que as vezes com toda a falha que a gente tem, por mais que a gente agradeça e louve, a gente sabe que é falho e eu sei que sou muito falha e pequenina diante do senhor, mas eu sei que ele é misericordioso e eu sei que se ele fez isso na minha vida é porque ele tem algo ainda para ser realizado aqui... para eu ajudar outras pessoas, eu não sei... eu sempre falo “senhor, eis-me aqui, seja feita a tua vontade na minha vida” porque as vezes a gente entrega algo nas mãos do senhor e a gente quer a nossa vontade, mas temos deixar que seja feita a vontade de Deus e eu tenho toda certeza que a minha família é abençoada minha filha... sempre vejo meus irmãos que ainda não

aceitaram a Jesus, mas eu creio que é promessa do senhor e eu creio que no momento certo eles vão vir para a casa do senhor.

Todo mundo se espelha e falam da minha fé, do que Deus fez na minha vida, do que aconteceu e o senhor ter me colocado de pé... eu nunca deixei de ir na igreja, as vezes eu chegava na igreja, dobrava meu joelho e só chorava, só chorava e não conseguia falar nada, mas Deus sabia que eu não estava chorando de tristeza, eu estava chorando porque eu sou muito chorona, as vezes eu choro se estiver contente... quando eu vou orar eu choro, tudo eu estou chorando. Meu irmãos, sempre eu vou na casa deles, a gente sempre reunidos, as vezes eles pedem para eu orar, porque eles creem, eles sabem o que Deus fez na minha vida... hoje minha filha tem quinze anos, é uma bênção, agora quer se batizar e eu glorifico a Deus por tudo, porque eu passei por esses momentos difíceis assim... e tenho certeza que em todo segundo da minha vida o senhor estava segurando as minhas mãos e continua segurando, não só na minha vida, mas na vida dos meus irmãos, da minha filha, Deus tem feito muitas coisas que eu posso dizer que são milagres... meu filho mais velho já sofreu um acidente e quando eu cheguei no hospital ele já estava no hospital e a minha família, a minha cunhada e a minha irmã chorando e eu perguntei se ele estava muito machucado e elas só sacudiu a cabeça e eu ali no hospital das Clínicas de Teresópolis, eu dobrei o meu joelho no meio da rua num banquinho e eu fui falar com o senhor porque ele estava operando a cabeça e eu falei "senhor, eu sei que eu não posso entrar lá, mas eu sei que o senhor pode, eu sei que o que eu não posso fazer o senhor vai fazer" e eu continuei orando e só queria falar com o senhor naquele momento... e graças a Deus na vida do meu filho foi um milagre, porque ele operou a cabeça, tomou trinta e três pontos e está bem ai. E eu louvo a Deus porque eu sei que foi... o meu irmão mesmo falou que na hora que eu estava de joelhos no meio da rua lá orando que eles estavam tudo no cantinho lá e na hora que eles falaram isso comigo, que eu cheguei lá e não podia entrar, não tinha notícia, não tinha nada e eles falaram que eles estava mal e o que eu pude fazer foi dobrar meu joelho e pedir ao senhor, porque eu não podia entrar lá eu não podia ver ele, mas o meu Deus eu tenho certeza que fez isso, e na hora que estava orando ali depois meu irmão falou que ele viu uma mão operando o meu filho, e Deus fez esse milagre, o médico mesmo falou, ele não ficou com sequela nenhuma, nem cicatriz quase não aparece... hoje ele está afastado do senhor, mas eu creio que ele é um escolhido do senhor e eu creio que em nome de Jesus eu vou ver ele na casa do senhor, adorando ao senhor e eu sei que o senhor tem cuidado, se o senhor deu esse livramento, fez esse milagre na vida do John Lennon também, meu outro filho, que já caiu de moto também e ficou muito ruim, tinha que operar o rosto dos dois lados e também Deus operou... e eu só tenho a agradecer a Deus por tudo que ele já fez na minha vida... é só bênção...

Pergunta: e você na época da tragédia viu, ou ouviu de alguma pessoa que ficou com raiva de Deus? E o que você pensa sobre isso?

Tem gente que parece que ficou mais revoltado, ao invés de melhorar ficou mais revoltado. Tem essa menina que é minha vizinha ela é filha dessa moça que morava na minha casa e que foi embora, o corpo que nem foi achado Ela é assim problemática, meio depressiva, e teve uma época que ela estava indo na nossa igreja, ela estava junto com a irmã dela, cantava e depois parou de ir, e a pouco ela andou conversando comigo e eu perguntei porque, e ela disse... eu creio que isso é coisa do inimigo que colocou na mente dela isso, porque ela falou que não adiantava ir na igreja nada porque "se Deus fosse tão bom assim não tinha feito isso com a mãe dela e com a irmã"... a gente não entende o porquê... que nem essa irmã

Aparecida que morava na minha casa, que para mim era uma benção, serva do senhor, o esposo também e os dois filhos, o Igor e o Natan e eles foram embora... e eu não sei explicar... se Deus fez esse milagre na minha vida e eles foram, eu não sei explicar o porquê, mas as coisas de Deus não são para a gente entender mesmo, então não tem explicação... eu sei que tem gente que murmura ainda contra Deus, mas eu sei que a minha vida, eu já ouvi várias pessoas dizerem que eu estou aqui por um milagre... então se eu estou por um milagre, então é porque Deus é verdadeiramente um milagre... A gente não tem explicação, eu sei que eu estou aqui por um milagre e eu sei que tudo foi Deus, porque sem Deus o que que a gente é? É nada. Tudo está na mão dele, é ele quem faz tudo. Que a gente possa só ter o desejo no coração de glorificar a Deus a todo instante, não importa a circunstância, mas adorar a ele acima de tudo, porque é a melhor coisa que a gente faz na vida é entregar a nossa vida, as nossas causas na mão do senhor e deixar ele agir.



## ANEXO C - ENTREVISTA DE MARIANA

Pergunta (P): Como você veio morar em Vieira? E a sua Família?

MARIANA: Meus pais eram de lá para o lado dos Frades, depois eles se mudaram para o Cruzeiro, a gente morava lá, mas trabalhava aqui, eu trabalhava com ele, na lavoura, e hoje continuo trabalhando na lavoura.

P: Onde você estava no dia da catástrofe?

MARIANA: Estava nesta casa do lado (bairro de Vieira, Teresópolis).

P: Você perdeu alguma coisa material?

MARIANA: Perdi minha casa, algumas coisas na lavoura, as coisas de molhar, cano, muitos materiais que a gente tinha comprado também para tratar, porque janeiro é época da gente plantar. A gente tinha material comprado, sementes estas coisas pra semear... É, foi isso.

P: E familiares?

MARIANA: Ah... Parente já foi mais doloroso, é... Parentes foram... Quatro mais Luiz... Seis. Seis pessoas aqui de Vieira. Minhas sobrinhas, meu sogro e minha cunhada. No caso, meus três sobrinhos, minha cunhada, e meu sogro e Luiz.

P: Você acredita em Deus?

MARIANA: Creio

P: Frequenta alguma igreja?

MARIANA: Igreja batista

P: Há quanto tempo?

MARIANA: Oh. 8 anos, vai fazer 8 anos agora em julho.

P: Sobre a questão da chuva, da natureza, você crê que é Deus quem controla todas as coisas?

MARIANA: Eu acho que é. Acho que é Deus sim, porque às vezes vem um... Assim uma... Às vezes até uma tempestade muito forte, quando a gente clama ao Senhor, o Senhor... Sabe, ouve o nosso clamor, e já a catástrofe não era uma coisa que nós estávamos assim... Ninguém estava esperando por isso, mas a chuva eu acho que deve ser assim.

P: Você acha que na questão da catástrofe foi Deus?

MARIANA: Acho que Deus permitiu que isso acontecesse, eu acho. Por que na catástrofe pra você vê, foram pessoas que tem dinheiro, pessoas que não tem, outros por às vezes conseguir sair de uma casa, outros já ficaram na casa... Que nem lá no Junior, Junior estava na mesma casa, a família foi e ele ficou. Acho que a resposta só em Deus, só em Deus, a resposta só em Deus.

P: Por que, que ele permitiu que isso acontecesse?

MARIANA: Por quê? Não consigo explicar, por que Deus sabe todas as coisas, mas eu não consigo explicar por que Ele permitiu.

P: Mas você acha que ele poderia ter impedido isso?

MARIANA: Ele pode, Deus tem poder para impedir.

P: Sobre a questão da catástrofe, você conhece alguém que se salvou de alguma forma milagrosa?

MARIANA: Tem minha sogra ué, ela estava junto com meu sogro na enchente, quer dizer foi um milagre, que ela ficou agarrada naquele... Numa vara, num toco, foi um milagre ela ter escapado, pelo que tudo que ela passou, pelas águas, o cabelo dela... você vê que ela ficou sem uma peça de roupa, a água levou as roupas íntimas dela, ela só ficou com uma camiseta, o cabelo dela ficou tão cheio de lama que levou tempo para sair, você vê que ela morou comigo quatro meses ainda tinha aquelas coisas, aquelas poucas, mais ainda tinha, o cabelo dela ficou muito lameado, foi um milagre.

P: Conhece outras histórias?

MARIANA: Olha a Inaura também, mora aqui tão pertinho. A casa dela caiu, ficou presa embaixo daqueles escombros, saiu machucada ela e a filha dela, foi um milagre de Deus.

P: Você acha que foi Deus que poupou a vida dessas pessoas?

MARIANA: Acho, sabe por quê? Por que Deus não é o dono da vida? Ele sabe o momento certo e a hora certa, porque se nós soubéssemos a hora de nós morreremos, nós estávamos tudo louco. Não estaríamos? Acho que Deus sabe todas as coisas.

P: Por que que você acha que Deus poupou algumas pessoas e outras não?

MARIANA: Por quê? Olha não sei te explicar o porquê... Não sei explicar.

P: O que você pensou em relação a Deus na época da catástrofe? Qual foi o seu sentimento?

MARIANA: Deus foi um... Como se diz, o principal, porque o que nós passamos se nós não tivéssemos Jesus, nós não tínhamos como vencer, nós tínhamos entrado em depressão, acho que a gente tinha ficado até louco. Porque a gente estava trabalhando, no decorrer dos outros dias, chegava uma pessoa e falava, "ah encontrou uma pessoa"; a gente largava tudo e ia correndo, chegava lá e não era, não era os parentes da gente, e no dia que a gente também estava lá no cemitério enterrando a Tainá, minha sobrinha de 12 anos, aquele caminhão cheio de caixão, chovendo, a máquina fazendo buraco pra botar as pessoas. Gritavam, que tinha que sair correndo no meio daquela lama, pra saber onde é que estava a pessoa. Acho que Deus foi o principal na nossa vida, porque ai naquele desespero, não sabia quem... Onde estava, tinha que correr pra chegar naquele buraco, onde estava marcado, que não sabia onde as pessoas iam ser enterradas. Deus foi o principal na nossa vida.

P: Em momento nenhum você ficou com raiva ou frustrada com Deus?

MARIANA: Não, não fiquei não, não fiquei mesmo, de coração, não fiquei.

P: Mas conhece alguém que tenha tido esse sentimento?

MARIANA: Muitas pessoas, eu vejo até alguns parentes blasfemaram contra Deus. Mas só que ai até no dia da chuva, deu uma reunião no meio da rua falei pra eles que não era assim, que a gente tem que ser mais humano um com o outro.

P: Blasfemaram em que sentido?

MARIANA: Questionar de Deus, porque Deus não fez. Quem somos nós para questionar? Eu entendo isso. Muitas pessoas questionaram, outras pessoas disseram que, quando veio isso aí... acho que é até o medo das pessoas.. Porque quando veio essa enchente, que vinha coisas do mal junto. Entende? Ai eu acho que as pessoas... No dia as pessoas falaram tudo, que não aceitaram o porquê. Muitos com saudades das pessoas que viram pela última vez. Igual Bebel minha prima, no inicio ela ficava perguntando "por quê? Por quê?" ai um dia eu falei com ela "Bebel a resposta só em Deus, nós vamos ter a resposta". Ai um dia ela estava tão transtornada que me chamou pra andar dentro do rio, a gente entrou dentro desse rio e começou a andar, tudo que ela achava... Achou um pedaço de coberta, achou que era o sobrinho dela, falei "Bebel não é"; achou um vestido, "ah é da minha cunhada"; falei "Bebel não é, não é dela"; que eu convivia mais com ela que Bebel. Ai um dia eu falei pra Bebel, "Bebel a gente tem que pedir primeiro a direção de Deus"; ai ela veio pra debaixo da árvore perto da casa dela, depois de muitos dias procurar, o irmão dela, ai ela falou "Senhor sei que num cai uma folha dessa árvore se o Senhor não permitir, mas Senhor, me ajuda que eu consiga encontrar meu irmão, achar, saber onde ele tá" eu acredito nisso, ela falou que a folha da árvore caiu, ela falou que aquele momento ali ela já começou a pensar diferente, quando foi no outro dia eles ligaram para ela, que tinha um corpo lá fora que parecia ser o irmão dela, ela correu lá atrás, enfrentou uma fila, atrás de documento, era o irmão dela, então Deus... Só pedir que Deus ajuda. E nesse dia ela falou comigo, "Mariana eu estava desesperada" acho que de tanto eu falar pra ela, "Deus é bom, vamos achar ele"; que já tinha achado todo mundo, só ficou ele, da família, só ficou ele pra ser encontrado. Até ali perto da casa dela. A folha da arvore realmente caiu, ai ela falou que "Deus falando que, ainda tem tempo não é?! D'Ele provar o amor d'Ele não é". Ai no outro dia eles ligaram para ela, que tinha achado o Luiz. Então, são vários... Eu penso de um jeito, ela já pensa de outro, a respeito de Deus, os ímpios pensam de outro jeito completamente diferente.

## ANEXO D - ENTREVISTA DE RAQUEL

P: A senhora pode contar um pouco da sua história? Como veio morar em Vieira? Sobre os seus pais?

Raquel: De onde eu vim... Morava em Volta do Pião, eu fui nascida e criada lá... Na verdade eu fui nascida e criada lá, depois que casei eu continuei, depois que eu fiquei viúva eu sai. Sai de lá de Volta do Pião, vim para cá, já estou com 18 anos aqui já, para esse lado de Vieira aqui. Ai eu andei em muitos lugares, porque com esse Paraíba [atual marido] ai não é?!... eu nunca parei, as vezes eu ficava num lugar um mês, dois meses, o patrão mandava ele embora. Ai eu sempre sofrendo quebrando cabeça com ele. Ai, morei nuns lugares muito longe de andar duas horas de viagem. Ai, teve uma vez que eu estava em Teresópolis, passou Maria e a mãe dela, dona Neca, eu estava na fila do banco até, ela me viu, cumprimentou, porque estava com um pouco de pressa nem parou, falou "ah a senhora está querendo morar num lugar mais perto?" eu falei, "ah se eu encontrar eu queria sim." Raquel, então vai lá, vai lá porque Mariana está precisando de gente, ela agora está na casinha dela, aquela que ela pagava de aluguel lá, e a outra eu acho que está vazia." eu vim logo no outro dia, eu vim no outro dia, chegando aqui, ai eu não achei ela, ai voltei, passei num dia, tornei voltar, ai chegando aqui a gente combinou de vir para cá, eu falei com ela, que antes de... eu já estava morando lá na casinha dela lá em cima, levei uma semana combinei com ela, mas na mesma semana eu vim, ai perguntei a ela "Mariana, este lugar aqui não tem perigo de nada não?" olhando aquelas pedreiras, aquelas pedras. Quem estava lá onde a casa era, ai eu olhava para os morros, era umas coisas meio esquisitas, eu nunca pensava que era uma coisa que estava bom para mim, sempre pensava, era uns negócios esquisitos, aqueles morros, aquelas pedreiras.

P: Era perto do rio?

RAQUEL: Não, era uma vala, um correquinho. Lá em baixo, ali perto da casa do Sr. Sérgio ali onde é que era perto, ali que parecia um córrego, mas lá em cima era uma vala, não era largo e fundo como era embaixo não, embaixo parecia um córrego mesmo. Ai eu falava com ela, "isso aqui não tem perigo? Nunca passou água?" ele disse, "não, morei ai desde o meu casamento e nunca tive problema com coisa de enxurrada d'água." Ai um dia passou uma enxurrada no meio da lavoura de dona Leonora, ai passou, estragou um bocado, passou tipo um rio, com uns 4 ou 5 metros de largura, ai ficou. Naqueles tempos de chuva eu olhava pela madrugada, uma noite triste, uma noite muito estranha, eu nunca me conformava com aquilo, ai eu sempre falava com a Mariana, "sabe que o tenho mesmo um pouquinho de medo daquele lugar, eu tive um sonho de um negócio assim diferente, eu vou falar mas... mas você não vai nem acreditar. Eu tive o sonho de uma enchente muito grande, carregando muita gente, muita casa, sabe que eu estou com medo disso" ela falou, "isso ai não é nada não" falei, "não mas eu tenho medo, a gente tem parente lá para longe, sei lá, as vezes, Deus livre a gente aqui, eu sei que aqui não vai ter nada disso, mas lá para longe, as vezes pode acontecer alguma coisa, e a gente não sabe dos parentes da gente, dos amigos" falei com ela assim... "Será? Deixa boba, esquece isso!" Foi dali uma semana aconteceu aquele negócio da tragédia, falei com ela que do jeito que eu sonhei aconteceu, do mesmo jeito. Ai eu fico até com medo de sonho hoje, eu tenho medo de sonhar, já três vezes que eu tenho sonho e deu certo... Ai eu fico com medo.

P: No dia que houve a enchente a senhora estava onde?

RAQUEL: Eu estava em casa mesmo, dentro de casa.

P: A senhora perdeu alguém da família ou alguma coisa?

RAQUEL: Eu perdi de dentro de casa... Eu perdi tudinho. Não deu para tirar nada, a gente teve que sair às correrias, mas com muita pressa, com muita rapidez, mas graças a Deus deu tempo de sair a família que estava.

P: Explica pra gente um pouco como foi?

RAQUEL: Olha, esse dia, eles foram deitar mais tarde, eu que deitava cedo. Por que trabalha o dia inteiro, pegava cedo, trabalhava o dia inteirinho, eu deitei mais cedo. Então era uma chuva fina, dessas que tem vindo ai. Aquela chuvinha. A hora que eles foram deitar, eles tinha deitado o que... Uns 15 minutos, não, acho que mais, meia hora uma hora acho que eles foram deitar, aqueles negócios de ver filme, deitava tarde, nesse dia nem sei se eles viram o filme todo ou se não viram. Assim que eles deitaram eu dormi, por que meu sono é um sono leve. Ai eu só escutei um estrondo muito forte. No primeiro estrondo forte que deu, eu dei um pulo da cama, me assustei, e levantei ainda gritei "vamos correr" para mim era uma árvore, tinha uma árvore grandona do lado da casa, eu "ñ, aquela árvore caiu", achei que estava ventando, caiu uma barreirinha da vala e derrubou ela. Ai eu levantei depressa falei "vamos correr" no que nós levantamos para correr a luz acabou, a parede já tinha caído, não sei se foi pedra ou pau que bateu e derrubou de repente, logo do lado do quarto que a gente estava dormindo. Só vi que a parede estava caída, porque deu um relâmpago, e a luz apagou, e o quarto já estava cheio d'água, aquele lameiro, aquele custo para sair, a gente no escuro, não sabia para onde ir, não sabia onde passar. Ai a porta do quarto, a casa dela lá era uma casa boa mesmo, tinham as portas direitinho, então a porta estava encosta assim, ai eu não sei o que caiu nela, eles saíram e eu ainda fiquei para trás, e o que caiu nela não voltava, ai eles deram o tempo de eles empurrar e eu ajudei empurrar, puxando de dentro para ela abrir, numa brechinha assim que eu passei pela porta, ai que falei "vamos correr", ai pulamos pela janela da sala, tinha uma mesa com cadeira na sala, a janela não era muito alta, mas a gente falava que era alto por que do terreno que era baixo, nós subimos na cadeira por que a janela era meio altinha, num dava para subir e pular, nós pulamos um atrás do outro, ai eu falei "vamos descer!" Paraíba "vamos subir, por que não vai dar tempo de nós chegar lá embaixo" e não ia dar mesmo não, se nós corrêssemos para baixo a água levava, ai subimos para cima, para casa do Tadeu. Ele ficou com nós lá.

P: E a senhora perdeu vizinhos?

RAQUEL: Vizinhos perdemos, porque tinha o pessoal de seu Sérgio tudo, Neinha que ela perdeu a filha, era tudo vizinho, foi bastante gente ali, só dali daquele localzinho foi umas oito pessoas, a mulher de Ezequias com os filhos.

P: A senhora acredita em Deus?

RAQUEL: Eu acredito.

P: A senhora frequenta alguma igreja?

RAQUEL: Eu frequento. A Universal, por enquanto, mas eu já falei que meu sonho não é aquela igreja, eu estou indo lá porque estou aprendendo, que eu não sei ler, e eles param para explicar muita coisa para as pessoas, ai eu estou ficando lá, mas meu sonho é a Assembléia... do reino de Deus. Eu vou ficar lá um tempo,

porque não é bom ficar, troca dali, troca daqui não. E eles explicam, eu estou aprendendo com eles algumas coisas, que eu não sei, a gente não sabe ler tem que aprender na cabeça.

P: A Senhora acha que Deus é quem controla a chuva, e a natureza?

RAQUEL: Eu acho que é. É Deus, eu acho não é?! Agora não sei como os outros acham, cada um acha uma coisa, mas eu creio que é Ele quem controla.

P: A Senhora acha que foi Deus que provocou essa enchente? Por que que a senhora acha que aconteceu isso?

RAQUEL: Ah, não foi Deus não, por que eu não sei, não sei nem explicar. Uns falam que foi Deus, que isso é uma prova d'Ele, que Ele existe. Ai sei lá, os outros as vezes culpam Deus, mas eu acho que... aconteceu por que tinha que acontecer, acho que não foi Deus não. [silêncio] Na verdade pode ser até Deus mesmo, para mostrar que ele existe mesmo, uma prova dele, pode ser isso também, a gente nunca fala certo, que nem eu estou falando, por que eu creio que não foi Ele, mas se a chuva vem do céu, vem de Deus, e essa água veio do céu, veio d'Ele, de Deus, pode não ser e pode ser d'Ele, mas eu acredito, então a gente tem que acreditar mais.

P: A senhora conhece alguém que foi salva de forma milagrosa?

RAQUEL: Teve muita gente que correu para se salvar e acabou indo, por que se tivesse ficado no lugar dele as vezes não ia.

P: No caso da senhora, você acha que foi milagre?

RAQUEL: É, eu acho sim.

P: A senhora acha que foi Deus quem poupou a vida da senhora?

RAQUEL: Eu acho que foi, foi Deus, por que ele poupa, Deus é forte, é milagroso, Ele livra as pessoas de todas as coisas, a gente tem que ter fé, por que gente sem fé ele não vai fazer nada pela pessoa, e foi Deus sim.

P: Entendendo que foi milagre e Deus salvou a vida da senhora, e as outras pessoas, por que Ele não poupou a vida das outras pessoas?

RAQUEL: Os outros falam... agora eu não sei, no meu pensamento, também eu acho que era isso, acho que era a hora das pessoas, mas quantas criancinhas inocentes, será que era a hora daquelas criancinhas? Moça e rapaz tudo novinho, é podia ter sido a hora deles, por que quando não é a hora mesmo Deus não tira a vida, por que Ele não tira a vida de ninguém mesmo, então, quem Ele não poupou é por que foi a hora deles mesmo, todo mundo fala, mas... ai a gente fica assim na dúvida, porque pode ser e pode não ser. A gente acaba falando errado também, a gente tem que ter fé, mas não deve falar tanta coisa que as vezes não é, mas a gente fala muita coisa que não é certa também.

P: Como ficou o sentimento da senhora em relação a Deus?

RAQUEL: Eu fiquei firme e forte com Ele. Pedi para dar força, para abrandar, e eu creio que Ele atendeu a muitos pedidos. Por que na hora do sufoco, Ele viu que tinha muitas pessoas pedindo e Ele deu livramento, então eu fiquei mais apegada com Deus dali pra frente, na hora também. Porque na hora muitos se lembram d'Ele se a pega n'Ele só na hora do sofrimento, do sufoco, mas eu foi na hora e cada dia mais que passa eu estou mais forte, mais firme com ele.

P: A senhora lembra de alguém que tenha ficado com raiva de Deus?

RAQUEL: Não lembro não, por que não é possível ter raiva não é?! Não tem como. Por que a volta d'Ele, a volta de Jesus está se aproximando, o que vem acontecendo, isso aí já é a volta d'Ele, por que Ele está se aproximando de nós já, então nós temos que se apegar mais a Ele, porque se nós não se apegarmos nós estamos perdidos nesse mundo. Tem que ser mais... ficar firme e forte, ficar atento, em Deus, em Deus não é?! Ficar atento às coisas que não deve, aí não. Ficar bem firme com Ele, porque sei que Ele que salva, que é o salvador das pessoas, então se a gente for atrás de coisas a não ser Deus, a gente não tem como nem tocar a vida pra frente mais, para tocar a vida para frente numa boa, tem que se apegar a Deus e com aquela fé, firme e forte, com aquela fé que Ele existe, que Ele é bom, nosso salvador e de todo mundo, livra de tudo e de todas as coisas, e cura também, a gente tem que ter toda a fé. Eu creio que Ele cura, eu creio porque Ele já fez alguns milagres e eu vi, então a gente tem que ter essa fé, que o poder d'Ele é forte.

## ANEXO E - ENTREVISTA DE ROSA

P: Você pode contar um pouco da sua história? Seus pais já eram daqui? Vieram de fora?

Rosa: Não, eles já eram daqui. Eles moravam aqui, mas com 12 ou 13 anos eu fui embora, nós fomos lá pro Rio Grande, lá para o lado de Conquista (Friburgo). Ai vivemos uns 20 anos lá, morando lá, praticamente as filhas tudo casaram lá. Depois de um bom tempo que eu vim para cá de novo, por que eu tinha vontade, eu nasci aqui e sempre tinha vontade, sempre falava que ia para Vieira de novo. Eu acho que é coisa de sangue, por que nasci aqui não é!? Foi assim, não era casada ainda, aconteceu de sair do haras lá onde trabalhava, tivemos que sair, entregar a casa, ai viemos morar aqui de novo.

P: Quando você veio para aqui você trabalhar na lavoura?

ROSA: Trabalha nos dois, trabalhava em lavoura e em casa de família. Eu trabalhei em lavoura e depois parei, fui trabalhar em casa de família, depois voltei para a lavoura de novo, mas mesmo assim sempre dei meus pulos sabe?! Quando trabalhava em casa de família ou lavoura eu lavava roupa. Porque lá no haras mora muito rapaz, solteiro, a família mora longe, ai a gente pegava a roupa deles para lavar, e recebia no final do mês. Depois viemos para cá de novo, pagamos aluguel durante uns dois anos. Até que apareceu aquele lote lá daquela casa, ai nós compramos, juntou todo mundo, não foi só um só. Foi ele (ex-marido), foi meu pai, foi eu, tudo ajudamos a construir a casa, meu tio principalmente, foi o que mais ajudava. Moramos lá na casa e ficamos três anos só, ai aconteceu aquilo da tragédia.

P: E hoje você trabalha com o que?

ROSA: Hoje eu trabalho de serviços gerais [risos]

P: No dia da enchente você estava onde?

ROSA: Estava na minha casa lá.

P: Se você se sentir a vontade, tem como você contar como foi?

ROSA: Foi de segunda para terça, na segunda quando choveu... Choveu o dia todo que eu lembro, a noite toda também. Até que eu estava com plano... Na segunda feira, estava ajeitando até para sair para trabalhar, ai não fui, naquela época estava trabalhando de diarista, tinha as casas certas de ir trabalhar, não fui, deixei para ir na terça. Naquela noite estava chovendo firme, aquele barulheiro, aqueles relâmpagos, trovoadas. Eu lembro que estava chovendo e eu John Lennon ficamos até uma hora da manha, aquela chuva, ai não queríamos dormir, não queríamos deitar, ficamos até uma hora. Chegou o pai dele e mandou desligar a televisão... eu estava até vendo televisão, porque daquele barulheiro, parecia que nós estávamos sentido não é?! Desliguei, e John Lennon foi para o quarto dele e dormimos. Entre esse tanto assim, fomos deitar umas duas horas da manha, só que aquele relâmpago, aqueles barulheiros de relâmpago, barulho doido, parecia que estava arrebatando tudo. Uma certa hora, devia ser umas cinco horas eu levantei pra ver John Lennon, porque ele dormia no quarto dele sozinho. Quando eu botei o pé no chão já estava aquele aguaceiro, nos pés, já estava pegando quase na canela, mas minha cama não chegou a molhar, chegou só até na canela, no meio das pernas assim... Quando vi aquela água gritei, chamei Deus: "ai meu Deus!" e fui para o lado onde estava o John Lennon, só que na hora que eu fui, quando eu olhei



com o relâmpago, porque muito escuro não dava para ver, porque não tinha mais luz, não tinha nada. Com o relâmpago eu vi aquele mundarel d'água, aquele mar sabe?! Aquele mar mais alto do que a minha casa mesmo estava. Eu acho que naquele barulheiro que estava, acho que já estava arrebatando a casa toda e eu não vi, eu pensava que era relâmpago, mas neste caso estava arrebatando tudo, acabando com tudo, já tinha levado o quarto dele, já tinha levado a cozinha, banheiro, sala, eu não sei porque, por incrível que pareça ficou o meu quarto e o do meu pai, só sujou, só entrou água. Quando eu fui para o lado do quarto do John Lennon pensando que ele estava morrendo afogado, veio a parede... não sei se foi do quarto dele, não sei, só sei que veio uma parede que me bateu, e me jogou para o quarto do meu pai. Papai assim... todo mundo ficou em desespero... meu pai tadinho... tinha se machucado naquele dia, ele estava deitado. Eu e o pai de John Lennon ficamos desesperados. Quando ele gritou que o menino já tinha morrido, que já tinha perdido, eu entrei em desespero. Na hora que eu estava no quarto dele eu subi a parede, eu escalei a parede, mas para mim, eu achava que ia alcançar colocar o pé no chão, porque estava escuro eu não estava vendo. Nisso que eu me joguei a água me levou também. Me machuquei bem, engoli muita água, muita lama... [emoção]

P: E o John Lennon?

ROSA: A água já tinha levado ele, pelo que eu vi, o mundarel de água, ele não ia ficar embaixo daquela água, estava mais alto do que a casa, estava aquele marzão de água. Mas para mim, na hora eu imaginei que ele estava ali sufocado mesmo, devia estar na água ali afogado [emoção]. Mas só que não deu tempo, a água me levou, mas só que ele já tinha... pelo jeito, só podia que foi na frente não é?! E por incrível que pareça ele foi dormindo (antes da entrevista, a Elena havia explicado que o filho havia sido levado em cima do colchão que foi flutuando), ela não viu. Ele falou que ele lembra depois que veio uma árvore e bateu nele e ele acordou e água afundou ele, a lama, sei lá, aí ele subiu. E eu consegui segurar numa moita de bambu, com o relâmpago eu cheguei a ver e agarrei a moita de bambu, aí escalei e fiquei segurando com maior medo de o galho sair, quebrar. A pressão da água estava muito forte, conforme eu segurava a árvore ia lá e voltava, eu segurando e ela me levando para lá e para cá. Ali eu nem imaginava onde eu estava, para mim, eu já tinha passado o bueiro, já tinha passado tudo e estava muito longe, pelo baque d'água eu levei, eu já estava assim... virava de tudo quanto é maneira e eu tentava segurar nos troços e não conseguia, eu achava que estava muito longe.

P: E o John Lennon se salvou como?

ROSA: John Lennon foi para o lado do galinheiro do senhor Hélio Pacheco e eu fiquei do lado.

P: Você chegou a perder alguém da família?

Não

P: E vizinhos?

ROSA: Perdi o vizinho que morava perto da minha casa, o casal, mas assim, parente mesmo, graças a Deus não perdi.

P: Você acredita em Deus?

ROSA: Demais, nossa senhora, acho que sem Deus a gente não vive, jamais,

igual que eu estou falando, tudo que eu vou fazer, até meu serviço eu boto Deus na minha frente, peço para Ele me ajudar, me dar força, quando sai daí de madrugada, saio conversando com Ele, para Ele me proteger. Nossa, acho que sem Deus a pessoa não vive não, não é?!

P: Você tem alguma religião?

ROSA: Eu sou católica. Sigo muito a igreja católica, não penso assim... posso até ser que eu mude de religião, mas eu nasci e criei nessa religião. Mas não tenho contra nada das outras, acredito também, respeito as outras religiões. Quando era moça, antes de eu casar, eu seguia, eu ia na igreja batista, que as minhas colegas eram tudo da batista, da igreja batista, então ficava junto com elas ali.

P: Você acha que é Deus quem controla a chuva, a natureza?

ROSA: Eu acho que Deus está em todas, mas a natureza também ajuda também. Por isso que eu penso bastante assim, que os homens estão estragando a natureza, não sei se está errado, mas eu penso que os homens estão estragando a natureza e a natureza está revoltada. Porque coisa que nunca aconteceu está acontecendo, coisa que a gente nem imagina já está acontecendo no mundo.

P: Você acha que foi Deus quem provocou esta catástrofe?

ROSA: Eu acho que não, Deus pode ter dado até uma demonstração, mas eu acho que Deus não vai fazer o mal para os filhos d'Ele, eu não acredito que Deus, tipo assim, é maldoso nesse ponto. Eu acho que tinha que ter sido mesmo de acontecer. Portanto que eu penso mesmo, eu acho que eu tive uma grande vitória, se não fosse Deus ter me segurado, me ajudado, ajudado meu filho, eu acho que a gente não sobreviveria, porque na hora ali eu pedi muito a Ele, falei "Deus me socorre! e vê meu filho também, olha meu filho por mim porque eu não sei onde ele está", porque eu não sabia onde ele estava, porque para mim também eu achava que meu filho ia estar morto. [emoção] Mas graças a Deus... quando eu escutei o grito dele, nossa senhora, aquilo me deu uma esperança. Eu estava parada, falei "pronto, não tenho mais ninguém mesmo, meu filho se foi", eu imaginei mesmo, falei, o que que eu faço? Eu consegui me salvar, o que que eu faço? Eu solto e acabo de morrer? Eu imaginei, ou fico aqui? Mas parece que... aí conversei com Deus, falei "Deus, e agora o que que eu faço? Não vou ter meu filho?" Aí nisso que acabei de imaginar isso ele gritou do outro lado. Veja se não foi uma grande vitória?! Comecei a gritar, não podia gritar muito por que estava com a boca cheia de lama, de terra, porque tinha engolido a água, mas comecei a gritar, gritar socorro. No mesmo instante que gritava socorro eu gritava John Lennon, gritava ele para segurar, pra eu saber aonde ele estava gritando não é?! E o medo de ele desmaiar ou acontecer alguma coisa e eu não achar mais ele?! Já que eu tinha escutado o grito dele eu queria salva-lo de qualquer jeito. Até que o menino... o filho do senhor Amadir, escutou os meus gritos e foi com a lanterna para mim, aí clareou para mim e eu vi onde eu estava, eu escalei, subi, sai de pé no chão, as roupas tudo já praticamente rasgada, nas pedras rasgou tudo. Engaçado não é?! Eu falei mesmo, veja se não é Deus, caiu um barreiro do lado lá eu nem quis saber, eu sai batida e fui lá buscar o John Lennon, num podia ter morrido na enchente, mas nós dois podíamos ter morrido na barreira, que estava caindo na hora que passei com ele, estava caindo barreira.

P: E como você conseguiu sair, por que você estava machucada, certo?

ROSA: Não, até que... eu achei que estava quebrado, esse braço meu aqui

ficou bem inchado, na hora que eu fui buscar ele eu sentia bem doendo, mas eu não queria nem saber de dor. O corpo todo doendo, nem imaginava, mas para mim foi arranhãozinho, arranhei pouco, mas quando cheguei que vi a mão toda cortada. Eu achei que tinha quebrado esse braço também, porque ficou inchado, mas ai graças a Deus só foi uma torção, não quebrou nada não.

P: Você falou então que foi milagre, certo?

ROSA: Eu acredito, foi milagre, foi tudo por Deus. Falo sempre e sempre estou falando, tive uma grande vitória com Deus. Tive a vitória com Deus porque me salvei, ai tive também a casa, que juntou todo mundo, graças a Deus, vocês ai, não tenho como agradecer, pra ter onde morar de novo, porque estava pagando aluguel.

P: Porque Deus poupou algumas pessoas e outras não?

ROSA: Não sei, eu acho que foi escolhido, o que era para ficar e o que era para sair, sei lá, eu posso estar até errada, mas eu penso isso, não teve escolha não é?! Foi pobre, foi rico, foi criança, adulto. Parece que foi assim escolhido, esses vão e esses ficam, pra mim... posso estar até errada, mas eu sempre pensei isso assim.

P: E como ficaram seus sentimentos em relação a Deus na época da enchente? Por que muitas pessoas ficaram tristes? Contigo como foi?

ROSA: Ficaram mesmo, muita gente reclamou mesmo, Deus não podia ter feito aquilo! Mas comigo bateu muita tristeza sabe, eu falo a verdade, eu estive até com depressão. Por que lutei muito para ter a casa, fiquei anos, eu ia trabalhar a dia para ter aquele dinheiro, guardava e comprava tudo que podia comprar eu comprava material para casa, pra fazer a casa. Eu fiquei triste para caramba, fiquei triste na hora, mas assim, revoltada com Deus eu não fiquei não, eu falei assim, o que tinha que ser... o que era para acontecer aconteceu. Eu não fiquei não.

P: Você conhece alguém que tenha ficado revoltado com Deus?

ROSA: Na época assim eu quase não tive conversa com quase ninguém. Por que a minha vontade era ficar só no canto, não queria conversar com ninguém, mas algumas pessoas falaram, "ô, Deus não podia ter feito isso!" eu lembro Deus não podia ter feito isso, matou fulano, matou ciclano "ai eu mesmo falei Deus não matou, foi... as vezes foi a hora deles de ir", por que se fosse assim... tinha chegado minha hora também. Ai eu falo, Deus achou que não era minha hora, nem minha hora nem do meu filho, por que também se eu ficasse e meu filho tivesse ido, também não tinha como... eu também não ia querer sobreviver também. Eu acho que é assim eu imagino, se eles tiraram a pessoa, eu acho que Deus sabia que aquela pessoa ia ter força para agir, para se equilibrar da perda, mas eu não fiquei revoltada com ele não, eu sei que sem Ele a gente não é nada.